

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO



LEITURA ENTRE OS JOVENS
contributos para uma compreensão

Natália Maria Antunes Caseiro

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Área de especialização em Educação e Leitura

2007

ERRATA

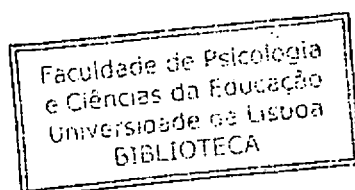
- p. 26 – linha 14 – onde está “Evidência 14” deve ler-se “Evidência 15”
- p. 36 – linha 14 – onde está “(Fontes, 1999)” deve ler-se “(Fortuna & Fontes, 1999)”
- p. 46 – linha 1 – onde está “acentuado” deve ler-se “acentuada”
- p. 64 – nota 19 – onde está “estão 3 separados” deve ler-se “estão separados”
- p. 79 – nota 26 – onde está “ de forma a casos” deve ler-se “ de forma a controlar casos”
- p. 99 – linha 26 – onde está “você e u” deve ler-se “você e eu”
- p. 105 – linhas 27-28 – onde está “(Marques, 1996, p.54)” deve ler-se “(Marques, 1995, p. 54)”
- **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - pp. 123-125**
 - p. 124 – onde está: FORTUNA, Carlos – *Leitura juvenil: hábitos e práticas no distrito de Coimbra*. Lisboa: IPLB: OAC, 1999. (Sobre a leitura; 1), deve ler-se: FORTUNA, Carlos; FONTES, Fernando – *Leitura juvenil: hábitos e práticas no distrito de Coimbra*. Lisboa: IPLB: OAC, 1999. (Sobre a leitura; 1)
 - p. 124 – onde está “LOPES, João Teixeira – *Tristes escolas: práticas culturais estudantis no espaço escolar urbano* – Porto: Afrontamento, 1996”, deve ler-se: “LOPES, João Teixeira – *Tristes escolas: práticas culturais estudantis no espaço escolar urbano* – Porto: Afrontamento, 1997.”
 - Faltam as seguintes referências bibliográficas:
 - FOUCAULT, Michel – *O que é um autor?*. Lisboa: Vega, 1992
 - LOPES, João Teixeira; ANTUNES, Lina – *Bibliotecas e hábitos de leitura: balanço de quatro pesquisas*. Lisboa: IPLB: OAC, 1999. (Sobre a leitura)
 - LOPES, João Teixeira; ANTUNES, Lina – *Novos hábitos de leitura: análise comparativa de estudos de caso*. Lisboa: IPLB: OAC, 2001. (Sobre a leitura)
 - LOPES, João Teixeira; ANTUNES, Lina – *Bibliotecas e hábitos de leitura: instituições e agentes: relatório síntese*. Lisboa: IPLB: OAC, 2000. (Sobre a leitura)
 - PAIS, José Machado – *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO

LEITURA ENTRE OS JOVENS
contributos para uma compreensão

Natália Maria Antunes Caseiro



**Dissertação apresentada para obtenção do Grau de
Mestre em Educação e Leitura**

Professor Orientador: Dr. Jorge Ramos do Ó
Curso 2004/06

2007

RESUMO

Centrado num espaço escolar específico (Escola Secundária de Domingos Sequeira em Leiria), o estudo apresentado incide sobre as práticas de leitura dos jovens do ensino secundário e pretende desenvolver uma abordagem compreensiva e desapassionada dessas práticas, explorando uma diversidade de recursos de investigação ao dispor, no ambiente da respectiva biblioteca escolar.

Em termos metodológicos, foram explorados três tipos de dados. Por um lado, as evidências de uso acumuladas ao longo do tempo pelos utilizadores no espaço da biblioteca; incluem dados estatísticos de requisição de documentos e marcas de uso deixadas pelos alunos nos livros e que transmitem ao observador distanciado um perfil de leitor e da própria instituição. Por outro lado, e com vista a um conhecimento mais grupal das práticas de leitura dos jovens, foram recolhidos dados através de um questionário por inquérito, aplicado a uma amostra de três turmas do 11º ano de diferentes áreas de estudo da escola. Estes dados de natureza quantitativa foram complementados com abordagens individuais de casos atípicos de jovens leitores e com a análise de registos de recepção de leitura de um *corpus* de fichas; estes contributos de natureza qualitativa alargaram a compreensão do objecto de estudo, facetando-o na sua complexidade, nem sempre redutível a determinismos familiares, geográficos ou sociais.

Esta investigação localizada foi complementada com um enquadramento mais global do fenómeno da leitura, inserindo o jovem no actual contexto da sociedade da informação e de consumo cultural massificado que determinam novas práticas de leitura e de apropriação de cultura impressa. Não estigmatizar essas novas práticas mas saber acompanhá-las e integrá-las é a ideia forte final que este estudo pretende acentuar.

PALAVRAS-CHAVE:

Práticas de Leitura / Bibliotecas Escolares / Jovens: Hábitos de Leitura / Sociedade de Informação / Cultura de Massas

ABSTRACT

The main goal of this study is trying to provide an objective and passionless approach concerning the reading practices of secondary school teenagers, centred on a specific school library. This study is based on three methodologies of observation: collecting evidence of pupils' presence in a school library; holding surveys about their reading and leisure practices and questioning young people's personal statements which escape a sociological and group approach. Through these supports of investigation, we can delineate a new scenery of teenagers' reading practices: they read but in a different way, different from the adults' ones. However, the understanding of these reading procedures tend to be incomplete if it is limited to the boundaries of a certain school; a local reading practice reflects a global social environment, in which mass culture and the information society have created a new code of reading and appropriation of the printed culture. Social stigmatization on reading means social exclusion and the school libraries must avoid this trend, because the young generation can not grow without information, books and knowledge.

KEY-WORDS:

Reading Practices / School Libraries / Young People Reading Habits / Information Society / Mass Culture

SUMÁRIO

CAPÍTULOS	PÁGINAS
INTRODUÇÃO	1. INTRODUÇÃO
	1
	1.1. Objecto e objectivos do estudo
	1
	1.2. Suportes metodológicos
	4
	1.3. Suportes teóricos
	5
CAP. I	1. LEITURA JUVENIL – EVIDÊNCIAS DE UM ESPAÇO
	8
	1.1. Referencial teórico
	9
	1.2. As evidências
	10
	1.2.1. Evidências de leitura - registos de empréstimo...
	11
	1.2.2. Evidências físicas de uso na documentação
	16
	1.2.2.1. Tipo de marcas
	17
	1.2.2.2. Intencionalidade das marcas
	21
	1.2.2.3. Livros recuperados
	22
	1.2.2.4. Livros desaparecidos
	25
	1.2.2.5. Objectos abandonados
	27
	1.3. Conclusões parcelares
	28
CAP. II	1. LEITURA JUVENIL – ABORDAGENS DE ESTUDO
	31
	1.1. Estudos de sociologia da leitura ...
	32
	1.1.1. Portugal – inquéritos globais de leitura
	34
	1.1.1.1. Inquéritos no âmbito da Leitura Pública
	35
	1.1.1.2. Inquéritos sobre Leitura Juvenil
	36
	1.1.1.3. Estudos sobre Literacia
	38
	2. Dados do Inquérito
	39
	2.1. Caracterização da amostragem e opções metodológicas
	39
	2.2. Tempos livres
	41
	2.2.1. Tempos livres e lazeres sociais
	41
	2.2.2. Tempos livres e leitura
	42
	2.2.3. Tempos livres de rapazes e raparigas.....
	46
	2.2.4. O dinheiro e os objectos
	47
	2.2.5. Tempos livres e associativismo
	50

	2.3. Práticas de leitura	50
	2.3.1. Relação com o livro	50
	2.3.2. Géneros preferidos	56
	2.3.3. Títulos preferidos	59
	2.3.4. Outros consumos culturais	61
	2.3.5. O papel da escola	62
	2.3.5.1. A biblioteca escolar	63
	2.4. Práticas de escrita	66
	2.5. Síntese conclusiva do inquérito	70
	2.5.1. Conclusões parcelares	71
	3. Limites de uma abordagem por questionário	74
	3.1. Recepção da leitura.....	75
	3.1.1. Tês sujeitos de leitura	75
	3.1.2. Recepção ao livro em fichas de leitura.....	78
	3.1.2.1. Grau de adesão	89
	3.1.2.2. Ausência de intertexto	91
	3.2. Estética da Recepção - Fundamentação teórica	93
CAP. III	1. LEITURA JUVENIL – NOVOS PARADIGMAS	97
	1.1. Discurso geracional do adulto	98
	1.2. As diferentes iliteracias	100
	1.3. Cultura juvenil?	102
	1.3.1. Cultura juvenil versus Cultura de Massas	106
	1.4. A leitura de ecrã	110
	1.4.1. Informação e saber	113
	1.4.2. A erosão do autor	116
	1.4.3. Fala-Leitura	117
	2. Palavras finais	118
CAP. IV	CONCLUSÕES	119
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122
	ANEXOS	126
	Anexo A – Caracterização da BE-CRE da ESDS	127
	Anexo B – Inquérito por questionário	138
	Anexo C – Inquérito sobre Métodos de Estudo	146

ÍNDICE DE EVIDÊNCIAS E QUADROS

EVIDÊNCIAS	PÁGINAS
Evidência 1 – Empréstimo por suporte e modalidade	12
Evidência 2 – Empréstimo domiciliário de livros – 2000/06	13
Evidência 3 – Títulos mais requisitados – 2000/06	14
Evidência 4 – Requisição de títulos de autores de Prémio Nobel da Literatura	15
Evidência 5 – Requisição de títulos de Nicholas Sparks e Isabel Allende	15
Evidência 6 – Anotações de estudo	17
Evidência 7 – Anotações pessoais	18
Evidência 8 – Anotações do serviço	18
Evidência 9 – Anotações do serviço	18
Evidência 10 – Dedicatórias-ofertas	19
Evidência 11 – Página com recorte	21
Evidência 12 – Capa marcada	21
Evidência 13 – Páginas subtraídas	21
Evidência 14 – Livros recuperados	23
Evidência 15 – Livros de BD desaparecidos – 2004/06	26
Evidência 16 – Livro restituído	28
QUADROS	
Quadro 1 – Idade	40
Quadro 2 – Cursos	40
Quadro 3 – Sexo	40
Quadro 4 –Residência	40
Quadro 5 – Rendimento escolar	41
Quadro 6 – Ocupação de tempos livres	41
Quadro 7 – Tempos livres e leitura de livros segundo rendimento escolar e residência	43
Quadro 8 – Tempos livres e leitura de periódicos segundo rendimento escolar e residência	43
Quadro 9 – Tempos livres e leitura de periódicos e livros segundo o sexo	44
Quadro 10 – Tempos livres e leitura de periódicos e livros segundo o curso.....	44
Quadro 11 – <i>Hobbies</i> de tempos livres	46
Quadro 12 – Dinheiro das mesadas/semanadas	47
Quadro 13 – Preferência de presente	47
Quadro 14 – Frequência de leitura de jornais e revistas	48
Quadro 15 – Frequência de leitura de livros	48

LEITURA ENTRE OS JOVENS – contributos para uma compreensão

Quadro 16 – Frequência de gastos em livros	48
Quadro 17 – Frequência de gastos em jornais e revistas	49
Quadro 18 – Participação em associações	49
Quadro 19 – Participação em grupos cívicos	50
Quadro 20 – Média do número de livros lidos por ano	51
Quadro 21 – Autodefinição do percurso de leitor	52
Quadro 22 – Cruzamento de respostas sobre a leitura	52
Quadro 23 – Leitura de periódicos em casa	53
Quadro 24 – Tipo de informação de periódicos	53
Quadro 25 – Conselhos para escolha de livros	53
Quadro 26 – Razões de afastamento de uma sessão de leitura	54
Quadro 27 – Inclusão de livros em saídas	54
Quadro 28 – Café – levar livro	55
Quadro 29 – Café – levar livro segundo o jovem	55
Quadro 30 – Géneros preferidos	56
Quadro 31 – Géneros preferidos e géneros em casa	57
Quadro 32 – Número de livros em casa	58
Quadro 33 – Livro recomendado e último livro lido	59
Quadro 34 – Filme, teatro e concerto – últimos consumos	61
Quadro 35 – Leituras obrigatórias a Português	62
Quadro 36 – Conversas sobre livros com os colegas	63
Quadro 37 – Frequência de utilização dos espaços de recursos e apoio da escola	64
Quadro 38 – Rotinas na biblioteca	65
Quadro 39 – Registos no livro escolar	66
Quadro 40 – Registos no livros não escolar	67
Quadro 41 – Uso da escrita fora do contexto escolar	67
Quadro 42 – Frequência de uso de recursos electrónicos	68
Quadro 43 – Comunicação electrónica por género	68
Quadro 44 – Tipo de mensagens registadas	68
Quadro 45 – Contributos da escrita de mensagens	69
Quadro 46 – Contributos da escrita na leitura	69
Quadro 47 – Registos sobre livros no Fórum	80
Quadro 48 – Registos sobre música no Fórum	100

“Para mim, o primeiro significado que começa por ter a palavra *fese* é o de obrigar o candidato a criar uma espécie de varanda sobre o mundo. E o que desse plano distanciado alcançará só pode corresponder ao que os instrumentos teóricos que ele próprio maneja lhe permitem descortinar.”

Jorge Ramos do Ó – O governo de si

1. INTRODUÇÃO

1.1. OBJECTO E OBJECTIVOS DO ESTUDO

Do título à finalidade - No princípio era *o verbo*. Nesta investigação, o seu princípio é o título com subtítulo e, através deles, pretende-se exprimir a essência deste trabalho: por um lado, o seu objecto de estudo; por outro, a postura de investigação. Conhecer as práticas de leitura entre os jovens entre os 15 e 18 anos é o objectivo que se pretende atingir, através de um estudo delimitado num espaço escolar específico, que represente um contributo para uma melhor compreensão dessas práticas. Um contributo não exclui outros olhares. Uma *melhor compreensão* não encerra explicações e muito menos definitivas. Nesta atitude de alargamento de *compreensão*, encerra-se a tese-problema deste estudo: o olhar comum sobre a leitura juvenil está eivado de estigmatizações e preconceitos que parecem desconhecer os novos cenários em que se produzem e transmitem a informação e conhecimento, condicionantes de novas formas de ler e escrever.

A produção de estudos sobre a leitura é farta: os estudos literários centrados na análise da cultura letrada; a pedagogia da leitura centrada na didáctica dessa cultura na escola; a sociologia da leitura centrada nas práticas e representações dum grupo restrito ou alargado de leitores; a história da leitura centrada nos contextos históricos de quem escreve e de quem lê. A história do livro e das bibliotecas, a história da cultura e educação são outros tantos domínios do saber por onde se transversaliza o estudo da leitura, com destaque para uma ou outra área disciplinar, com maior ou menor ênfase para o *corpus* teórico ou para o objecto de análise. Na triangulação autor/texto/leitor, ora se privilegia uma ou outra das três componentes, e a opção, por si só, de uma delas já envolve uma grande complexidade de análise: que autores? Que textos? Que receptores?

A *filiação* deste trabalho está feita, acima de tudo, num grupo específico de receptores e os suportes teóricos de que se socorre são tentativas de iluminar a realidade em análise e nunca serão colocadas à sua frente como filtro condicionador.

Há a consciência de que este contributo de investigação constitui mais um discurso sobre essa mesma realidade, mas pretendemos dotá-lo do máximo de facetas, para que a sua complexidade se evidencie, mesmo que a *verdade* fique encoberta. Talvez assim, esta investigação seja (mais) um contributo que permita relativizar algumas ideias comumente feitas sobre o que lêem e a forma como lêem os jovens de hoje.

Da finalidade às formas de a alcançar - Conhecer as práticas actuais de leitura dos jovens e caracterizar as tendências manifestadas assumem-se como os objectivos primordiais deste trabalho. Para os atingir, é necessário desdobrá-los em questões que complexifiquem os interrogativos genéricos *o que lêem e como lêem*. Questões como: quais as práticas de leitura dos jovens em espaço escolar? Essas práticas mantêm-se homogêneas ao longo do tempo? O que distingue o jovem leitor do leitor adulto? Há identidade grupal nos consumos juvenis de leitura e lazer em geral? Que traços caracterizam efectivamente os hábitos de leitura dos jovens, a nível das práticas e representações declaradas? Os comportamentos de leitura na escola passam essencialmente pela biblioteca? As declarações de leitura correspondem a práticas efectivas? Qual o grau de fiabilidade do discurso dos sujeitos sobre as suas leituras? Que bitolas permitem aferir a verdade desse discurso? Quais as condicionantes que marcam a recepção da leitura? O comportamento juvenil é geracional ou enquadra-se numa cultura social mais geral? Pode-se falar de um novo paradigma de leitura e escrita? Como deve a escola lidar com as manifestações diferentes de padrões de leitura e cultura?

Para ir ao encontro das respostas a estas questões são, à partida, definidas algumas estratégias de levantamento de dados e aprofundamento de problemática: por um lado, recolher, numa biblioteca escolar, evidências de consumo de leituras dos jovens através de indicadores de requisição de documentação, marcas de usos nos livros, documentação desaparecida e outras evidências de utilização, caracterizando as variáveis que interferem no diálogo jovem/livro. Por outro lado, reunir, a partir de um inquérito por questionário, dados sobre as práticas de leitura e outros consumos

culturais dos jovens, tendo como referência outros estudos publicados no âmbito da leitura juvenil, em bibliotecas escolares e bibliotecas públicas. Outra das estratégias deste trabalho consiste em recolher testemunhos individuais de práticas de leitura, no âmbito de projectos de animação implementados, no ano de aplicação deste estudo, na biblioteca escolar e da apresentação de livros na sala de aula na disciplina de Português.

Do aqui e agora - O contexto deste estudo corresponde a uma escola secundária situada em Leiria – Escola Secundária de Domingos Sequeira -, a partir de dados recolhidos na respectiva biblioteca escolar e em situação de aula, em alunos de 15 a 18 anos, no ano lectivo de 2005/06. Junta-se (Anexo A) uma caracterização complementar da escola e biblioteca.

De onde se devia abandonar a 3ª pessoa de enunciação – A centralidade no receptor-jovem do ensino secundário neste estudo justifica-se por razões de natureza profissional, social e pessoal. Na origem desta opção, está o envolvimento prolongado da autora do estudo como documentalista numa biblioteca escolar e a sua situação de professora de Português, criando um contexto favorável à observação das práticas de leitura dos jovens. Há, assim, o privilégio de estar reunido um conjunto de condições objectivas e subjectivas que permitirão analisar e interpretar dados indispensáveis para a investigação do tema proposto: sensibilidade e preocupação profissional com a temática em estudo; contexto de trabalho escolar favorável; projectos em curso na Biblioteca Escolar-Centro de Recursos Educativos; condições favoráveis de recolha de dados; contexto de implementação do Plano Nacional de Leitura. A situação de sobre este tema prevalecerem ideias feitas e onde é (demasiado) fácil ter opinião, constituem um desafio à presente abordagem.

Apesar do excessivo envolvimento do sujeito da investigação nem sempre ser uma garantia de um estudo objectivo e desapassionado e de a própria temática ser susceptível de uma atitude emotiva, é intenção deste trabalho analisar *sem estados de alma* a matéria; simultânea e paradoxalmente, esta abordagem não se inibirá de explorar as possibilidades teóricas e argumentativas de defesa de uma interpretação. O desafio deste trabalho académico irá permitir um equilíbrio (im)possível em corda bamba entre saber pessoal/profissional, saber científico e opções metodológicas.

Metodologicamente, é conveniente enunciar os objectivos e estratégias para os concretizar.

1.2. SUPORTES METODOLÓGICOS

O contexto deste estudo cria um campo de investigação onde são possíveis de ensaiar vários métodos de recolha de dados que, só o prosseguimento do estudo, irá filtrar e adequar.

Por um lado, o levantamento de evidências de utilização numa biblioteca escolar por parte da população alvo deste estudo, ao longo de 18 anos. Certamente que as preferências e o comportamento leitor dos jovens passa pelas marcas que deixam nestes espaços dos livros. São as evidências de leitura numa Biblioteca Escolar. Suficientes? Apenas uma parte do todo.

Por outro lado, a abordagem por inquérito de uma amostra da população alvo irá ser igualmente explorada, aproveitando as possibilidades do campo de trabalho e complementando, assim, uma abordagem mais genérica e abrangente. Suficiente? Apenas mais uma parte do todo.

Por outro lado ainda, a oportunidade de gerir projectos de animação de leitura dentro da sala de aula e na sala de leitura da biblioteca estimula a observação de casos individuais de recepção e o contacto com os mecanismos mais internos de recepção do livro. Suficientes? Igualmente mais um pedaço do mesmo problema.

Na sua base, estão em mistura diferentes metodologias de pesquisa e de investigação.

Concilia-se, por um lado, uma perspectiva diacrónica do objecto em estudo, observando-a num devir temporal, com segmentos desse mesmo objecto num determinado corte sincrónico.

Concilia-se um tipo de pesquisa que, a nível de objectivos é de tipo descritivo e até explicativo com uma pesquisa mais exploratória porque desbrava um terreno de investigação pouco trabalhado.

Concilia-se, por outro lado, ferramentas de pesquisa preparadas especificamente pelo investigador, como o inquérito por questionário, com evidências e vestígios que o tempo vai deixando nos espaços em estudo, e que, em vez de serem criadas pelo investigador, apelam à sua descoberta interpretativa.

Concilia-se, finalmente, métodos extensivos de carácter quantitativo que caracterizam comportamentos grupais em matéria de leitura e lazeres juvenis, com métodos intensivos de natureza qualitativa, baseados na observação directa da recepção individual de leitura.

Com o risco de se incorrer numa certa dispersão e *heterodoxia metodológica*, abre-se a oportunidade de abrir vasos comunicantes entre suportes de investigação, de forma a responder ao compromisso de fundo que este trabalho faz, ao definir a sua finalidade e objectivos.

Ao enunciar o processo de investigação como uma mera soma de partes com vista ao alcançar do todo, parece estar subjacente uma perspectiva totalizadora e fundamentalista de verdade, que deve estar arredada do espírito científico de investigação. Não há verdades, há ideias de verdades. Melhor dizendo, há discursos sobre o real, que o pretendem explicar. É consciente deste carácter redutor da linguagem que, neste trabalho, se pretendem ensaiar várias perspectivas de focalizar a mesma problemática, quais pedaços de espelho partido sobre a realidade.

1.3. SUPORTES TEÓRICOS

A *heterodoxia metodológica*, assumida no ponto anterior, é extensível ao campo dos contributos teóricos. O sociólogo João Teixeira Lopes falava em *Heterodoxia controlada*, no seu estudo sobre as práticas culturais estudantis (1997, p.33). Reivindica-se, assim, um intercâmbio de reportórios teóricos que se ajustem à versatilidade do real em análise, de forma a que a complexidade desse mesmo real surja, com os suportes necessários do quadro teórico. É assim que, nalguns capítulos, se encontrem referenciais teóricos *a priori* e, noutros, elas apareçam *a posteriori*, isto é, há situações de análise que partem de *corpus* teóricos já construídos e onde se ensaia a sua aplicação, e outros em que se chega a ferramentas teóricas de autores depois de ensaiada a análise com os dados da realidade. A título de exemplo, incluem-se na primeira situação os estudos da Sociologia da Leitura, e no segundo, os estudos da Estética da Recepção.

Os contributos da Sociologia da Leitura tornam inevitável que esta seja uma referência obrigatória a incorporar num estudo sobre práticas de leitura. Ela está

presente em diversos estudos nacionais e internacionais, caracterizadores de consumos de leitura e culturais em geral, tanto ao nível da população adulta, como do sector juvenil. Efectivamente, a perspectiva sociológica apresenta contributos únicos para a compreensão do fenómeno da leitura, ao debruçar-se sobre: os mecanismos grupais que actuam nas opções dos jovens; os factores de identidade juvenil; a importância da socialização primária com a leitura; as raízes culturais, sociais, familiares e geográficas do problema. Concebendo a leitura como um dado empírico analisável, a sociologia tem contribuído para um levantamento de dados através de métodos objectivos e quantificáveis, operacionalizando categorias de análise, tipologias, padrões e nomenclatura metodológica. Foi com estas ferramentas que foi construído o questionário do Capítulo II.

Numa segunda fase desse estudo por questionário, depois das conclusões dos resultados, foram ensaiadas outras facetas de investigação, em que se procurou um *corpus* teórico que sustentasse o *corpus* do real. Foram cruzadas, assim, perspectivas e incorporadas neste estudo outras abordagens que valorizassem os mecanismos individuais de recepção e o próprio texto em si, *desterritorizado* do seu produtor ou leitor. Daí que os contributos da Estética da Recepção da leitura estejam, igualmente, na perspectiva de análise teórica do presente estudo.

Efectivamente, a leitura é uma problemática complexa e essa complexidade deve emergir através dos diferentes contributos teóricos de abordagem, sem filiações exclusivistas ou *manta-de-retalhos* incoerente. A leitura participa na esfera do público e do privado dos indivíduos, tanto no trabalho como no lazer, e condiciona o acesso a todas as formas e sistemas de comunicação. Principalmente no mundo actual em que a actividade de *leitor* se complexificou, é imprescindível compreender outras maneiras de ler e descodificar formas novas de escrita e comunicação. O jovem leitor proposto como alvo deste estudo está no turbilhão destas mudanças. Analisá-lo com lentes do passado não ajudará a compreendê-lo e a torná-lo melhor consumidor das diferentes leituras. Que são leituras do mundo, para uma pessoa em construção.

“As escadas subiam em espiral na penumbra, como uma saída de incêndio do inferno, aí colocada para enganar os condenados. Arrastou-se por quatro lanços acima e, sempre a coxear, avançou ao longo de uma coxia estreita entre prateleiras altas repletas de livros. Encontrava-se na Teologia. Abelardo, Alcuín, Aquino, Agostinho. Agostinho, o santo que conheceu o pecado por experiência própria. Pegou num livro com a vaga esperança de lá encontrar algum conselho, mas foi distraído ao avistar uma sanduíche de queijo ao fundo da prateleira. Parecia seca e um tanto bolorenta; e os cantos estavam revirados para cima como pés de um cadáver. Pensou ter ouvido um rato evadir-se algures por detrás dos livros. Sentiu um estranho consolo ao pensar que outro ser humano – porventura outro fugitivo – tinha atravessado este cemitério de velhas controvérsias e deixado esta marca da sua passagem.”

David Lodge – *O Museu Britânico ainda vem abaixo*

CAPÍTULO I

1. LEITURA JUVENIL – EVIDÊNCIAS NUM ESPAÇO

- Referencial teórico
- As evidências

Evidências de leitura através de registos de empréstimos

Evidências física no uso da documentação

Tipo de marcas

Intencionalidade das marcas

Livros recuperados

Livros desaparecidos

Objectos abandonados

O primeiro capítulo deste estudo orientar-se-á para materiais de análise não preparados especificamente para a investigação e deixados, no espaço de uma biblioteca escolar, pelos respectivos utilizadores, ao longo do tempo. Nessas evidências de uso, incluem-se os dados de requisição de documentos, as marcas físicas nos livros e também o seu desaparecimento dos fundos escolares. Esses elementos constituirão dados que permitem uma primeira abordagem às práticas de leitura dos jovens numa biblioteca escolar e os respectivos condicionamentos e especificidades.

O desafio de uma bibliotecária escolar analisar as práticas de leitura das sucessivas gerações de jovens com quem trabalha há 18 anos na biblioteca é similar à de uma mãe a falar dos seus filhos: até pode acertar, mas confunde-se, com alguma facilidade, o nível dos afectos, das representações e das expectativas com os factos, os contextos e as tendências globais de evolução.

Como evitá-lo? Com esforço de objectividade e análise, sem dúvida, mas este esforço tem de ser reforçado com ferramentas teóricas e estudos comparativos, para se deixar de ver unicamente a *árvore* e tentar ver o *bosque*. O equilíbrio entre teoria e prática é sempre difícil e precário e depende da medida de cada um: tão pernicioso é ver uma análise da realidade domesticada em duros esquemas conceptuais, como um *excesso de realidade* desperdiçado e não potenciado teórica e cientificamente.

É intenção desta parte do estudo explorar evidências do quotidiano de uma biblioteca que podem ser reveladoras da relação dos jovens com o livro: as requisições que se fizeram e as marcas que se deixaram nos livros e no espaço físico. Trata-se de material não preparado especificamente para uma investigação e que o investigador tem de descobrir e tentar dar-lhe sentido. Claro que pode ser acusado de ir só ao *sítio iluminado*¹. Elegem-se, assim, como *sítios iluminados* o próprio objecto-livro, ao serviço de um determinado fundo escolar, como sinais de práticas de leitura, e também as fontes estatísticas escritas e electrónicas do processo de empréstimo de livros. Poderiam ter seleccionados outros dados ou fontes, mas estes parecem fornecer dados mais ricos. Mas, tal como na *história do bêbado*, pode ser que as chaves até não estejam aí.

1.1. REFERENCIAL TEÓRICO

Como referencial teórico desta análise, recorreu-se a estudos de José Machado Pais que, na obra *Sociologia da vida quotidiana*, privilegia o real do dia-a-dia como matéria-prima e alavanca do conhecimento sociológico.

¹ Como aquela história do bêbado que perdeu as chaves de casa numa rua escura e as procurava junto ao candeeiro, alegando que era o único sítio iluminado.

Desconstruindo uma certa maneira de fazer sociologia, o autor “*dá um passo ao lado daquelas sociologias que confundem o que medem com a própria medida, o que vêem com o modo como vêem*”, o que os transforma em ouriços “*enrolando-se como uma bola, ericando espinhos, ou seja, recusando tudo o que contradiga ou possa contradizer as suas perspectivas, as suas verdades*”. Claro que estas demarcações não invalidam a teorização, sem a qual não é possível fazer conhecimento científico, mas direccionam o trabalho do investigador não para *guethos* ou *capelinhas* de conceptualizações em torno de *falsos profetas*, mas para a própria realidade. “*Os sociólogos podem ser também iconógrafos do social, isto é, descritores, pintores, produtores de imagens ou quadros da vida social*”. Continuando esta sucessão de imagens, Machado Pais fala, mais à frente, dos pesquisadores de “*cume e de sopé do monte: os primeiros privilegiando as análises estruturalistas e holísticas do social e as suas superestruturas, os segundos atentando preferencialmente, nos aspectos micro da realidade social. Do meu ponto de vista (...) só vejo vantagens em subirmos e descermos dos montes*”. (Pais, 2002, pp.32-59)

O caminho, agora, é seguir à descoberta dessas imagens do quotidiano no espaço de uma biblioteca escolar e pode ser que no accidental, no típico e no fugaz se encontrem algumas essências. *Subindo e descendo o monte*.

1.2. AS EVIDÊNCIAS

A observação das práticas de leitura através de evidências deixadas pelos seus utilizadores, ao longo dos anos, representa um desafio interessante para o investigador, porque lhe fornece dados objectivos em estado puro que resistem à subjectividade de olhares e sensibilidades: olhares dos sujeitos da leitura quando testemunham num inquérito ou depoimento; sensibilidades de um animador ou responsável quando convidado a interpretar ou analisar. A característica principal desses dados de recolha é que o investigador não controla as variáveis, que estão dependentes apenas do curso natural dos processos e fenómenos. Poder-se-á estabelecer uma ligação com a pesquisa *ex-post-factum*², que trabalha sobre dados emergentes da realidade.

² GIL, António Carlos – *Como elaborar projectos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002, p. 49

Será, assim, utilizado o termo 'evidências' para designar marcas e registos da utilização da biblioteca escolar em estudo, que podem ter a sua expressão mais directa na estatística de empréstimo documental, arquivada pela gestão da biblioteca, ou em marcas de uso deixadas na documentação ou no espaço; inferir dados a partir dessas evidências é o desafio desta parte do trabalho.

A primeira questão que este desafio levanta é o perfil do sujeito da investigação. Apesar do material de recolha não ter sido objecto da construção do sujeito da investigação, será que qualquer *caçador de evidências* serve para este trabalho de recolha? Será indiferente atribuir esta missão a um profissional ligado à história da instituição ou a um investigador externo? Claro que não. O primeiro selecciona-as, sabe onde estão e enquadra-as na sua interpretação. O segundo tem de estabelecer critérios e encontrará aquilo que a lei da probabilidade lhe permitir. Dito de outra maneira, a *pureza* destas evidências do quotidiano como dados de investigação é sempre relativa às representações, recursos e objectivos de quem as procura. Um marciano, por exemplo, aterrando numa biblioteca à procura de sinais de leitura dos jovens terráqueos, tem um acesso aos dados diferente daquele que um investigador da Biblioteca do Congresso ou de um agente dos Serviços de Inspeção da Educação, por exemplo, poderiam ter.

Como é difícil recrutar um inspector, um investigador americano e muito mais um *E.T.*, esta observação terá de ser conduzida por uma bibliotecária já com 18 anos de funções; ela vai tentar libertar-se da subjectividade inerente às funções e experiência acumulada, mas tem consciência de que não há investigação totalmente distanciada de quem a conduz. Uma vantagem lhe assiste: sabe onde estão essas marcas. Será que podiam ser outras? Será que tinham visibilidade suficiente para um avaliador externo?

A segunda questão prende-se com a natureza dos dados. Eles existem porque é inevitável a marca do tempo sobre os processos e dinâmicas e essa marca do tempo dilui e, muitas vezes, anula as evidências mais recuadas; além disso, são marcas que não permitem obter recolhas globais nos cortes sincrónicos que forem efectuados.

1.2.1. Evidências de leitura através de registos de empréstimo

O empréstimo de documentação é, sem dúvida, o campo de investigação com dados mais palpáveis, se a biblioteca em questão fizer de uma forma sistemática os seus

LEITURA ENTRE OS JOVENS – contributos para uma compreensão

relatórios anuais de estatística. Na Biblioteca da ESDS³, têm sido recolhidos esses dados estatísticos desde 1990 e optou-se por escolher um corte cronológico que permita comparar, em simultâneo, diferentes modalidades de suporte documental (livro e não livro) e de empréstimo (casa, aula e na biblioteca). O período dos últimos quatro anos foi o escolhido.

Evidência 1 – Empréstimo por suporte e modalidade – entre 2001/2005

LIVROS E REVISTAS				
Ano	Emp.casa	Emp. Aula	Emp. Presencial	Total
2001/02	1397	1742		3139
2002/03	1688	1891	(não controlada)	3579
2003/04	1932	2072		4004
2004/05	1826	2341		4167
MATERIAL NÃO LIVRO (cassetes vídeo, CD-ROM's, DVD's, CD's áudio)				
Ano	Emp.casa	Emp. Presencial e aulas		Total
2001/02	2795	1965		4760
2002/03	2796	2731		5527
2003/04	2878	2116		4994
2004/05	1001	1129		2130

Este quadro observado por um olhar externo evidencia, por um lado, alguma superioridade da requisição do audiovisual sobre o impresso, ao longo dos 4 anos lectivos considerados; por outro lado, uma maior estabilidade na requisição de livros no período observado do que na documentação audiovisual.

Mas um olhar mais interno desta evolução esclarece um outro tipo de circunstâncias que revelam a vivência da realidade em estudo. Assim, a superioridade da requisição audiovisual justifica-se pelo sistema do livre acesso na documentação impressa que não permite o controle da leitura de livros no sector da biblioteca (leitura presencial), o que iria nivelar mais os valores de consulta dos diferentes suportes. Por outro lado, relativamente à quebra de requisição do audiovisual no último ano analisado, esta justifica-se pelas opções de espaço tomadas a partir de 2004/05 no sector audiovisual,

³ A Escola Secundária de Domingos Sequeira será, a partir daqui, referida através da respectiva sigla - ESDS

que implicaram alguma alteração no visionamento presencial da documentação.⁴ Para além destas opções de espaço, a requisição do audiovisual vive, essencialmente, da entrada de novidades em novo suporte de leitura (DVD), que nem sempre é possível de satisfazer ao ritmo da procura. Nos valores de 2004/05, (total: 2130 – Evidência 1) registaram-se as seguintes requisições: 642 - cassetes vídeo ficção; 66 – cassetes vídeo documental; 1110 - DVD's vídeo ficção; 21 - CD-ROM's; 191 - CD's áudio. O CD-ROM e o vídeo documental de apoio disciplinar quase não tem expressão e o suporte em DVD aparece como o centro da requisição domiciliária e presencial de vídeos.

Os números exibidos na Evidência 1 nada dizem da quantidade de utilizadores reais do espaço documental e do tipo de leituras requisitadas. Para iluminar estas questões, só recorrendo ao módulo de empréstimo por computador utilizado no sector da biblioteca para a requisição domiciliária é que se podem obter mais dados, não tanto sobre o requisitante⁵, mas dos documentos requisitados.

Inquirindo o sistema automatizado de empréstimo na opção de estatística, obtêm-se dados que apontam sensivelmente para o mesmo período da estatística anterior, uma vez que o módulo foi implementado em 2000⁶, apesar de filtrar unicamente o livro requisitado para casa ao longo de 6 anos.

Evidência 2 – Empréstimo domiciliário de livros – 2000/2006

QUESTÃO	OCORRÊNCIAS		
	Aluno	Docente	Funcionário
1. Quantos empréstimos há por tipo de leitor?	4231	662	260
2. Qual o fundo com mais empréstimos?	Ficção	Informação	Obras de referência
	2943	2017	84
3. Quantos exemplares há por fundo?	Informação	Ficção	Obras de referência
	3667	1943	203

Globalmente, este quadro aponta para um cenário em que: o fundo da biblioteca é constituído por um maior número de livros de estudo e informação do que de ficção;

⁴ A partir dessa data, das duas salas existentes no sector, passou a funcionar só uma, sendo a outra transformada em sala de acompanhamento de estudo.

⁵ O software usado para a catalogação, pesquisa e empréstimo de documentos na biblioteca (Porbase) veda o acesso estatístico ao perfil de utilizadores, isto é, impossibilita que, no histórico das operações de empréstimo, se conheça quem requisitou determinado livro. Questões de ética de utilizador estão na base desta configuração do sistema.

⁶ Porbase versão 3.1.

no entanto, o empréstimo para casa tem maior expressão neste último; paralelamente, o empréstimo presencial e para aulas tem por base o livro de informação e estudo. A expressão da requisição feita por alunos, relativamente aos outros sectores da comunidade educativa (78,2% de alunos), reflecte sensivelmente a proporção existente na população escolar entre alunos (85,2%-2002/03; 84,2%-2005/06), professores e funcionários.

A abordagem a este sistema automatizado de empréstimo torna-se mais rica para a investigação quando se exploram os títulos mais movimentados nos empréstimos. Assim:

Evidência 3 – Títulos mais requisitados – 2000/2006

1. Quais os títulos mais requisitados?	
<i>I'm in love with a pop star</i> – Margarida R. Pinto	34
<i>Biologia dos organismos</i> – José Mariano Amabis	33
<i>O diário da nossa paixão</i> – Nicholas Sparks	29
<i>Veronika decide morrer</i> – Paulo Coelho	28
<i>Matemática 11º ano – exercícios resolvidos</i> – Maria de Almeida Ferreira dos Santos e outro	17
<i>O senhor dos anéis</i> – J.R.R. Tolkien	16
<i>O perfume</i> – Patrick Suskine	12
2. Qual o documento com mais renovações?	
<i>O diário da nossa paixão</i> – Nicholas Sparks	13
<i>Crazy: a história de um jovem</i> – Benjamin Leber	12
<i>Veronika decide morrer</i> – Paulo Coelho	12
<i>O espelho da lua</i> – Joana Miranda	12
<i>Corações em silêncio</i> – Nicholas Sparks	12

Opte-se, agora, por filtrar e olhar segundo alguns critérios os dados estatísticos fornecidos pelo sistema automatizado de empréstimo: autores consagrados pela crítica, e autores consagrados pelo público. No primeiro grupo, foram escolhidos escritores galardoados com o Prémio Nobel da Literatura e existentes na biblioteca; no segundo grupo, optou-se por dois autores com grande impacto de vendas no mercado editorial.

Evidência 4 - Requisição de títulos de autores de Prémio Nobel da Literatura

1. Qual o número de requisições de livros de autores galardoados com o Prémio Nobel da Literatura?	
Thomas Mann – <i>A floresta mágica</i>	0
Imre Kertész – <i>Sem destino</i>	3
James Joyce – <i>Ulisses</i>	0
William Golding – <i>O deus das moscas</i>	0
Tom Morrison – <i>Amada</i>	0
Harold Pinter – <i>Teatro I/II</i>	0
2. Qual o número de requisições do galardoado português José Saramago?	
<i>O memorial do convento</i>	11
<i>O ano da morte de Ricardo Reis</i>	2
<i>O homem duplicado</i>	2
<i>As intermitências da morte</i>	2
<i>O evangelho segundo Jesus Cristo</i>	1
<i>O ensaio sobre a cegueira</i>	1
<i>Que farei com este livro?</i>	0
<i>A bagagem do viajante</i>	0
<i>Levantado do chão</i>	0
<i>Todos os nomes</i>	0
<i>Cadernos de Lanzarote (I, II, III, IV)</i>	0
<i>Manual de pintura e caligrafia</i>	0
<i>História do cerco de Lisboa</i>	0
<i>A caverna</i>	0
<i>Ensaio sobre a lucidez</i>	0

Evidência 5 – Requisição de títulos de Nicholas Sparks e Isabel Allende

1. Qual o número de requisições de livros de Nicholas Sparks?	
<i>O diário da nossa paixão</i>	29
<i>Um momento inesquecível</i>	25
<i>Corações em silêncio</i>	21
<i>O sorriso das estrelas</i>	20
<i>A alquimia do amor</i>	17
<i>Laços que perduram</i>	16
<i>As palavras que nunca te direi</i>	13

<i>Uma promessa para toda a vida</i>	8
<i>Quem ama acredita</i>	3
2. Qual o número de requisições dos livros de Isabel Allende?	
<i>O bosque dos pigmeus</i>	18
<i>A filha da fortuna</i>	15
<i>A cidade dos deuses selvagens</i>	13
<i>Eva Luna</i>	12
<i>Retrato a sépia</i>	11
<i>O reino do dragão de ouro</i>	7
<i>Zorro</i>	5
<i>Paula</i>	4

Apesar destes dados se situarem nas requisições efectuadas entre 2000 e 2006, os números dos dois últimos quadros falam por si, vincando o alinhamento das escolhas dos jovens leitores da biblioteca com o gosto dominante manifestado no comércio livreiro. Os livros de maior consagração da crítica têm menos hipótese de requisição, a não ser que estejam incluídos no cânone escolar, conforme pode ser revelado pelo número de empréstimos do romance *O memorial do convento*, incluído pela primeira vez no programa de leituras obrigatórias de Português em 2005/06 e com um total de 11 requisições (existem 5 exemplares da obra).

1.2.2. Evidências físicas no uso na documentação

Páginas dobradas, arrancadas, riscadas, recortadas, sujas, livros desaparecidos, vandalizados na capa, capítulos subtraídos, materiais abandonados nas páginas são algumas marcas de uso deixadas pelo utilizador ao longo do tempo. Todas as bibliotecas possuem o seu *tesouro* de documentos marcados pelo uso, tal como qualquer organismo público. Podem ter o mesmo estatuto da *Secção de Reservados*, pela memória que encerram sobre os utentes de um espaço documental. Tratando-se de utentes de uma biblioteca escolar, o investigador confronta-se com um outro interessante campo de análise sobre os hábitos dos jovens. Mais uma vez se encontram com evidências em

estado puro, não especificamente preparadas para uma investigação e com difícil datação cronológica.

A pesquisa destes sinais pitorescos do quotidiano pode tornar-se mais dolorosa para um estudioso com a *camisola* da instituição do que um investigador externo mais distanciado dos processos e agentes; mas se aquele se armar de critérios de observação dessas marcas e as situar *cirurgicamente* num período dilatado de tempo, defender-se-á mais de compreensíveis juízos de valor e saberá dar-lhe interpretações. Foi o que se tentou fazer, estabelecendo categorias de evidências: tipo de marcas e sua intencionalidade..

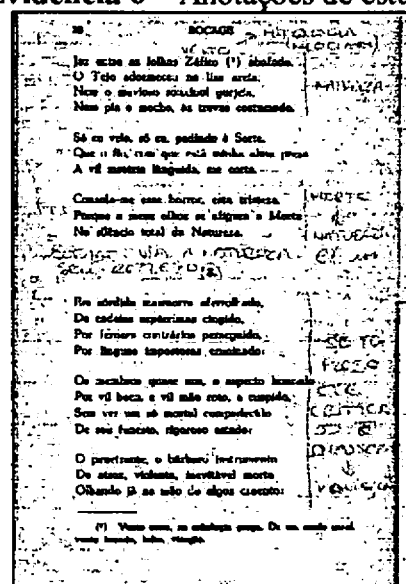
1.2.2.1. Tipo de marcas

Para além das marcas de uso em capas, lombadas e interior de livros que põem em causa, em maior ou menor grau, a sua integridade física, o utilizador de livros numa biblioteca escolar deixa registos naquilo que requisita, que representam, muitas vezes, traços geracionais de sucessivas gerações em trânsito na escola. Poder-se-á, assim, estabelecer uma tipologia de marcas deixadas no livro, consoante o seu desgaste físico e consoante o tipo de registo ali deixado pelo utilizador. Listemos alguns registos mais frequentes:

Sublinhados – Raro é o manual ou livro de apoio requisitado para aula que não venha marcado pelo seu utilizador. Há-os de todos os tipos: a lápis ou a esferográfica (mais frequente esta que aquele), disciplinados ou irregulares, lineares ou fantasiados.

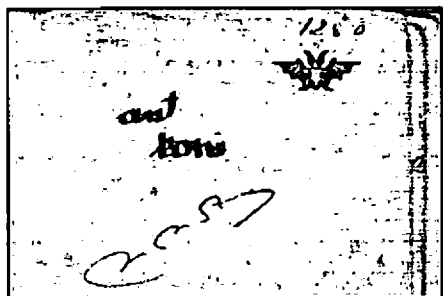
Anotações de estudo – Estas aparecem, normalmente em complemento dos sublinhados e referenciam alguma metalinguagem usada pelo professor na aula: significados de palavras, classificações e definições. Tal como os sublinhados, os comentários dos alunos evidenciam registos

Evidência 6 – Anotações de estudo



mais ou menos regulares, mas a disciplina no letrismo não é uma característica do aluno que se esquece do seu manual, pede um emprestado na biblioteca e o usa como se fosse seu. Comentário pessoal sobre a matéria, normalmente não aparece, a não ser sob a forma de improperios dirigidos ao professor ou disciplina.

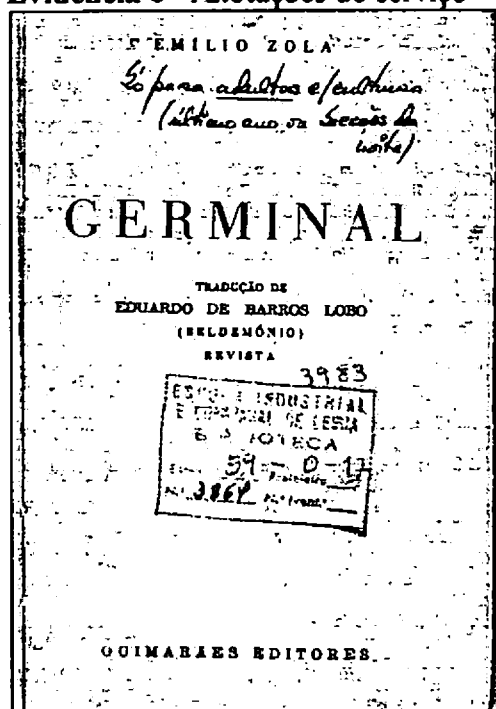
Evidência 7 – Anotações pessoais



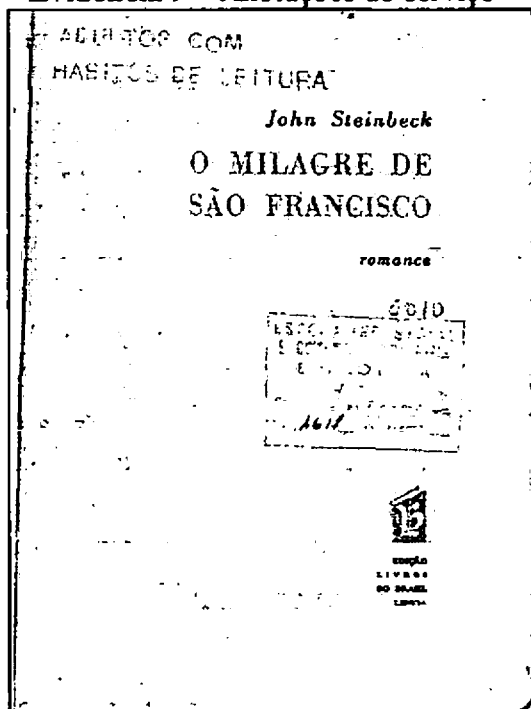
Anotações pessoais – Assinaturas, declarações de amor, *slogans* político ou *brejeirices* várias sintetizam um certo tipo de comportamento com que os alunos marcam os livros que não são seus.

Anotações institucionais – Para além das marcas deixadas pelo utilizador, a própria instituição também assinala a *pertença* sobre o livro, principalmente através de carimbos. De acordo com os preceitos de tratamento técnico em vigor na biblioteca, o livro, quando vai para estante, apresenta-se com carimbo na primeira página (ante-rosto) ou na própria página de rosto, com etiqueta de cota na lombada e com capa plastificada; os livros mais antigos acumulam com o carimbo da biblioteca o carimbo de existências da instituição. Para além destes carimbos, alguns títulos de ficção já antigos possuem curiosas anotações a esferográfica ou sob a forma de carimbo que sugere que o livro só seja lido por “*leitores com hábitos de leitura*” (evidências em baixo) e que poderia constituir, hoje em dia, uma estratégia criativa de incentivo à leitura.

Evidência 8– Anotações do serviço



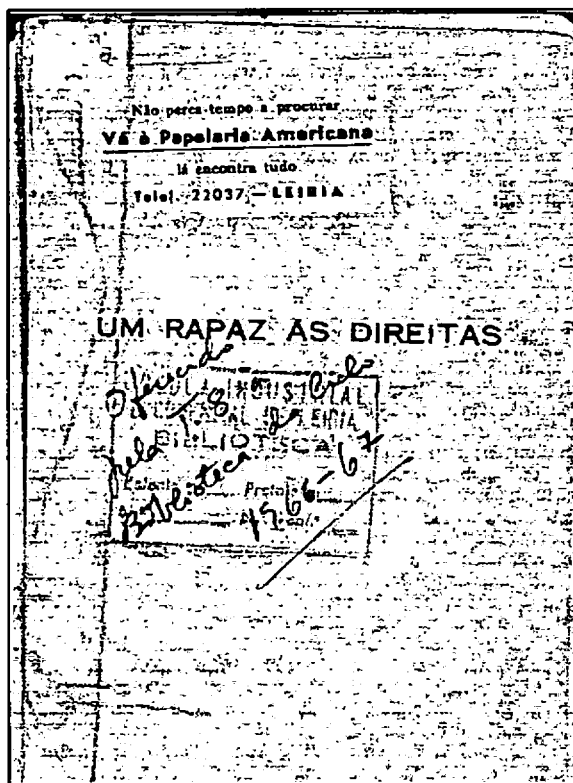
Evidência 9 – Anotações do serviço



Também pelas marcas nos livros se podem mapear gerações e sensibilidades diferentes na gestão da biblioteca escolar. Mas os carimbos e este tipo de anotações *pitorescas*, denunciadoras de períodos específicos de gestão, não são as únicas marcas de trabalho técnico (ou pseudotécnico) sobre os livros. São ainda visíveis outras intervenções: lombadas estragadas pela constante mutação de cotas, excesso de carimbos, restauros descuidados com fita-cola, etc. Pode arriscar-se a afirmação de que os serviços técnicos são sérios concorrentes dos utilizadores nas bibliotecas escolares, em matéria de vandalismo. E porquê nestas últimas? Porque, no universo das bibliotecas, é nas escolares que a rotação de equipas e insuficiência de procedimentos técnicos se faz sentir com mais frequência.

Dedicatórias-ofertas – Estes registos marcam a página de rosto de diversos livros que grupos de alunos ou ex-alunos resolvem oferecer ao fundo da biblioteca: no primeiro caso, trata-se certamente de uma iniciativa de turmas no âmbito de uma disciplina específica e por sugestão do professor; a segunda situação é visível em alguns títulos, normalmente livros ensaísticos com que ex-alunos pretendem mostrar a sua gratidão para com a escola da sua formação juvenil. Pagamento de dívida? Evidência de situação profissional promissora? Necessidade de perpetuar o nome?

Evidência 10 – Dedicatórias-ofertas



Que tipo de livros nos aparece mais marcado por estes registos? É, certamente, o livro de estudo que sofre maior desgaste, na sua maioria constituído por manuais e livros de apoio às disciplinas. O aluno tem a tendência para funcionar com o livro emprestado como se fosse seu, incorporando nele aquilo que espontaneamente entende. Trata-se de um sentido abusivo de pertença que corresponde, do ponto de vista de valores, a uma *não-pertença*: os alunos, leia-se certos alunos, não sentem o livro de estudo como um material a preservar e guardar; o livro é instrumental de um ano escolar

e, quando este termina, o aluno *livra-se* dele, como quem se livra de um farto pesado, abandonando-o, muitas vezes nos corredores, nos cacifos, nas salas de aula. No final do ano, é normal na escola serem recolhidos alguns livros perdidos e, quando são folheados, identifica-se o mesmo tipo de registos que marca os exemplares da biblioteca.

Para além do manual escolar e livro de apoio ao estudo, os dicionários constituem o tipo de obras de referência mais vandalizado, no desgaste físico, no desaparecimento e, principalmente, no registos deixados. Claro que coincidem simultaneamente, com o tipo de material mais requisitado para situações de aulas, nomeadamente testes de línguas estrangeiras, como se pode observar na estatística de requisição para aula do final do ano lectivo de 2005/06: 910 requisições de dicionários num total de 1030 empréstimos. Uma das razões que justifica este número tem a ver com a oferta do serviço, em que se disponibiliza, por exemplo, para a disciplina de Inglês, nos últimos anos, um total de 45 dicionários, incluindo 7 *pack's* de conjunto bilingue e monolingue.

Existe um outro tipo de obras *intervencionadas* pelos alunos, que são aquelas que contêm questionários, escolhas múltiplas ou simplesmente questões de desafio e que normalmente os alunos não têm qualquer reboço em assinalar. Ao fim e ao cabo são livros da comunidade! Incluem-se também neste grupo alguns livros de divulgação com aparato gráfico e interactividade com o leitor e que convidam a assinalar detalhes ou colar material adicional em gravuras. Claro que só os primeiros leitores usufruem do prazer da descoberta e desafio; os seguintes já encontram tudo marcado.

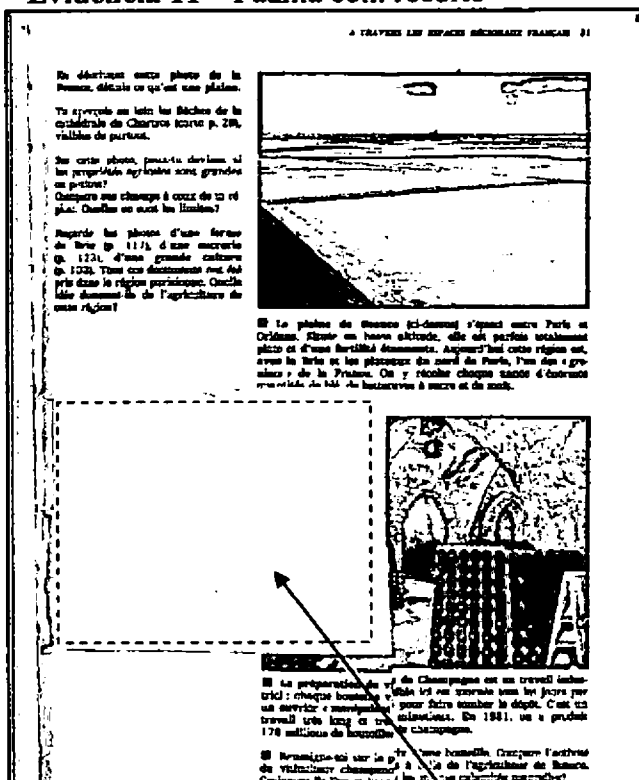
A nível de obras de ficção, a Banda Desenhada aparece como o género com exemplares mais afectados fisicamente (capas estragadas, folhas soltas, registos jocosos e exemplares desaparecidos).

Para além dos registos, o espólio de uma biblioteca evidencia sempre marcas de utilização e desgaste que podem variar entre capa estragada e lombada desintegrada ou folhas arrancadas e recortadas. Um caso ou outro são reveladores de intencionalidades diferentes de uso.

1.2.2.2. Intencionalidade das marcas

Entre um exemplar ao qual foi subtraído um capítulo ou recortada uma imagem e o exemplar com dobras na capa e lombada estragada, há uma intencionalidade diferente por parte do utilizador: no primeiro caso, registou-se um acto de vandalismo voluntário, no segundo, o uso continuado do exemplar explica o seu desgaste. Três exemplos:

Evidência 11 – Página com recorte



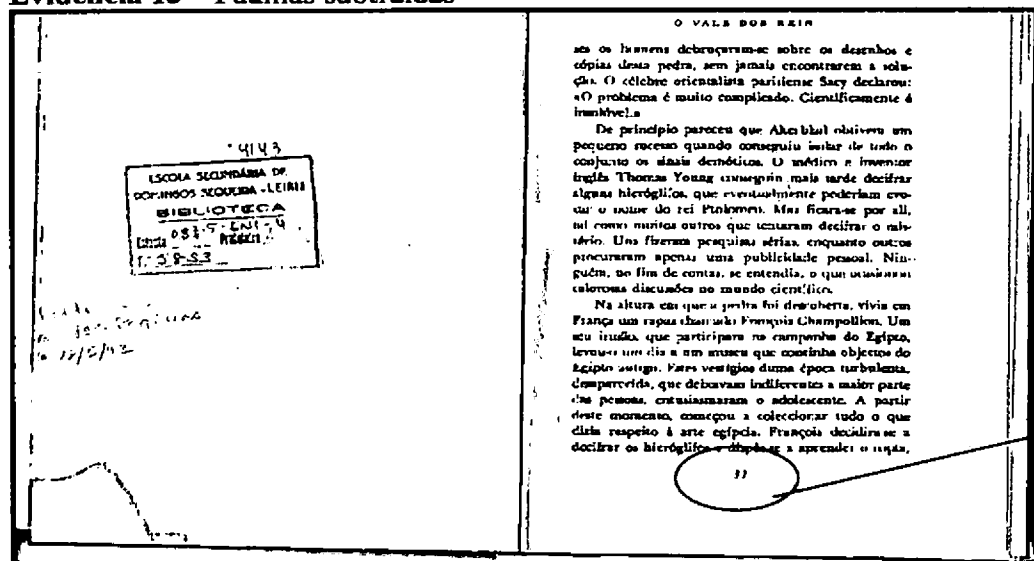
Notre géographie - recorte na página

Evidência 12 – Capa marcada



Esta escola põe-me doido de Nat Hentoff – capa marcada pelo uso

Evidência 13 – Páginas subtraídas



O vale dos reis – faltam as primeiras 30 páginas, inclusive a página de rosto

Não é acidental que o livro da Evidência 11 seja uma obra instrumental de estudo, uma vez que é neste tipo de documentação que o aluno *interage mais fisicamente* com o livro, pela pressão de fazer um teste ou um trabalho, qualquer que seja a ética do meio utilizado. De notar que situações de mutilação do livro como as apresentadas são, hoje, muito raras, em virtude da diversidade de duplicação e digitalização do impresso que as tecnologias oferecem ao jovem dentro e fora da escola; mas há 10, 20 anos atrás, a tentação era grande e os meios eram poucos! A Evidência 12 é muito comum dos títulos de ficção juvenil, principalmente quando se tornaram em obras de moda de gerações: a frequência de requisições origina um desgaste compreensível (e salutar!) de capas e lombadas. Observando o estado físico dos livros e a data de entrada no livro de registos, é possível, aliás, mapear os *clássicos* de livros lidos pelos jovens a partir do estado físico dos livros. Emílio Salgari, Selma Lagerlof, Alexandre Dumas terão sido leituras dos jovens dos anos 60, Anne Frank, Alves Redol, Fernando Namora terão sido lidos e aconselhados nos anos 70, Adrian Mole e a série Aventuras no anos 80/90 e Harry Potter e Dan Brown daí para a frente. Estes autores, heróis e séries evidenciam, na biblioteca da ESDS e possivelmente em todas as outras, marcas de *livros geracionais*.

1.2.2.3. Livros recuperados

Relativamente aos livros estragados, tem sido adoptada, nos últimos anos na biblioteca da ESDS, uma política de recuperação que passa por três opções: se o livro é recuperável e tem interesse na estante, manda-se encadernar (substituindo ou mantendo a capa); se o livro tem interesse⁷ de estante mas estiver irrecuperável, adquire-se novo exemplar caso haja no mercado; se o livro é irrecuperável e não for pertinente a sua substituição, dá-se baixa nas existências. Percorrendo as estantes pelo critério dos livros encadernados/recuperados, é possível constituir uma listagem de obras marcadas pelo uso e logicamente pela leitura dos respectivos utilizadores. Isole-se uma lista de obras

⁷ A expressão “ter interesse de estante” não deixa de levantar justificáveis reservas sobre a subjectividade que encerra, mas pode ser lida como: ter valor documental, ser requisitada, ter interesse nos *curricula* escolares.

LEITURA ENTRE OS JOVENS – contributos para uma compreensão

de ficção repartida por autores nacionais e estrangeiros. Para facilitar a interpretação deste universo de leituras, foram criados 3 grupos de classificação (coluna à direita) de acordo com a tipologia das obras: no grupo A, estão incluídos os títulos e autores clássicos que o aluno lê e analisa por estarem inscritas nos programas escolares; o grupo C reúne livros que, pela sua temática e determinação editorial, estão associados à literatura juvenil; o grupo B é mais híbrido, uma vez que corresponde a títulos que se instalaram na recepção juvenil por circunstâncias que estão alheias ao cânone escolar e às características de livros para jovens:

Evidência 14 – Livros recuperados

FICÇÃO NACIONAL		
BOCAGE, B.	<i>Sonetos</i>	A
CAMÕES, Luís de	<i>Lirica</i>	A
CASTELO BRANCO, Camilo	<i>Novelas do Minho</i>	B
FERREIRA, José Gomes	<i>Poesia I, II, III, IV, V</i>	B
HERCULANO, Alexandre	<i>O bobo</i> <i>Eurico o Presbítero</i>	A
NAMORA, Fernando	<i>Fogo na noite escura</i> <i>Retalhos da vida de um médico</i> <i>Casa da malta</i>	B
QUEIRÓS, Eça de	<i>Os Maias</i>	A
RÉGIO, José	<i>Poemas de Deus e do Diabo</i> <i>As encruzilhadas de Deus</i>	B
TORGA, Miguel	<i>Bichos</i> <i>Diário (variados)</i>	A
VERDE, Cesário	<i>O livro de Cesário Verde</i>	A
FICÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA		
AMADO, Jorge	<i>Mar vermelho</i> <i>Terras de sem fim</i> <i>Mar morto</i>	B
FERREIRA, Manuel	<i>Hora di bai</i> <i>Morabeza</i>	B
VASCONCELOS, José Mauro	<i>O meu pé de laranja lima</i>	B
VERÍSSIMO, Erico	<i>Olhai os lírios do campo</i> <i>Clarissa</i> <i>Música ao longe</i>	B

FICÇÃO ESTRANGEIRA		
ALCOTT, Luísa	Mulherzinhas Boas esposas Os 20 anos de Rosa	C
BERNAGE, Berthe	O romance de Isabel Brigitte e a felicidade alheia	C
BUCK, Pearl	Casa dividida Filhos da guerra Terra bendita A mãe Os filhos de Wang Lung A flor oculta	B
DICKENS, Charles	David Copperfield	C
DUMAS, Alexandre	Os três mosqueteiros	C
HEMINGWAY, Ernest	Por quem os sinos doam As verdes colinas de África O velho e o mar	B
MAURIER, Daphne	Rebeca	C
MAUGHAM, Somerset	Servidão humana	B
MULLER, Adolfo Simões	Através do continente misterioso O homem das mil invenções	C
MUNTKE, Axel	O livro de San Michele	B
SALGARI, Emilio	Um filho do sol	C
Condessa de Segur	Um bom diabrete	C
STEINBECK, John	O Inverno do nosso descontentamento As vinhas da ira Correspondência de guerra	B
STEVENSON, R.L.	A ilha do tesouro A flecha negra	C
STOWE, Harriet Beecher	A cabana do pai Tomás	C
TOLSTOI, Leon	Guerra e paz	B
TWAIN, Mark	As aventuras de Huckleberry Finn As aventuras de Tom Sawyer O príncipe e o mendigo	C
WALLACE, Lewis	Ben Hur	B
WEST, Morris	As sandálias do pescador	B

Será possível inferir interpretações destes livros recuperados? Quando se percorre a lista, observa-se um equilíbrio entre autores clássicos consagrados e autores associados ao público juvenil. Entende-se, numa biblioteca escolar, o desgaste físico de livros decorrente da sua inclusão no cânone escolar, por um lado, e decorrente das novidades editoriais determinadas pelo mercado livreiro, por outro. Mas que fenómeno popularizou a leitura dos títulos incluídos no grupo B? Por exemplo, do histórico *Ben Hur*? Ou o volumoso *Guerra e Paz*? Ou os galardoados Hemingway, Steinbeck ou Pearl Buck? Ou os brasileiros Jorge Amado, Mauro de Vasconcelos e Erico Veríssimo? Ou os portugueses tão diferentes em géneros e estilos como Fernando Namora, José Gomes Ferreira ou Camilo de Castelo Branco? Questões de difícil resposta e que problematizam a existência do género 'Literatura Juvenil'. Enquanto género de livros escrito para jovens e por eles consumido, esta categoria dificilmente existe na sua pureza, tal como a Literatura infantil⁸. O livro juvenil é um fenómeno *a posteriori* de recepção, em que uma faixa etária se apropria de títulos que não lhe foram destinados, mas que, mercê de várias circunstâncias, se popularizam entre eles: ser êxito de vendas de bilheteira ou de livraria, ser tema/autor de moda, ter tido uma conveniente divulgação de professores, ou ajustar-se a uma representação correcta de 'bom leitor'. Qualquer que tenha sido a circunstância, este conjunto de livros assinalados pela encadernação com evidências de leitura no passado da biblioteca em estudo, acaba por retratar uma prática diversificada e rica de leitura entre jovens utilizadores da biblioteca escolar da ESDS, das últimas décadas, que será interessante comparar com comportamentos leiturais mais recentes. Capítulos seguintes aprofundarão esse cotejo.

1.2.2.4. Livros desaparecidos

O livro desaparecido constitui, igualmente, uma evidência do comportamento dos utilizadores no espaço da biblioteca escolar, caracterizado, para o efeito, pela ausência da espécie no fundo documental. O sistema de livre acesso às estantes de livros, implementado desde 1997, e a ausência de um controle electrónico anti-furto,

⁸ Américo António Lindeza Diogo desenvolve esta reflexão no livro *Literatura infantil: história, teoria, interpretações* – capítulo I.

fazem com que o desaparecimento de livros seja uma preocupação constante, que exige vigilância por parte dos profissionais das bibliotecas. No espaço em estudo, são efectuadas verificações globais das existências de dois em dois anos e, na última efectuada (Verão de 2006), foram detectadas 51 ausências de títulos nas estantes: 26 área da ficção e 27 o livro ensaístico e de apoio ao estudo. Desde obras literárias analisadas da disciplina de Português, como *Felizmente há luar!* de Luís de Sttau Monteiro, a *Aparição* de Vergílio Ferreira, até dois volume de *O senhor dos anéis* de Tolkien e livros com exercícios e matéria de acesso a exames de 12º ano, a lista inclui ainda a *imprevisível* (para efeitos de furto) *História de Portugal – III volume* – de José Mattoso e a uma lista *previsível* de Banda Desenhada:

Evidência 15 – Livros de BD desaparecidos entre 2004/06

<i>Capitão América</i>	<i>A casta dos metabarões</i>
<i>Obelix e Companhia</i>	<i>O ninho dos Marsupilamis</i>
<i>Asterix e Latraviata</i>	<i>O juiz – Lucky Luke</i>
<i>Os campeões do golo</i>	<i>Belle Starr – Lucky Luke</i>
<i>O bando dos brancos – Gastão</i>	<i>Quanta bondade – Quino</i>
<i>Gafes e estragos – Gastão</i>	<i>Os maluquinhos da bola</i>

É observável um padrão do livro desaparecido que é comum ao livro vandalizado ou marcado pelo uso: é o livro instrumental e de apoio ao estudo, livro novidade, principalmente a nível da ficção, e a Banda Desenhada. Relativamente à BD e observando os títulos desaparecidos constantes na lista da Evidência 14, é possível inferir um certo tipo de leitor. É o leitor de intervalos escolares, que consome histórias curtas, cómicas e popularizadas. Dificilmente desaparecem BD's de Hugo Pratt, José Munõz, Bilal, Schuitten, José Carlos Fernandes, Marvano, Moebius ou Dave McKean, que perfilam um outro tipo de leitor de BD e que, remotamente, desviaria livros, porque essa não é a cultura de leitores com informação e hábitos de consumo mais exigentes.

Uma última palavra neste tópico para a documentação audiovisual, muito menos sujeita a desaparecimentos ou marcas de desgaste. Porquê? Em primeiro lugar são mais recentes nos fundos documentais (têm, no máximo, 10-12 anos), incidem menos na documentação de apoio ao estudo e a situação de não estarem em livre acesso e serem sempre mediadas pela funcionária no acto de requisição, fazem com que este fundo

permaneça mais estável e conservado. Os sinais de uso que exibem são comuns aos detectados em ambientes domésticos ou comerciais (de aluguer): fitas magnéticas ou discos de leitura óptica riscadas e encaixes centrais de DVD's partidos. Apesar de algumas ocorrências, tem-se mantido um sistema regular de empréstimo, porque a sua desactualização é um fenómeno mais acelerado do que a documentação impressa, seja pela rotação de lançamentos seja pelo equipamento leitor que se torna obsoleto. Considera-se, assim, mais razoável favorecer a circulação desta documentação através do empréstimo, do que arquivá-la por questões de conservação.

1.2.2.5. Objectos abandonados

O investigador fantasista gostaria, nesta matéria, de poder exhibir *artefactos* do quotidiano abandonados nas páginas dos livros devolvidos do empréstimo e que reconstruíssem hábitos e comportamentos do jovem actual, quiçá até algum mistério a desvendar. Como se um livro fosse um bolso de casaco onde se guardam segredos e fatias da realidade! Mas hoje nem talvez as lavandarias tenham histórias para contar dos bolsos dos seus clientes, porque os hábitos de registos escritos da população se alteraram, em particular na população jovem, como iremos analisar mais à frente neste estudo.

Nos últimos anos, as funcionárias da biblioteca têm indicações expressas de folhearem os livros entregues no empréstimo domiciliário, na intenção de encontrar algum objecto abandonado pelos leitores. Numa caixa, guardamos os parques *post factum* abandonados: cabelos (*compridos ... de leitora, certamente, ... que, no seu quarto, numa página particularmente emocionante de Nicholas Sparks, desprende da sua cabeça um cabelo e deixa a marcação no livro...*), bilhetes de autocarro (*... o prazo de entrega tinha terminado e só tinha mais quinze minutos de viagem até à escola para avaliar se valeria a pena renovar a requisição do livro...*), marcadores de livros (*um da livraria Americana, outro das Letras & Livros, um da Boa Leitura e ... um pedaço mal rasgado de caderno com a frase "Fiquei aqui"*) e vários talões de empréstimo automatizado (*sem história!*).

Evidência 16 - Livro restituído

História (estória!) terá sem dúvida este título juvenil da colecção *Patricia* que foi lido e relido por jovens nos anos 80⁹, como se pode observar pelas marcas de uso, e há muitos anos desaparecido do fundo da biblioteca. Em Dezembro de 2005, a bibliotecária municipal telefona a informar que tinha lá um livro que pertencia não à Biblioteca Municipal Afonso Lopes Vieira, de Leiria, mas à biblioteca da Domingos Sequeira, conforme podia ser provado pelo carimbo interior. Não era para admirar, pois não era a primeira vez que na biblioteca pública entregavam livros das bibliotecas escolares e vice-versa. A história *desta Patricia* era diferente. Muitas vezes, a BM é “agraciada com doações” de pessoas que lá entregam os seus pertences livreiros (na maior parte das vezes com pouco valor documental). Precisamente o volume *da Patricia* seguiu num desses roles, não tendo havido a preocupação dos depositários em verificar a origem do livro. Sabe-se lá de onde vieram os exemplares do resto da doação. ‘Livro restituído’ poderia ser o título deste episódio, mas o acto de restituir livros desaparecidos é tão raro que seria pretensioso dar-lhe um título.



1.3. CONCLUSÕES PARCELARES

Retomando a imagem dos *pesquisadores de cume e de sopé dos montes*, que imagens e essências podemos retirar do material anteriormente recolhido?

Conforme foi várias vezes reiterado ao longo do levantamento, o livro instrumental de apoio às disciplinas é o tipo de documentação que mais reflecte a utilização dos alunos da ESDS na biblioteca e, logicamente, o que exhibe maior desgaste físico, acentuando a vocação deste espaço de apoio ao currículo. A nível da ficção, os consumos têm-se orientado para autores e títulos de novidade editorial, quer a nível do livro, quer do vídeo, o que reflecte uma preocupação, por parte das equipas de gestão,

⁹ - O exemplar entrou no livro de registo da biblioteca em 1980.

de actualização de fundos documentais. Apesar desta tendência de ligação às novidades do mercado, as marcas de utilização de livros evidenciam também o consumo de obras clássicas e literárias; a inclusão destes livros nos diferentes cânones escolares da disciplina de Português explica, certamente, os respectivos índices de leitura, mas não só. Eles podem, igualmente, reflectir uma maior diversidade e riqueza leitural dos alunos da ESDS em décadas anteriores, em que a oferta era menor em títulos (o mercado editorial era efectivamente mais modesto) e em suportes (o mercado videográfico e electrónico era inexistente).

Acima de tudo, pode extrair-se a conclusão que o jovem leitor do ensino secundário exhibe, na respectiva biblioteca, marcas de um leitor triplamente constrangido. Constrangido pela própria vocação do espaço: a biblioteca escolar é uma bolsa da escola ao serviço de um currículo e de uma vocação de apoio ao estudo. É precisamente no livro pragmático, utilitário e instrumental que o aluno mais marca a sua presença (pode-se ler ira, desagrado, dedicação, rebeldia, organização, civismo, conforme o perfil de cada um). Constrangido pela oferta do mercado editorial que condiciona as escolhas dos livros que aparecem nas estantes, elegendo aqueles que se destinam às diferentes idades de leitores; como todos os leitores, os jovens são permeáveis a esta determinação de destinatários e correspondem ao *marketing* do mercado da edição. Constrangido ainda à oferta da própria coordenação de biblioteca, escola ou edifício educativo que, por um lado, marca as leituras do cânone escolar, por outro, escolhe e promove os livros que julga adequados à leitura dos jovens. O aluno leitor de espaço escolar pode ser entendido, assim, como uma construção de adultos, moldado por ofertas que podem ser ricas ou pobres, mas que reflectem sempre opções que lhes são oferecidas para consumo.

Será o leitor médio adulto muito diferente deste padrão normalizado de consumo leitural? Não está ele também constrangido a um mercado que promove modas de temas e autores?! A diferença destes relativamente àqueles pode estar, tão somente, na presença dos mediadores de leitura que são os professores (alguns) e pais (alguns), criando diferentes reacções: adesão, entusiasmo, indiferença ou repúdio. E, como se observou nas evidências apresentadas, os jovens dificilmente controlam as suas emoções.

“Já na montra da livraria detectaste a capa com o título que procuravas. Seguindo esta pista visual introduziste-te na loja através do cerrado obstáculo dos livros Que Não Leste que te olham carrancudos das bancas e das estantes procurando intimidar-te. Mas tu sabes que não te deves deixar suggestionar, que no meio deles se estendem por hectares e hectares os Livros Que Podes Deixar de Ler, os Livros Feitos Para Usos Diferentes de Leitura, Os Livros Já Lidos Sem Sequer Ser Preciso Abri-los Enquanto Pertencentes À Categoria Do Já Lido Ainda Antes De Ser Escrito. E assim transpões a primeira muralha de baluartes e cai-te em cima a infantaria dos Livros Que Se Tu Tivesses Mais Vidas Para Viver Certamente Também Os Lerias De Bom Agrado Mas Infelizmente Os Dias Que Tens Para Viver São Aqueles Que São. Movendo-te com rapidez ultrapassa-los e diriges-te para o meio das falanges de Livros Que Tens Intenção De Ler Mas Antes Devias Ler Outros, Livros Demasiado Caros Que Podes Esperar Poder Comprar Quando Forem Revendidos Por Metade Do Preço, Livros Idem Como Os Supra Quando Forem Reimpressos Em Edições De Bolso, Livros Que Podes Pedir A Alguém Que Tos Empréstimo, Livros Que Todos Leram Portanto É Quase Como Se Os Tivesses Lido Também Tu. Escapando a estes assaltos, diriges-te para debaixo das torres do reduto, onde resistem

os Livros Que Há Tanto Programas Ler

os Livros Que Há Tantos Anos Procuravas Sem Os Encontrares

os Livros Que Tratam De Algo De Que Te Ocupas Neste Momento

os Livros Que Queres possuir Para Os Teres À Mão Em Qualquer Circunstância

os Livros Que Poderias Pôr De Lado Para Leres Talvez Este Verão

os Livros Que Te Faltam Para Pores Ao Lado De Outros Livros Na Tua Estante

os Livros Que Te Inspiram Uma Curiosidade Repentina, Frenética E Não Claramente Justificável”

Italo Calvino – *Se numa noite de Inverno um viajante*

CAPÍTULO II

1. LEITURA JUVENIL – ABORDAGENS DE ESTUDO

- Estudos de sociologia de leitura
 - Portugal – inquéritos globais de leitura
 - Inquéritos no âmbito da Leitura Pública
 - Inquéritos sobre Leitura Juvenil
 - Estudos sobre Literacia
- Dados do inquérito
 - Caracterização da amostragem e opções metodológicas
 - Tempos Livres
 - Práticas de Leitura
 - Práticas de escrita
- Limites de uma abordagem por questionário
 - Recepção de Leitura – três sujeitos de leitura
 - Recepção ao livro em Fichas de Leitura
 - Grau de adesão
 - Ausência de intertexto
- Estética da Recepção – fundamentação teórica

Nesta parte do trabalho, serão ensaiados dois tipos de abordagem ao objecto de estudo desta investigação: um de natureza quantitativa, através da construção e aplicação de um inquérito por questionário; outro de natureza qualitativa, a partir da observação de registos sobre leitura e entrevistas a alunos. Reflectir-se-á sobre os contributos teóricos e limitações operacionais de cada uma das abordagens, e sobre a forma como estes instrumentos de trabalho iluminam a compreensão da leitura juvenil em espaço escolar.

As recolhas da I parte acentuam tendências da leitura dos jovens numa biblioteca escolar numa perspectiva diacrónica, mas que se revelam manifestamente insuficientes para o projecto deste trabalho que aposta em experimentar várias abordagens metodológicas para o mesmo objecto de estudo.

Empreende-se, assim, uma aproximação aos comportamentos leiturais dos jovens por via de um inquérito a uma amostra da população escolar em estudo, com a convicção de que uma abordagem grupal da problemática da leitura contribui para uma compreensão desta faixa etária que tem no grupo uma característica fortemente identitária. Nesta perspectiva, foi construído um instrumento de trabalho que recolheu os contributos da sociologia da leitura, cuja aparelhagem teórico-prática se consolidou ao longo do século passado.

1.1. ESTUDOS DE SOCIOLOGIA DE LEITURA

Os estudos científicos sobre sociologia de leitores foram feitos no âmbito de bibliotecas e recuam ao início do século XX, principalmente a partir da Primeira Guerra Mundial; Martine Poulain¹⁰, bibliotecária francesa autora de vários estudos sobre a leitura, situa as primeiras reflexões neste âmbito com Nicolas Roubakine, bibliotecário de Leste e fundador do Instituto de Bibliopsicologia, com Walter Hoffman, na Alemanha, mas principalmente com os investigadores da Escola de Chicago que, nos anos 30 na América, desenvolveram estudos sobre a leitura através de inquéritos. Douglas Waples, professor da escola de biblioteconomia da Universidade de Chicago, é, para a autora francesa, o verdadeiro marco dos estudos sociológicos sobre a leitura nos EUA. Procurava-se determinar quem lê o quê e porquê, mas também os efeitos da leitura sobre os leitores, onde interagem diversos factores: por um lado, as predisposições do leitor constituídas pelo seu perfil sociocultural, motivações, opiniões, expectativas e o seu lugar nas redes sociais; por outro lado, as disposições do livro, as condições e modos de publicação, a distribuição e difusão, o ambiente de recepção em torno dos seus temas e assuntos. É a partir da interacção destes elementos que estes estudos americanos distinguem, aquilo a que chamam, *efeitos de leitura*: tipo instrumental, de prestígio, de reforço, de estética e de repouso. A complexidade do

¹⁰ Citada por José Afonso Furtado in *Os livros e as leituras: novas ecologias da informação*, capítulo *Leitura, leituras*, pp. 187-256

fenómeno da leitura perpassa já nestes trabalhos na América, mas é na Europa, e em particular na França, que mais contributos têm surgido neste âmbito ao longo do Século XX. A crise da edição, a concorrência de novos *media*, o tempo de lazer propiciado pelo crescimento económico do pós-guerra na Europa, fazem da leitura uma área de investigação, mas também de acção, que se vai traduzir em inquéritos nacionais à população francesa:

“Em 1960, por iniciativa do Syndicat National des Éditeurs (SNE), realiza-se o primeiro inquérito nacional em França minimamente detalhado sobre a leitura e o livro, entendidos como práticas e representações. Vale a pena reter alguns dos dados deste inquérito que abrangeu 2028 pessoas maiores de 20 anos. No decurso dos três meses anteriores ao inquérito, 39,5 por cento dos inquiridos tinham lido livros e “concorrentes” do livro (jornais, revistas, etc), 52 por cento só tinham lido “concorrentes” do livro e apenas 2,5 por cento leram exclusivamente livros. Poulain sintetiza a situação do seguinte modo: uma França que não é não leitora mas parece preferir a leitura de jornais e revistas, pois 58 por cento da população em causa não tinha lido qualquer livro nos últimos três meses. Quando se cruzam estes dados com as variáveis socioprofissionais habituais, manifestam-se certas constâncias que ainda hoje nos são familiares: quanto maior o grau de educação formal maior o hábito de leitura; quanto menor o rendimento maior a leitura exclusiva de jornais e não leitura. O número de leitores de livros cresce significativamente em função da dimensão do aglomerado urbano; uma taxa de leitores de livros mais forte nas profissões liberais e quadros médios; é nas idades mais jovens que se encontram com maior frequência leitores de livros; a leitura de livros denota uma relação mais forte com o impresso: por outro lado, o leitor de livros lê mais imprensa e, por outro, pratica outras formas de “lazer”; por fim, compra-se mais do que se lê. Poulain chama ao grosso destas conclusões a “vulgata sociológica”, tal a persistência com que resultados semelhantes nos virão a acompanhar até hoje” (Furtado, 2000, pp.199-200)

Trinta anos mais tarde, começam a ser feitos em Portugal os primeiros estudos nacionais de leitura e a *vulgata sociológica* não é muito diferente.

1.1.1. Portugal - Inquéritos globais de Leitura

Eduardo de Freitas foi o sociólogo que mais marcou os estudos sobre a leitura em Portugal através de dois livros publicados pela Dom Quixote (Freiras & Santos, 1992 e Freitas, Casanova & Alves, 1997); os inquéritos aplicados, respectivamente, em 1988 e 1995, permitiram aos autores deste último trabalho concluir que:

“Dir-se-á, pois, que no transcurso dos anos de 1988-1995 se verificou uma ligeira baixa do número de leitores de livros – a imputar claramente à população de idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos – que terão passado a ler menor quantidade de livros. A par disto desenhou-se na população compradora de livros uma marcada potenciação da propensão adquirente. Em resumo: globalmente uma população que viu aumentado, pelo menos em termos formais, o nível médio de instrução, onde se recenseia um maior número de leitores, muito em particular de revistas, mas algo menos inclinada à leitura de livros.” (Freitas, Casanova & Alves, 1997, p.275)

Esta tendência era confirmada num espaço mais alargado de países da União Europeia, através de um estudo comparativo europeu em que Eduardo de Freitas participou (Donnat, Freitas & Frank, 2001) e onde se conclui, a nível dos hábitos culturais da população em geral, que a Europa está bipolarizada e Portugal integra o pólo menos expressivo de indicadores de leitura:

“En effect, les tableau inclus dans la section III permettent de voir configurer, d'un côté, une Europe située plutôt au Nord (Allemagne, Danemark, Finlande, France, Luxembourg, Pays-Bas, Royaume-Uni, Suède) où les pourcentages de lecteurs parmi la population sont élevés et, d'un autre côté, une Europe du Sud (Espagne, Grèce, Italie, Portugal) où les pourcentages affichent par des valeurs moins prononcées.” (Donnat, Freitas & Frank, 2001, p.166)

1.1.1.1. Inquéritos no âmbito da Leitura Pública

O IPLB – Instituto Português do Livro e das Bibliotecas –, em parceria com o Observatório de Actividades Culturais, tem apoiado um importante programa de pesquisa nos últimos anos que se traduziu em estudos parcelares e localizados de comportamentos leiturais no âmbito da leitura na Rede de Leitura Pública (RLP). A colecção *Sobre a Leitura*, resultado deste acordo, destina-se a analisar situações comparativas ou estudos de caso de utilizadores em vários concelhos da RLP e que muito tem contribuído para a investigação da problemática da leitura que teve, na rede implementada em 1986, uma forte promoção. Vários sociólogos têm participado nestes trabalhos e têm chegado a conclusões muito semelhantes; destacamos a equipa de João Teixeira Lopes e Lina Antunes, responsáveis por 3 destes estudos, onde, em notas conclusivas sobre o espaço do livro, afirmam (Lopes & Antunes, 1999):

“Permanecem as situações de descoincidência entre práticas efectivas e práticas declaradas quanto à prática de leitura de livros, com uma acentuada tendência de sobrevalorização, precioso indicador de uma relação de falta de familiaridade face a um objecto carregado de aura”. (p. 53)

E mais à frente:

“Finalmente, importa referir que o livro resiste, quer face a outros suportes impressos concorrenciais (jornais e revistas), quer em relação à omnipresença do audiovisual. Não queremos com isto dizer que sejam inócuos os efeitos de uma hiperbólica concentração nas práticas doméstico-receptivas, que já os orçamentos-tempo não são elásticos. No entanto, estamos em crer que haverá a tendência, em particular junto dos mais jovens, para uma justaposição ecléctica de actividades de diferente teor, ocupando o livro o seu lugar.” (p. 54)

Esta falta de centralidade do livro nos hábitos dos jovens, apresenta, no entanto, diferenças de género (Lopes & Antunes, 2000):

“Mantém-se, apesar da tonalidade unissexual das modernas culturais juvenis, a operacionalidade cognitiva e social das ancestrais divisões de género, fortemente ancoradas numa rígida divisão sexual dos papéis. Há

leituras “femininas” e leituras “masculinas”, cristalizando representações, rótulos e estereótipos que, emergindo das próprias configurações sociais, contribuem, circularmente, para as reforçar.” (p. 51)

Conforme se pode observar, estes estudos de utilizadores no âmbito da Leitura Pública acabam por ser investigações sobre os comportamentos de leitura dos jovens, porque são eles a população dominante das bibliotecas municipais, apesar de as bibliotecas escolares irem conquistando os seus públicos através da rede implementada há 10 anos – Rede de Bibliotecas Escolares -, que as tornaram, em grande número de casos¹¹, em lugares apazíveis e com oferta documental que vão ao encontro dos interesses dos seus estudantes.

1.1.1.2. Inquéritos sobre a Leitura Juvenil

Refira-se o estudo de Fernando Fontes, orientado por Carlos Fortuna do curso de Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, que incidiu sobre a população juvenil (14-18 anos) de 10 escolas do distrito de Coimbra (Fontes, 1999) e, apesar de considerar que *“A leitura e, mais especificamente, a leitura juvenil, continua um enigma cultural central dos nossos dias”*, conclui-se que:

“Em termos gerais e de forma algo esquemática, podemos dizer que os jovens com idades compreendidas entre os 14 e 18 anos de idade do distrito de Coimbra apresentam traços de relação com a leitura próximos daquilo que se conhece ser o padrão geral da população portuguesa no seu todo. Assim, por exemplo, a leitura de livros não-escolares tem, entre estes jovens, uma presença relativamente limitada no conjunto das suas práticas dominantes de ocupação de tempos livres. Predominam as actividades de natureza doméstico-receptiva, mas nestas, o lugar central é ocupado pelo visionamento e audição de rádio e de música. Sem se excluírem

¹¹ A Rede de Bibliotecas Escolares foi implementada em 1997 e apoiou e financiou, até ao ano de 2007, 1880 escolas, do 1º ciclo ao ensino secundário.

mutuamente, a prática de leitura de livros é, em muitas situações, exercida de modo cumulativo.” (pp. 85-86)

É forçoso trazer a esta abordagem outro estudo das autoras de livros infanto-juvenis, Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, que em 1994 publicaram *Os jovens e a leitura nas vésperas do Século XXI* e cujas conclusões apresentam um cenário completamente diferente do panorama dos estudos sobre a leitura:

“Após a sondagem, que envolveu crianças, jovens, pais, professores, responsáveis por bibliotecas, pode concluir-se que os livros estão para ficar. Nem a televisão matou a palavra escrita nem o ritmo acelerado da vida moderna destruiu a capacidade de iniciativa. Nas vésperas do Século XXI, as casas rechearam-se de maquinaria, as pessoas têm todas imenso que fazer e deslocam-se, viajam como nunca o fizeram antes. Mas a espécie humana continua a revelar recursos inesgotáveis para integrar o que há de novo sem pôr de lado o que já é velho. Na nossa época muito mais crianças e jovens mergulham com prazer no mundo dos livros porque muitos adultos tomaram a seu cargo a tarefa de as encaminhar nesse sentido. Afinal, o tempo é elástico e a imaginação não tem limites...” (p. 155)

Para além da subjectividade que perpassa nestas palavras, estamos perante uma investigação que parte de um conjunto de representações *bondosas* sobre a leitura e as transmite no inquérito. Por exemplo, sobre o número de livros lidos, 74,3% responde “Tantos que nem sei”¹² (Magalhães & Alçada, 1994, gráfico 9, p. 34). Estamos a falar do mesmo país e dos mesmos jovens?

Um outro estudo publicado na revista Fórum, 2 anos depois, *Hábitos e atitudes de leitura dos estudantes portugueses* por Rui Vieira de Castro e Maria de Lourdes Dionísio de Sousa, aplicado igualmente a um universo alargado de inquiridos que incluía 2º, 3º ciclos e secundário, já apresentava conclusões mais reservadas e admitia que uma “*atitude claramente favorável para com a leitura decresce à medida que se progride na escolaridade*” (Castro & Sousa, 1996, pp.115-6).

¹² - Curiosamente, o Inquérito utilizado e apresentado em anexo na obra destas autoras, não apresenta sequer este item de resposta.

1.1.1.3. Estudos sobre Literacia

Todos estes trabalhos não apresentam dados muito animadores dos índices de leitura da população em geral e da juvenil em particular, mas situam-se na esfera das representações, das atitudes e dos hábitos. Se a discussão se centrar nas capacidades de leitura dos sujeitos, o panorama é ainda menos animador. É inevitável, a este propósito, a referência a estudos sobre literacia, já com tradição em muitos países e realizado em Portugal em meados da década 90 por uma vasta equipa coordenada por Ana Benavente: *A literacia em Portugal. Resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica*, publicado em 1996. O inquérito realizado apresentou uma distribuição da população inquirida por 5 níveis de literacia, cujos resultados identificavam cerca de metade dos inquiridos “com dificuldades no uso da informação escrita na vida quotidiana” (10,3% no nível 0 e 37% no nível 1). Estes resultados assustaram os estudiosos e o próprio país que tem dificuldade em rever-se num diagnóstico tão negativo, principalmente quando, apesar dos níveis baixos de escolarização e cultura, o país tem respondido aos desafios de desenvolvimento impostos pela integração no espaço europeu, nas últimas décadas. Há mesmo quem questione a capacidade dos instrumentos de análise aplicados testarem as verdadeiras competências de uso de informação escrita de uso corrente (Dionísio, 2000, p.24):

“Há que reconhecer, no entanto, que muitos factores estão envolvidos aquando da recolha deste tipo de informação e que, por isso, resultados como estes, a não subvalorizar, devem ser olhados com algum cuidado, como aliás, aconselham os próprios AA. De facto, as capacidades de literacia dos indivíduos não podem ser perspectivadas sem se atender aos contextos de uso, sem se ter em conta os movimentos de adaptação estratégica dos sujeitos às novas e velhas situações.”

Valorizados ou subvalorizados, os resultados deste estudo não deixam de encontrar algum eco nos trabalhos sobre leitura referidos anteriormente e situam o nosso país numa retaguarda quando o posicionamos com outros países. Em 1998, quando foi aplicado um estudo de Literacia - International Adult Literacy Survey, IALS - a nível de 4 países europeus (França, Portugal, Reino Unido e Suécia), o nosso país arrecadou os piores desempenhos com 77% de inquiridos situados nos níveis 1 e 2 (França 75%,

Reino Unido 52% e Suécia 28%)¹³. Comparando o Estudo Nacional de Literacia e o IALS, quatro anos mais tarde, observam-se poucos ganhos ou perdas de resultados nos respectivos níveis. Também os estudos PISA aí estão para o documentar. Programme for International Student Assessment – PISA – foi aplicado em 32 países, no âmbito da OCDE¹⁴, a jovens de 15 anos, com o objectivo de estudar as suas competências em leitura, matemática e ciências; entre 2000 e 2004 foram aplicados em Portugal os diferentes testes a um total de 4600 jovens. Globalmente, os resultados situam Portugal nos últimos lugares juntamente com países como o Brasil, o México e a Grécia, muito afastados da média da OCDE (500).

É neste contexto de estudos que, globalmente, apresentam um panorama pouco animador da leitura, que se vai inserir a abordagem sociológica deste estudo.

2. DADOS DO INQUÉRITO¹⁵

2.1. Caracterização da amostra e opções metodológicas

Na selecção da amostra para o inquérito por questionário, foram estabelecidos dois critérios: um para uniformizar as idades e outro para diferenciar os cursos dos alunos inquiridos. Relativamente à idade, optou-se por um ano situado no meio do ciclo de estudos do secundário, o 11º ano, por ser aquele que já ultrapassou o ano de adaptação pós-básico e não tem a pressão inerente a um 12º ano, em que as práticas de leitura podem ser mais condicionadas. Relativamente aos cursos, e dentro do leque de oferta da escola, foi escolhida uma turma do Curso Tecnológico de Administração, uma do Curso Geral de Artes Visuais e outra do Curso Geral de Ciências e Tecnologias (total de 60 sujeitos), por abrangerem alunos com características próprias, alargando, assim, as opções das respostas e diversificando os dados em análise.

¹³ Só o estudo português – ENL – contemplava o nível 0 de literacia.

¹⁴ Dos 32 países 28 pertencem à OCDE e mais 4 integraram voluntariamente este estudo: Brasil, Liechtenstein, Federação Russa e Lituânia.

¹⁵ Os quadros, neste capítulo, têm as legendas das opções do questionário apresentadas de uma forma mais sintética para simplificação do registo de dados. O questionário integral pode ser consultado em Anexo B. Os quadros globais dos resultados estão todos incluídos ao longo do presente capítulo, pelo que se considerou dispensável a sua repetição em anexo.

QUADRO 1 - Idade

Anos	Distribuição	Percentagem
16	39	65,0
17	17	28,3
18	3	5,0
20	1	1,7
Total	60	100,0

QUADRO 2 - Cursos

Cursos	Respostas	Percentagem
Curso Geral de Artes Visuais	21	35,0
Curso Geral de Ciências e Tecnologias	23	38,3
Curso Tecnológico de Administração	16	26,7
Total	60	100,0

Feitas as opções indicadas, a amostragem ficou com variantes condicionadas à própria constituição das turmas, por exemplo, o sexo, a residência e o desempenho escolar dos inquiridos não têm uma distribuição equilibrada, conforme se observa nos quadros 3, 4 e 5, o que dificulta mais a inferência de dados das respostas quando se quer concluir da pertinência destas variáveis nos comportamentos culturais observados.

QUADRO 3 - Sexo

Sexo	Distribuição	Percentagem
Feminino	41	68,3
Masculino	19	31,7
Total	60	100,0

QUADRO 4 - Residência

Frequência	Respostas	Percentagem
Freguesia Leiria	6	10,0
Freguesias perto de Leiria	14	23,3
Freguesias afastadas de Leiria	40	66,7
Total	60	100,0

QUADRO 5 - Rendimento escolar

Níveis de rendimento	Respostas	Percentagem
10-12	28	46,7
13-14	22	36,7
15-17	6	10,0
18-20	2	3,3
repetente	1	1,7
outras situações	1	1,7
Total	60	100,0

A exploração das respostas do inquérito irá abordar, nem sempre sequencialmente, as questões das 4 partes que o compõem (ver o Inquérito completo no Anexo B): parte I – Tempos Livres; parte II – Práticas de Leitura; parte III – Práticas de Escrita; parte IV – Escola e Biblioteca.

2.2. Tempos livres

2.2.1. Tempos livres e lazeres sociais

QUADRO 6 – Questões 1. e 1.1. “Na ocupação dos teus tempos livres, com que frequência praticas as seguintes actividades?”

TEMPOS LIVRES	Muitas vezes (%)	Algumas vezes (%)	Raramente (%)	Nunca (%)
1.1. Ver televisão	56,7	33,3	10	0
1.2. Ouvir rádio	40	38,3	21,7	0
1.3. Ouvir música	76,7	21,7	1,7	0
1.4. Ler jornais e revistas	5	66,7	26,7	1,7
1.5. Ler livros	10	43,3	41,7	5
1.6. Ir ao cinema	0	53,3	43,3	3,3
1.7. Conviver com os amigos	73,3	26,7	0	0
1.8. Praticar desporto	25	48,3	23,3	3,3
1.9. Jogar computador	18,3	43,3	30	8,3
1.10. Comunicar no MSN	38,3	38,3	11,7	11,7
1.11. Assistir a eventos desportivos	11,7	38,3	41,7	8,3
1.12. Jogar flippers, máquinas electrónicas, snooker, etc	6,7	38,3	41,7	8,3

1.1.1. Assistir a um espectáculo	3,3	21,7	63,3	11,7
1.1.2. Visitar um museu ou uma exposição		16,7	63,3	20
1.1.3. Fazer jardinagem ou bricolage	3,3	16,7	36,7	43,3
1.1.4. Produzir música, dançar, fazer teatro	16,7	30	26,7	26,7
1.1.5. Escrever poemas, crónicas, histórias	5	11,7	26,7	56,7
1.1.6. Escrever um diário	0	11,7	31,7	56,7
1.1.7. Pintar ou cultivar uma forma de artesanato	16,7	18,3	26,7	38,3
1.1.8. Praticar desporto de competição	13,3	16,7	15	55
1.1.9. Colaborar num clube ou grupo associativo	13,3	28,3	21,7	33,3
1.1.10. Cultivar uma forma de coleccionismo	8,3	15	21,7	50

(resposta de escolha múltipla)

O traço marcante nas manifestações de interesses na ocupação de tempos livres é o predomínio da linha da convivialidade: o ponto 1.7. “Conviver com amigos” obtém 73,3% de respostas “Muitas vezes” e 26,7% “Algumas vezes”, sendo esta tendência manifestada noutras formas de lazer que implicam contacto social, como por exemplo: 1.3. “Ouvir música” (76,7% de “Muitas vezes”), 1.8. “Praticar desporto” (25% “Muitas vezes” e 48,3% “Algumas vezes”), 1.10. “Comunicar no MSN” (38,3% “Muitas vezes” e 38,3% “Algumas vezes”). Dentro desta tendência, as alternativas de tempos livres com práticas mais individuais têm uma expressão mais modesta, como se pode observar nos itens 1.1.3. até 1.1.10.

Para além da tendência para formas de lazer de carácter social, é igualmente visível que os tempos livres proporcionados por media audiovisuais e electrónicos recolhem a preferência dos jovens inquiridos (ver TV, ouvir rádio e música, jogar computador e comunicar no MSN), o que confirma as actuais tendências da juventude.

2.2.2. Tempos livres e leitura

Apesar desta linha do lazer social, a leitura, que dificilmente se enquadra nesta tendência, tem, apesar de tudo, índices globalmente positivos, considerando a soma das frequências “Muitas vezes” e “Algumas vezes” na leitura de livros 1.5. (10% + 43,3% =

LEITURA ENTRE OS JOVENS – contributos para uma compreensão

53,3%) e periódicos 1.4. (5% + 66,7% = 71,7%), evidenciando um grupo de inquiridos que não hostiliza a leitura.

Se forem explorados os dados do inquérito de forma a obter o perfil do público leitor, verificamos que o factor rendimento escolar não tem uma expressão directa nas práticas leiturais (quadros 7 e 8):

QUADRO 7 – Tempos livres e leitura de LIVROS segundo as variáveis RENDIMENTO ESCOLAR e RESIDÊNCIA

Rendimento escolar	Residência	1.5. Ler livros				Total
		Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	
10-12	Freguesia Leiria	0	1	2	0	3
	Freguesias perto de Leiria	1	5	3	1	10
	Freguesias afastadas de Leiria	3	5	6	1	15
	Total	4	11	11	2	28
13-14	Freguesia Leiria	1	0	1	0	2
	Freguesias perto de Leiria	0	2	1	0	3
	Freguesias afastadas de Leiria	0	10	7	0	17
	Total	1	12	9	0	22
15-17	Freguesia Leiria	0	0	0	1	1
	Freguesias perto de Leiria	0	0	1	0	1
	Freguesias afastadas de Leiria	0	2	2	0	4
	Total	0	2	3	1	6
18-20	Freguesias afastadas de Leiria	1	1	0	0	2
	Total	1	1	0	0	2
repetente	Freguesias afastadas de Leiria	0	0	1	0	1
	Total	0	0	1	0	1

QUADRO 8 – Tempos livres e leitura de PERIÓDICOS segundo as variáveis RENDIMENTO ESCOLAR e RESIDÊNCIA

Rendimento escolar	Residência	1.4. Ler periódicos				Total
		Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	
10-12	Freguesia Leiria	0	3	0	0	3

LEITURA ENTRE OS JOVENS – contributos para uma compreensão

	Freguesias perto de Leiria	2	6	2	0	10
	Freguesias afastadas de Leiria	0	11	3	1	15
	Total	2	20	6	1	28
13-14	Freguesia Leiria	0	1	1	0	2
	Freguesias perto de Leiria	0	3	0	0	3
	Freguesias afastadas de Leiria	1	9	7	0	17
	Total	1	13	8	0	22
15-17	Freguesia Leiria	0	0	1	0	1
	Freguesias perto de Leiria	0	1	0	0	1
	Freguesias afastadas de Leiria	0	4	0	0	4
	Total	0	5	1	0	6
18-20	Freguesias afastadas de Leiria	0	1	1	0	2
	Total	0	1	1	0	2
repetente	Freguesias afastadas de Leiria	0	1	0	0	1
	Total	0	1	0	0	1
outras situações	Freguesias afastadas de Leiria	0	0	1	0	1
	Total	0	0	1	0	1

QUADRO 9 – Tempos livres e leitura de PERIÓDICOS e LIVROS segundo a variável SEXO

PERIÓDICOS	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Total
Feminino	1	28	11		41
Masculino	2	12	5	0	19
Total	3	40	16	1	60
LIVROS					
Feminino	5	23	11	2	41
Masculino	1	3	14	1	19
Total	6	26	25	3	60

QUADRO 10 – Tempos livres e leitura de PERIÓDICOS e LIVROS segundo a variável CURSO

PERIÓDICOS	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Total
C. Artes	2	13	5	1	21
C. Ciências e Tec.	1	15	7	0	23
C. Tecnológico Adm.	0	12	4	0	16

LEITURA ENTRE OS JOVENS – contributos para uma compreensão

Total	3	40	16	1	60
LIVROS					
C. Artes	3	11	5	2	21
C. Ciências e Tec	2	8	13	0	23
C. Tecnológico Adm.	1	7	7	1	16
Total	6	26	25	3	60

Se é verdade que os dois alunos com melhor *performance* escolar (médias finais situadas entre 18 e 20 valores) manifestam a frequência “Muitas vezes” e “Algumas vezes” na ocupação nos seus tempos livres com leitura de livros (o mesmo não acontece relativamente ao *media* escritos), os outros inquiridos que declararam a mesma frequência distribuem-se, com mais expressão, em médias mais baixas: 15 (10-12), 13 (13-14) e 2 (15-17). Parece assim que o gosto e o culto da leitura não são propriedade exclusiva de um determinado sector de alunos, mas transversal a diferentes rendimentos escolares, o que permite analisar a eficácia do estudo em padrões de comportamento que dependem exclusivamente do hábito de ler. A este propósito, é interessante juntar uma outra fonte de informação (ver Anexo C) recolhida na escola, no âmbito do respectivo jornal escolar (*Novo Arauto Online*), no início de 2005/06, onde um grupo de 12 alunos com médias situadas entre 18-20 (e que por inerência receberam um Certificado de Excelência no arranque do ano lectivo) foi inquirido sobre os seus métodos de estudo e hábitos de leitura; as respostas permitiram concluir que esta franja de estudantes faz a diferença por possuir estratégias regulares, disciplinadas e eficazes de estudo e não por ter práticas de leituras compulsivas e ricas.

Relativamente à variável Curso (*Quadro 10*), não se registam diferenças muito significativas nas declarações de leitura em tempos livres entre alunos dos três cursos considerados. Mas, quando se considera a variável Residência, já as diferenças são mais assinaláveis, com os inquiridos residentes em freguesias mais afastadas do centro da cidade a evidenciarem uma frequência maior de leitura (*quadros 7 e 8*), mas é exactamente este último grupo que é predominante na distribuição dos alunos da amostra (66,7% - *vd Quadro 4*) e característica geral da população desta escola secundária. O mesmo raciocínio se poderá fazer ao considerar-se o género dos inquiridos (*quadros 9 e 10*), onde o predomínio das respondentes raparigas (68,3% - ver *Quadro 3*) vai manifestar-se nas respostas ao item “leitura”; só que aqui a diferença entre o grupo de raparigas que responde “muitas vezes” e “algumas vezes” é mais

acentuado na proporção do que o dos rapazes (elas: 5-23; eles 1-3), o que permite ir isolando o indicador sexo nos desempenhos gerais de leitura.

2.2.3. Tempos Livres de rapazes e raparigas

Ao isolarmos, por exemplo, a variável sexo no quadro geral de ocupações de tempos livres, observa-se que há itens que revelam um nivelamento de hábitos entre os dois sexos (convívio, música, rádio, TV), mas registam-se tendências mais fortemente femininas no exercício da escrita (diários), da pintura, na leitura (conforme já foi analisado anteriormente) e no hábito de ir a museus. Globalmente, as práticas culturais menos massificadas têm um selo feminino, o que permite inferir características de personalidade por sexo que o acesso global de oportunidades e a escolarização não esbateram totalmente.

Quando questionados sobre o *hobby* central dos seus tempos livres (*Questão 2* do inquérito, com resposta não condicionada por opções), obtemos a seguinte lista de preferências:

QUADRO 11 – Questão 2. "Indica um *hobby* concreto, interesse ou paixão que ocupe uma parte importante do teu tempo livre."

HOBBY		OCORRÊNCIAS	RAPAZES	RAPARIGAS
Música	(geral)	12	3	9
	Guitarra	12	2	0
	Piano	1	0	1
Conviver		10	3	7
Desporto	(geral)	2	1	1
	Andebol	3	1	2
	Atletismo	3	1	2
	Surf	1	0	1
	Futebol	3	1	2
	Bodyboard	1	0	1
	Ginásio	1	1	0
	Ginástica art.	1	0	1
	Tiro de precisão	1	1	0
	Mota	1	1	0
	Kick boxing	3	3	0
Pintura		5	1	4
Desenho		2	0	2
Dança		5	0	5
TV		3	1	2

LEITURA ENTRE OS JOVENS – contributos para uma compreensão

Leitura	2	0	
Escrita	1	0	1
Babysitter	1	0	1
Escutismo	1	0	1
Computador	5	4	1

(resposta de escolha múltipla)

Esta *Questão 2* de resposta livre, ao não apresentar alternativas de resposta e ao condicionar menos, acaba por reforçar uma certa geografia de sexos na ocupação de Tempos Livres, criando territórios claramente masculinos e femininos.

2.2.4. O dinheiro e os objectos

Para onde vai o dinheiro da semana/mesada dos jovens e que prendas oferecem aos amigos são igualmente questões pertinentes para a compreensão do conceito de “cultura jovem”.

QUADRO 12 – Questão 5. “O dinheiro da tua mesada ou semana é gasto nas seguintes despesas/actividades:”

DINHEIRO DA MESADA	Muitas vezes (%)	Algumas vezes (%)	Raramente (%)	Nunca (%)
5.1. comprar CD's	3,3	11,7	20	63,3
5.2. alugar DVD's, VHS's	1,7	13,3	26,7	56,7
5.3. discotecas, bares	23,3	38,3	23,3	15
5.4. transportes, combustível	18,3	20	21,7	40
5.5. roupa	16,7	40	15	26,7
5.6. prendas	6,7	43,3	35	13,3
5.7. comprar livros	8,3	15	35	40
5.8. comprar jornais, revistas	3,3	18,3	46,7	30
5.9. telemóvel	10	40	25	25
5.10. comida, bebida	60	23,3	6,7	8,3

(resposta de escolha múltipla)

QUADRO 13 – Questão 6. “No teu aniversário ou no Natal, qual o presente que mais gostas de receber?”

OFERECER PRENDAS	Muitas vezes (%)	Algumas vezes (%)	Raramente (%)	Nunca (%)
7.1. CD's, vídeos	8,3	31,7	40	18,3
7.2. livros	6,7	35	31,7	25
7.3. flores	5	15	36,7	41,7
7.4. roupa	23,3	35	23,3	16,7
7.5. perfumes	23,3	45	15	15
7.6. bijuteria	38,3	36,7	15	8,3

(resposta de escolha múltipla)

LEITURA ENTRE OS JOVENS – contributos para uma compreensão

Da leitura dos quadros expostos (12 e 13), é possível inferir que se está perante uma população que, maioritariamente, vem da periferia da cidade, não come em casa e gasta parte da sua semanada na comida (60% “Muitas vezes” e 23,3% “Algumas vezes”). Apesar disso, não falta dinheiro para consumos de convívio social próprios da cultura jovem e expressos na frequência de bares e discotecas (23,3% “Muitas vezes” e 38,3% “Algumas vezes”) e gastos com telemóvel (10% “Muitas vezes” e 40% “Algumas vezes”). O consumo de música e filmes não se faz basicamente pela via da aquisição de CD’s ou aluguer de DVD’s (20% e 63,3% “Raramente” e “Nunca” para compra de CD’s; 26,7% e 56,7%, respectivamente, para aluguer de DVD’s ou VHS’s); certamente que a alternativa da Internet já se instalou nos inquiridos como acesso a estes consumos audiovisuais.

QUADRO 14 – Questão 1.4. Ler jornais e revistas

Frequência	Respostas	Percentagem
Muitas vezes	3	5,0
Algumas vezes	40	66,7
Raramente	16	26,7
Nunca	1	1,7
Total	60	100,0

QUADRO 15 – Questão 1.5. Ler livros

Frequência	Respostas	Percentagem
Muitas vezes	6	10,0
Algumas vezes	26	43,3
Raramente	25	41,7
Nunca	3	5,0
Total	60	100,0

QUADRO 16 – Questão 5.7. Frequência de gastos em livros

Frequência	Respostas	Percentagem
Muitas vezes	5	8,3
Algumas vezes	9	15,0
Raramente	21	35,0
Nunca	24	40,0
Não respondeu	1	1,7
Total	60	100,0

QUADRO 17 – Questão 5.8. Frequência de gastos em periódicos

Frequência	Respostas	Porcentagem
Muitas vezes	2	3,3
Algumas vezes	11	18,3
Raramente	28	46,7
Nunca	18	30,0
Não respondeu	1	1,7
Total	60	100,0

Ao compararem-se as declarações de leitura de livros, jornais e revistas na ocupação de tempos livres (*quadros 14 e 15*) com as declarações de compra desses mesmos bens (*quadros 16 e 17*), verifica-se um diferencial significativo que permite inferir o contributo da requisição em bibliotecas (escolar e pública) no colmatar dessa diferença entre livros e periódicos lidos e comprados. Para além do empréstimo em bibliotecas, essa mesma diferença pode ainda ser explicada com a oferta de livros, expressa no *Quadro 13* nas percentagens 6,7% para “Muitas vezes” e 35% para “Algumas vezes”.

Roupas, perfumes e bijutaria impõem-se como produtos de referência de oferta nas compras, não apresentando diferenças muito significativas relativamente a comportamentos de consumo do mundo dos adultos.

2.2.5. Tempos Livres e Associativismo

QUADRO 18 – Questão 8. "A nível associativo, pertences ou já pertenceste a algum/alguns dos grupos ou clubes em baixo indicados?"

PARTICIPAÇÃO EM ASSOCIAÇÕES	Já pertenceu (%)	Pertence (%)	Nunca pertenceu (%)
8.1. Associação recreativa	15	16,7	66,7
8.2. Associação cultural ou artística	13,3	6,7	78,3
8.3. Organizações religiosas	38,3	15	43,3
8.4. Associação de estudantes	0	10	88,3
8.5. Partido político	0	0	98,7
8.6. Equipa ou grupo desportivo	43,3	21,7	33,3
8.7. Grupo de ação social ou cívica	5	5	88,7
8.8. Grupo musical	15	16,7	66,7

O quadro revela um índice associativo não muito expressivo, mas, mesmo assim, com alguma representação nas áreas do desporto, da prática desportiva e musical, o que vai ao encontro das manifestações de ocupação de tempos livres anteriormente analisadas. A socialização através destas áreas é mais significativa do que através de envolvimento cultural (78,3% declara também nunca ter pertencido) ou em causas sociais (86,7% nunca pertenceu a grupos cívicos). Curiosamente é nas freguesias afastadas de Leiria que se observam respostas afirmativas sobre este último tipo de associativismo, conforme se observa no *Quadro 19*.

QUADRO 19 – Questão 8.7. PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS CÍVICOS por sexo e residência

Residência	Género	já pertenceu	pertence	nunca pertenceu	Total
Freguesia Leiria	Feminino	0	0	5	5
	Masculino	0	0	1	1
	Total	0	0	6	6
Freguesias perto de Leiria	Feminino	0	0	11	11
	Masculino	0	0	3	3
	Total	0	0	14	14
Freguesias afastadas de Leiria	Feminino	2	3	20	25
	Masculino	1	0	12	15
	Total	3	3	32	40

2.3. Práticas de Leitura

2.3.1. Relação com o livro

A segunda parte do questionário aprofunda mais detalhadamente o envolvimento dos jovens inquiridos com a leitura, permitindo observar as suas práticas e representações.

Numa primeira abordagem, refira-se o número de livros lidos por ano, que permite a integração em tipologias já trabalhadas em inquéritos sociológicos sobre leitura.

QUADRO 20 – Questão 18 - “Em média quantos livros lê por ano?”

Frequência	Respostas	Percentagem
Nenhum	2	3,3
1-5	44	73,3
6-10	12	20,0
11-20	1	1,7
+20		1,7
Total	60	100,0

De acordo com a classificação de Grandes, Médios e Pequenos Leitores¹⁶ aplicada em estudos de Eduardo de Freitas (FREITAS, 1992, 1997), o *Quadro 20* apresenta-nos um perfil médio de Pequeno Leitor com 73,3% da população inquirida a ler até 5 livros por ano e só 21,7% lê entre 6 a 20 livros. Se equacionarmos que esta classificação em 3 grupos foi aplicada, nos 2 estudos de Eduardo de Freitas, a um universo não escolar (população escolarizada a partir de 15 anos) e teve como resultado uma percentagem de Pequenos Leitores situada entre 53,4% (estudo publicado em 1992) e 67,6 (estudo publicado em 1997), a média de 73,3 obtida neste inquérito é mais gravosa por duas razões: primeiro porque é quantitativamente mais alta; segundo porque se aplica a uma faixa escolar que lê (leia-se deve ler) por obrigação do sistema escolar. A questão posta ao jovem era: “Em média, quantos livros lê por ano?”, o que o levou certamente a incluir, na sua média, livros lidos no âmbito da leitura de estudo e/ou de contrato na disciplina de Português e outros livros motivados por outra disciplina. Situação diferente é a de um adulto que, não estando incluído na estrutura de ensino, usufrui de um ambiente menos propício ao livro e à leitura.

Quando na análise da leitura de livros nos Tempos Livres, considerámos a percentagem de 53,3 como positiva, ela incluía um grupo de 10% que lê “Muitas vezes” e 43,3% que lê só “Algumas vezes” nos seus tempos livres; se a compararmos com a média anual de livros lidos, encontramos 20% de inquiridos no padrão de Médios Leitores e só 1 aluno (1,7%) no grupo de Grandes Leitores. Isto é, há Médios Leitores que lêem “Muitas vezes” nos seus tempos livres e outros “Algumas vezes”.

É interessante neste inquérito perseguirmos a linha de (in)coerência das respostas relativamente à leitura. Por exemplo quando se pergunta: “Analisando para trás o teu percurso de leitor, como te definirias?”, 30% opta pela opção de resposta

¹⁶ Pequeno Leitor lê entre 1 a 5 livros por ano; Médio Leitor entre 6 a 20; Grande Leitor lê mais de 20 livros por ano.

LEITURA ENTRE OS JOVENS – contributos para uma compreensão

“Sempre tive o hábito de ler”, enquanto que 26,7% responde exactamente o contrário
 “Nunca tive o hábito de ler.”

QUADRO 21 – Questão 25 - Analisando para trás o teu percurso de leitor como te definirias?

25. Autodefinição do percurso de leitor	SIM (%)
25.1. Hábito de ler - sempre	30
25.2. Hábito de ler - nunca	26,7
25.3. Fases	20
25.4. Conciliação de leitura, estudo e convívio	21,7
25.5. Pouco interesse agora	8,3
25.6. Ensino básico – actividades interessantes	5
25.7. Leitura – hábito de criança	1,7
25.8. Actualmente mais maduro	30

(resposta de escolha múltipla)

A primeira opção “Sempre tive o hábito de ler” tem uma incidência esmagadoramente feminina (respondem “Sim” 17 raparigas e um só rapaz) e, mais uma vez, um leque muito diversificado de rendimento escolar (9 inquiridos com média entre 10-12; 6 com média entre 13-14; 2 entre 15-17 e só um com média mais elevada 18-20. Por sinal, o único rapaz deste grupo de respostas).

Quando se reúnem estas 3 situações de resposta num quadro, obtém-se alguma flutuação do “grupo leitor” reveladora de alguma inconsistência e talvez incoerência de respostas.

QUADRO 22 – Cruzamento de respostas sobre a leitura

ITENS	SIM (%)
25.1. Hábito de ler - sempre	30
18.3. nº de livros lidos por ano – 6-10	20
18.4. nº de livros lidos por ano – 11-20	1,7
18.5. nº de livros lidos por ano – mais de 20	1,7
1.5. Leitura de livros nos Tempos Livres – muitas vezes	10
1.5. Leitura de livros nos Tempos Livres – alg. vezes	43,3

Essa *inconsistência* encontra talvez resposta no próprio questionário quando se toma consciência de que o conceito de leitura é abrangente. Por exemplo, tem uma expressão muito significativa quando se alarga a extensão de ler a periódicos:

QUADRO 23 – Questão 11. "Relativamente à leitura de jornais e revistas em casa, qual das situações indicadas se identifica com a tua?"

Leitura de periódicos em casa	Frequência	Percentagem
1. Ler periódicos de casa	46	76,7
2. Não leio, não me interessam os de casa	6	10,0
3. Não leio, não me interessa ler periódicos	2	3,3
4. Não há imprensa escrita em casa	5	8,3
Não respondeu	1	1,7
Total	60	100,0

QUADRO 24 – Questão 12 – "Se lês jornais e revistas, que tipo de informação te atrai mais?"

Tipo de informação de periódicos	Sim (%)
12.1. Actualidade regional	12
12.2. Actualidade nacional	30
12.3. Actualidade internacional	31,7
12.4. Desporto	60
12.5. Informação cultural	31,7
12.6. Programas de rádio e televisão	50
12.7. Ciência e técnica	26,7

(resposta de escolha múltipla)

Por exemplo, quando os inquiridos reconhecem a força do grupo de pares na escolha de um livro a adquirir:

QUADRO 25 – Questão 13 – "Quando precisas ou queres escolher um livro não escolar para leres... (escolhe entre as hipóteses possíveis):"

13. Conselhos para escolha de livros	Sim (%)
13.1. mãe	10
13.2. pai	6,7
13.3. professores	10
13.4. Biblioteca da escola	11,7
13.5. Colegas	65

13.6. Livros de casa	11,7
13.7. Comprar em livraria ou quiosque	38,3
13.8. Só lê livros obrigatórios da escola	15
13.9. Pedir emprestado	26,7

(resposta de escolha múltipla)

Ou por exemplo, quando reconhecem a força das situações que os afastam da leitura:

QUADRO 26 – Questão 24 – “Se estás a iniciar uma sessão de leitura (não escolar), que motivos te poderiam afastar dessa tarefa?”

24. Sessão de leitura – afastamento	SIM (%)
24.1. Qualquer um	8,3
24.2. Qualquer um – meia hora depois	8,3
24.3. Motivo de força maior	26,7
24.4. Telenovela	18,3
24.5. Telefonema para sair	50
24.6. Música	16,7

(resposta de escolha múltipla)

Apesar destes aspectos, a relação que manifestam com o livro não é, genericamente, de preconceito, mas de inclusão:

QUADRO 27 – Questão 21 – “Quando preparas as tuas bagagens para saíres numas férias ou fins de semana, que importância atribuis à inclusão de um livro ou revista na mochila?”

21. Saída – inclusão de livros	SIM (%)
21.1. Não incluir	26,7
21.2. Revista às vezes	30
21.3. Procura incluir	35
21.4. Imprescindível incluir	18,3
21.5. Recomendação dos pais	8,3

(resposta de escolha múltipla)

QUADRO 28 – Questão 22 – “Se apareces no café ou no clube com livro não escolar debaixo do braço, qual a recepção dos teus colegas?”

22. Café – levar livro	SIM (%)
22.1. Invejam	3,3
22.2. Passar despercebido	20
22.3. Hipótese impossível	23,3
22.4. Comentam	6,7
22.5. Sentem curiosidade	58,3
22.6. Gozam	5
22.7. Grupo integra com mais facilidade	1,7
22.8. Repúdio do grupo	0

(resposta de escolha múltipla)

O tipo de respostas presentes nestas duas questões é importante nas abordagens sociológicas porque, apesar de não constituírem declarações de práticas de leitura, dizem muito de uma atitude positiva e não preconceituosa sobre a leitura, que terá reflexos no futuro destes jovens como leitores. Trata-se do domínio das representações. É interessante confrontar a Questão 22 com a seguinte:

QUADRO 29– Confronto da questão 22 e 23 – “Se a situação se invertesse e fosses tu a reagir a um colega com hábitos de leitura, quais das opções anteriores escolherias”

22. Café – levar livro	SIM (%)	23. Café – levar livro na perspectiva do aluno	SIM (%)
22.1. Invejam	3,3	23.1. Invejam	3,3
22.2. Passar despercebido	20	23.2. Passar despercebido	23,3
22.3. Hipótese impossível	23,3	23.3. Hipótese impossível	3,3
22.4. Comentam	6,7	23.4. Comentam	0
22.5. Sentem curiosidade	58,3	23.5. Sentem curiosidade	63,3
22.6. Gozam	5	23.6. Gozam	0
22.7. Grupo integra com mais facilidade	1,7	23.7. Grupo integra com mais facilidade	1,7
22.8. Repúdio do grupo	0	23.8. Repúdio do grupo	0

(resposta de escolha múltipla)

A mesma situação, na perspectiva do aluno, já apresenta diferenças: a “curiosidade” aumentou, a atitude de “gozo” não foi considerada por nenhum e a

hipótese de aparecer no café com um livro debaixo do braço não é considerada como “impossível”. Como sujeito da resposta, o jovem avalia-se mais tolerante e racional.

Faculdade de Psicologia
e Ciências da Educação
Universidade de Lisboa
BIBLIOTECA

2.3.2. Géneros preferidos

A abordagem do género de leitura preferida foi feita através da *Questão 15*, expressa no quadro seguinte:

QUADRO 30 – Questão 15 – “Os livros que fazem actualmente as tuas preferências são:”

15. GÉNEROS	Preferências em %	Rapazes Nº	Raparigas Nº	Ordem de géneros preferidos
15.1. Livro de Informação	10	6	0	1. Livro de actualidade
15.2. Dramas românticos	36,7	3	19	1. Romances
15.3. Diários	33,3	2	8	2. Dramas românticos
15.4. Aventuras fantásticas	33,3	5	15	3. Diários
15.5. Contos	8,3	1	4	3. Aventuras fantásticas
15.6. Livro de Actualidade	45	8	19	4. Testemunhos
15.7. Romance histórico	18,3	3	6	5. Ficção científica
15.8. Crónicas humorísticas	13,3	3	5	6. BD
15.9. Ficção científica	23,3	5	9	6. Arte
15.10. Policiais	20	6	6	6. Policiais
15.11. Testemunhos	25	1	14	6. Biografias
15.12. Biografias	20	6	6	7. Romances histórico
15.13. Poesia	11,7	1	6	8. Crónicas humorísticas
15.14. BD	20	3	9	9. Poesia
15.15. Arte	20	3	9	10. Livro de informação
15.16. História	6,7	3	1	11. Contos
15.17. Romances	45	2	25	11. Teatro
15.18. Contos	6,7	1	3	12. História
15.19. Teatro	8,3	0	5	

LEITURA ENTRE OS JOVENS – contributos para uma compreensão

15.20. Outros géneros	3,4	0	0
15.21. Nenhum	0	1	0

(resposta de escolha múltipla)

Apesar das raparigas representarem 68,3% da amostra, podemos desenhar, através dos números expostos, a tendência das suas preferências: elas identificam-se com o romance, o diário, o drama romântico, o livro testemunho, as aventuras fantásticas. Eles encontram-se mais no livro informativo e da actualidade, no policial e na biografia. Ficção para raparigas e não-ficção para rapazes, podem sintetizar as tendências dos sexos.

Em articulação com esta questão da preferência, inquiria-se na *Questão 16.* o tipo de livros que existia em casa do aluno, o que permite tirar algumas conclusões sobre a colecção de livros familiar.

QUADRO 31 – Confronto da questão 15 e 16 – “Dos géneros apresentados anteriormente, indica, através de alínea, aqueles que existem em tua casa.”

15. GÉNEROS	PREFERÊNCIA (%)	CASA (%)
15.1. Informação	10	23,3
15.2. Dramas românticos	36,7	46,7
15.3. Diários	33,3	53,3
15.4. Aventuras fantásticas	33,3	41,7
15.5. Contos	8,3	33,3
15.6. Actualidade	45	30
15.7. Romance histórico	18,3	35
15.8. Crónicas humorísticas	13,3	13,3
15.9. Ficção científica	23,3	23,3
15.10. Policiais	20	23,3
15.11. Testemunhos	25	33,3
15.12. Biografias	20	31,7
15.13. Poesia	11,7	33,3
15.14. BD	20	43,3
15.15. Arte	20	25
15.16. História	6,7	28,3
15.17. Romances	45	50
15.18. Contos	6,7	21,7

15.19. Teatro	8,3	21,7
15.20. Outros géneros	3,4	3,4
15.21. Nenhum	0	0

(resposta de escolha múltipla)

Verifica-se uma grande diversidade e desajustamento do livro “possuído” e “preferido/lido” pelo jovem. Com excepção do livro sobre a actualidade que reúne 45% das preferências e só existe em 30% nos lares dos inquiridos, em todos os outros géneros as existências superam as preferências: Informação, Dramas românticos, Diários, Aventuras fantásticas, Contos, Romance histórico, Poesia, Biografias, BD, etc. Claro que a existência do género não garante, à partida, uma adesão ao título existente, pois podem ser obras datadas (certamente que a percentagem de 43,3% de BD deve incluir álbuns de criança, com os quais o jovem já não se identifica), não adequadas à idade ou volumes de colecções que não atraem o jovem leitor. De qualquer maneira, há da parte desse mesmo jovem um reconhecimento de que a estante de sua casa tem oferta. Sobre esta matéria, analise-se o cálculo de quantidade que os inquiridos apresentam sobre o número de livros existe nos respectivos lares.

QUADRO 32 – Questão nº 17 – “Qual a quantidade aproximada de livros, excepto escolares, que existem a tua casa?”

Frequência	Respostas	Percentagem
zero	1	1,7
1-30	22	36,7
31-99	19	31,7
100-199	7	11,7
+200	9	15,0
Não respondeu	2	3,3
Total	60	100,0

Perante tanta diversidade declarada na *Questão 16*, sobre os géneros, há alguma inconsistência a quantidade tão reduzida da colecção familiar, onde 68,4% declara possuir até 100 livros em casa. Poderá ter havido uma falha de cálculo ou constituir uma evidência de uma socialização pobre com o livro. A este propósito, na resposta à *Questão 13*, sobre o aconselhamento dos pais para a escolha do livro (*Quadro 23*), eles representam 16,7% dos “conselheiros” (mais as mães – 10% - do que o pai – 6,7%).

2.3.3. Títulos preferidos

Para concretizar melhor este panorama de práticas de leitura nos jovens, observemos duas listas: a A que contém os títulos que eles recomendam a um colega (*Questão 20.*) e a B onde se referencia o último livro lido pelo aluno (*Questão 4.4.*):

QUADRO 33 – Questões 20 – “Que título recomendarias a um colega/amigo?” e 4.4. “Procura lembrar-te do nome do mais recente livro que leste.”

Lista A – Livro recomendado	Ocorrências	Lista B – Último livro lido	Ocorrências
Papisa Joana	2	Papisa Joana	1
I'm in love with a Pop Star	1	Lágrimas coloridas	1
Cão como nós	1	Cão como nós	2
Filhos da droga	2	O crime do Padre Amaro	4
O sorriso das estrelas	1	O amigo que não me salvou a vida	1
O diário de Kurt Cobain	1	O código da Vinci	1
Anjos e demónios	1	Contos de Gin Tonic	1
O código da Vinci	4	Casa dos Espíritos	1
Equador	1	O mundo dos outros	1
A conspiração	2	O sorriso das estrelas	1
Quelmada viva	1	Ensaio sobre a cegueira	1
Onze minutos	1	Vale da Paixão	1
A viagem de Bruno	1	O velho que lia romances de amor	1
As brumas de Avalon	1	Odeio-me e quero morrer	1
As palavras que nunca te direi	2	O estranho caso do cão morto	1
Paula	1	As palavras que nunca te direi	1
Diário de Anne Frank	1	Flor no deserto	1
Sol nascente	1	Equador	1
Uma criança chamada coisa	1	Estranho encontro	1
Aurora no deserto	1	Crazy	1
Ensaio sobre a cegueira	1	Conspiração	2
Uma promessa para toda a vida	1	Harry Potter	1
Uma questão de confiança	1	Quelmada Viva	1
Flor no deserto	1	Uma questão de confiança	1
Memórias das minhas putas tristes	1	A essência da lâmina	1
		Novo mundo	1
		O casamento da minha mãe	1
		Chave de Luz	1
		A Pérola	1
		Um Sonho de Vida	1
		Um Sonho de Amor	1
		Não me contes o fim	1

Aurora no deserto	1
Escrava	1
Vai onde te leva o coração	1
Momento inesquecível	1
Memória das minhas putas tristes	1

Comparando globalmente os dois quadros, observamos alguns aspectos curiosos das práticas de leitura nos jovens. Verifica-se que são selectivos no livro recomendado – 31 livros lidos recentemente e 25 recomendados – o que pode pressupor a existência de critérios de adesão quando se recomendam livros a amigos. Desses 25 recomendados, 13 repetem-se nos últimos livros lidos, o que pode reflectir alguma falta de variedade de leitura ou informações sobre livros. Dos 49 títulos referidos, 35 existem no fundo da biblioteca escolar, o que pode ser um sinal de adequação do fundo documental aos interesses dos jovens, mesmo que eles tenham lido um exemplar não requisitado na biblioteca. A declaração de escolhas feita neste quadro vai ao encontro das preferências já manifestadas no *Quadro 28, Questão 15.*, com o Romance, o Drama romântico e Livro de Testemunho a comandarem as opções dos jovens leitores.

Particularizando alguns títulos, o romance *O crime do Padre Amaro* aparece com 4 ocorrências de leitura (porque era o título de leitura obrigatória no 11º ano na disciplina de Português na escola) e não aparece nos livros recomendados aos amigos; apesar de, genericamente, os professores da disciplina reconhecerem a adesão das turmas ao romance de Eça de Queirós, esta adesão não foi suficiente para constituir uma recomendação de leitura. Preconceito do aluno perante o livro obrigatório?

Para além dos autores de referência dos jovens como Nicholas Sparks, Dan Brown, Susana Tamaro, Paulo Coelho, aparece um título de José Saramago – *Ensaio sobre a cegueira* – na lista dos lidos e recomendados, o que constitui um caso singular. Poder-se-á especular sobre outros critérios que actuam na escolha de livros por parte dos jovens e visíveis nesta lista: o critério do livro fino (*Pérola, O velho que lia romances de amor, O estranho caso do cão morto*); o critério do livro testemunhal e voyeurista (*O diário de Kurt Cobain, Os Filhos da droga, Uma criança chamada coisa*); o critério do título chamativo (*As memórias das minhas putas tristes, Odeio-me e quero morrer, I'm in love with a pop star, O vale da paixão*).¹⁷

¹⁷ - A experiência de acompanhamento da leitura numa biblioteca escolar é reveladora de situações em que títulos e tamanhos de livros que facilmente induzem à leitura correspondem, muitas

2.3.4. Outros consumos culturais

Já que se estão a analisar manifestações concretas de consumos, é oportuno incluir aqui outro tipo de consumos culturais fora do livro:

QUADRO 34 – Questões 4.1, 4.2., 4.3. - Procura lembrar-te do nome do mais recente filme que viste no cinema / teatro que assiste / concerto que ouviste*

Lista A	ocor.	Lista B	ocor.	Lista C	ocor.
Ultimo FILME visto		Ultimo TEATRO visto		Ultimo CONCERTO	
King Kong	4	Peça escolar em inglês	9	Orquestra	1
Harry Potter	9	Star Makers	7	Quem é Bob?	1
Charlie e a fábrica de chocolates	1	Auto Barca	4	Xutos & Pontapés	4
Fantastic 4	2	Regresso de Pipino	4	Maroon 5	1
Van Helsing	1	My Happy Ending	8	Santos & Pecadores	1
Matança de Natal	1	My Fair Lady	1	Silence 4	1
O Aviso 2	2			D'art	2
Alexandre, o Grande	1			Hungerstrike	1
Críme do Padre Amaro	12			Alter Baidge	1
Oceans eleven	1			Stomp	1
Cinderela Man	2			Metallica	1
A Guerra dos Mundos	1			Sq. Th. Pl.	1
A Casa de Cera	2			Fingertips	1
Quem és tu?	1			Mind Da Gap	1
3 Duques	2			Filarmónica das Chãs	1
Crónicas de Namia	1			Ivete Sangalo	1
	1			Da Weasel	6
				Mind Da Gap	1
				Daniela Mercury	1
				Boss AC	1
				Pedro Cameiro	1
				Quinta do Bill	1
				The Gift	1

O quadro apresentado evidencia marcas da cultura jovem: farta e actualizada nas referências musicais e filmicas, parca nas idas ao teatro (com excepção de *My fair lady*, todas as outras referências se situam no âmbito escolar, particularmente, itinerâncias

vezes, a situações de leitura abandonada ou arduamente digerida, porque coincidem com obras de valor literário e dificilmente assimilados sem a mediação do professor pela análise.

pelas escolas de peças em língua inglesa e de assistência [quase] obrigatória pelas turmas). Se o critério da ida ao cinema é o êxito de bilheteira, da ida ao teatro é o enquadramento escolar, a opção musical é mais livre, diversificada e a evidenciar a oferta dos ciclos de festivais, muito comuns por todo o país, principalmente no Verão, o que faz da música uma das referências mais marcantes da cultura jovem.

2.3.5. O papel da escola

No ponto seguinte, ir-se-á retomar o tema da escola na promoção da leitura, na análise do capítulo destinado a essa parte do inquérito, mas a *Questão 14.*, sobre o contributo da disciplina de Português para a leitura, oferece aspectos interessantes de análise:

QUADRO 35 – Questão nº 14 – “Dá a tua opinião sobre as leituras obrigatórias que tens de fazer no âmbito da disciplina de Português, escolhendo uma ou mais opções”

14. Português – leituras obrigatórias	Sim (%)
14.1. oportunidade única de ler	26,7
14.2. fazem perder tempo	6,7
14.3. chatos	16,7
14.4. não despertam o hábito de ler	23,3
14.5. permitem “ginástica” de ideias e palavras	43,3
14.6. deviam ter temas e autores jovens	53,3
14.7. não deviam ser obrigatórios	33,3
14.8. lê porque “parece mal” ser “não leitor”	1,7
14.9. lê para ler nota	21,7
14.10. aprende a ser melhor pessoa	13,3
14.11. não lê integralmente a obra, mas o seu resumo	10
14.12. boa experiência da Leitura por Contrato	53,3

(resposta de escolha múltipla)

Apesar de exprimirem uma posição de reserva sobre o leque de leituras obrigatórias a Português, achando que deviam “ser constituídas por títulos e autores recentes e temas jovens” (53,3%), são “chatos” (16,7%) e “não despertam o hábito de leitura” (23,3%), as opções claramente negativas sobre a leitura do cânone literário têm pouca expressão e são contrabalançadas por reconhecimentos positivos: a de constituírem uma oportunidade de ler (26,7%), contribuir para ser “melhor pessoa” (13,3%) e dar mais “ginástica” de ideias e palavras (43,3%). O livro no âmbito da

Leitura por Contrato¹⁸, como estratégia mais livre de promoção da leitura tem até um consenso alargado de adesão com 53,3%, o que permite reconhecer o seu contributo nas estratégias de trabalho com o livro nas turmas.

A corroborar este contributo positivo da disciplina de Português, estão ainda as respostas de *Item* aberto 20.1. que interpelava o jovem, sem opções de resposta, sobre situações de conversas sobre livros entre o grupo pares e onde se registam os seguintes cenários de respostas:

QUADRO 36 – Questão nº 20.1 – “Em que situações falas sobre livros com os teus colegas?”

20.1. Conversas sobre livros com os colegas		Sim
Apresentação de Fichas de Leitura a Português		11
Às vezes		11
Não fala		5
Surge no convívio e tema da conversa		4
Paixão pelos livros		3
Raro		3
Pedir ajuda		1
Animar		1
Não respondem		13

(resposta de escolha múltipla)

Excluindo as respostas que revelam hostilidade ou ausência do tema ‘livros’ no grupo de pares e aquelas que evidenciam uma atitude de entusiasmo, observa-se uma área central de respostas que revela que o tema tem espaço, principalmente, porque a estrutura curricular integra a abordagem de livros nas actividades de aula, seja ele livro literário de análise obrigatória ou de leitura recreativa e extensiva.

2.3.5.1. A Biblioteca Escolar

Deixando a abordagem sequencial das partes do questionário, optou-se por incluir nesta fase o último grupo de questões, IV parte, que se prende com a temática anterior da escola e biblioteca, para no final serem abordadas as Práticas de Escrita, III parte.

¹⁸ O Contrato de Leitura é fortemente sugerido nos actuais programas e Português dos ensinos básico e secundário e aplicado diferentemente pelos respectivos professores. Consiste num acordo/contrato que se estabelece entre o docente e turma no sentido de cada aluno ler, extensivamente ao programa, um conjunto de títulos da sua escolha e apresentá-los à turma.

Sobre a frequência dos espaços documentais da escola ESDS¹⁹, o grupo de inquiridos declarou a seguinte frequência:

QUADRO 37 – Questão nº 35 “Com que frequência costumás ir aos espaços de recursos e apoio da tua escola?”

35. FREQUÊNCIA	BIB (%)	CRE (%)	AFA (%)
Diariamente	6,7	1,7	3,3
Algumas vezes	41,7	40	30
Raramente	50	50	33,3
nunca	1,7	6,7	33,3

Este panorama de respostas confirma o peso do hábito do espaço tradicional da documentação – a Biblioteca – sobre os outros espaços mais recentemente criados – CRE aberto em 1996/97 e AFA em 2003/04 – e separa, genericamente por metade, dois grupos de frequentadores: aqueles que vão “Diariamente” e “Algumas vezes” e os que “Nunca” vão ou vão “Raramente”. É oportuno aqui considerar que estes dados foram recolhidos num período recente da vida das escolas em que os tempos desocupados são cada vez menores, em que as aulas de substituição (implementadas em 2005/06 em todo o ensino regular) anulam os feriados dos alunos e os blocos lectivos de 90 minutos diminuem o número de intervalos entre aulas. Globalmente, esta nova situação veio prender mais os alunos em aula e também alterar a taxa de frequência nos espaços de recursos, de recreio e de bar. O cruzamento desta frequência por géneros revela, sensivelmente, um nivelamento de rapazes e raparigas na utilização diária e de “Algumas vezes” da Biblioteca e do CRE²⁰, mas com uma grande diversidade de rendimento escolar. Curiosamente os 2 alunos de maior média (18-20) distribuem-se por “Algumas vezes” e “Raramente” na utilização da Biblioteca e AFA e os 2 “Raramente” no CRE.

¹⁹ Na Escola Secundária de Domingos Sequeira os espaços documentais estão 3 separados fisicamente: espaço do impresso – Biblioteca – piso B; espaço do audiovisual – CRE – piso C; espaço de apoio ao estudo – AFA – piso C. Ver anexo A.

²⁰ Considerando a proporção em géneros dos inquiridos, com 41 raparigas para 19 rapazes, a frequência diária da Biblioteca é de 3 raparigas para 1 rapaz e a frequência “Algumas vezes” regista 18 raparigas e 7 rapazes. No CRE, só um rapaz a frequenta diariamente, enquanto 18 raparigas e 6 rapazes vão lá “Algumas vezes”.

QUADRO 38 – Questão nº 36 - "Que tipo de rotinas te prendem à Biblioteca?"

36. ROTINAS NA BIBLIOTECA	SIM (%)	RAPAZES (nº)	RAPARIGAS (nº)
36.1. TPC	25	5	10
36.2. Consultas para aulas e trabalhos	31,7	7	12
36.3. Leitura de livros não escolares	23,3	3	11
36.4. Leitura de jornais e revistas	16,7	5	5
36.5. Requisição de manuais esc. e dicionários	56,7	10	24
36.6. Requisição de livros para casa	25	6	9
36.7. BD	5	2	1
36.8. Convívio com colegas	6,7	1	3
36.9. Internet	13,3	4	4
36.10. Estudar antes dos testes	45	8	19
36.11. Raro ir à biblioteca	21,7	4	9
37. Créditos de Leitura	28,3	5	12

(resposta de escolha múltipla)

Por ordem decrescente, são sinalizadas as actividades: 1.Requisição de manuais escolares e dicionários; 2.Estudar antes dos testes; 3.Consultas para aulas e trabalhos; 4.Requisição de livros para casa e TCP's; 5.Leitura de livros não escolares; 6.Leitura de jornais e revistas; 7.Internet; 8.Convívio com colegas; 9.BD

A vocação instrumental da Biblioteca como uma bolsa de apoio aos alunos fica bem evidenciada nesta enumeração que coloca, simultaneamente, em menor destaque actividades mais laterais ao estudo. É interessante também reparar que a percentagem de 21,7 dos que declaram ser "raro ir à Biblioteca" não coincide com os 50% que no quadro anterior assumiam só "Raramente" a frequentar. Fragilidades dos respondentes? Fragilidades do grau de fidelidade de um inquérito? Ou terá a enumeração de actividades contida na questão 36 contribuído para repensar a ligação ao espaço?

Significativo é também o número de alunos que está fidelizado à leitura através de um cartão onde se acumulam créditos, grupo esse que é estimulado a ler através de diferentes mecanismos de comunicação: difusão de novidades por e-mail, surpresas ao atingir determinado número de leituras, encontros de leitores e participação na aquisição de novidades para a biblioteca. Do grupo de alunos inquirido com Créditos de Leitura, a esmagadora maioria tem rendimento escolar baixo e médio (só um aluno se situa na

média de 15-17), o que mais uma vez confirma, como em quadros anteriores, a ligação à leitura por parte de franjas menos pressionadas pelo rendimento escolar.

A opinião genérica sobre a Biblioteca (*Questão 38* do inquérito) é maioritariamente positiva, com 27 alunos a reconhecerem a variedade e actualização do respectivo fundo documental. Aqueles que colocaram sugestões de livros ou filmes a adquirir, acabaram por trazer pouco contributo, porque a maioria das propostas feitas correspondiam a títulos já existentes.

2.4. Práticas de Escrita

A III parte do inquérito foi dedicada à observação das práticas de escrita dos inquiridos, não só pela sua articulação com a leitura, como pelas novas realidades que marcam a escrita do jovem de hoje. Esta parte do inquérito situou-se, numa primeira abordagem, no registo da escrita no livro instrumental de estudo, que o aluno pode marcar através de várias estratégias de estudo:

QUADRO 39 – Questão nº 26 – “Quando lês um livro escolar, que tipo de registo costumavas fazer?”

26. Livro escolar - registo	SIM (%)
26.1. Sublinhados	73,3
26.2. Resumos	41,7
26.3. Esquemas	10
26.4. Comentários	50
26.5. Nenhum	6,7

(resposta de escolha múltipla)

Com predominância para os sublinhados, forma mais comum e elementar de marcar o estudo, os inquiridos socorrem-se também de outras estratégias de maior filtro e assimilação, como resumos, comentários e até esquemas (compreensivelmente só com 10% de respostas). Estas declarações de respostas, configuram um cenário positivo de estratégias de estudo, não corroborado pela opinião comum entre professores sobre os hábitos de trabalho dos jovens do secundário. Não sendo aqui testada a qualidade dos “Comentários” e “Resumos” que, respectivamente 50% e 41,7% dos inquiridos fazem, não deixa de constituir um sinal positivo das suas declarações sobre o trabalho escolar.

Já o livro de ficção regista, também compreensivelmente, outro tipo de prática de escrita:

QUADRO 40 – Questão nº 27 – “E um livro não escolar de ficção?”

27. Ficção - registo	SIM %
27.1. Apenas leitura	81,7
27.2. Registo no diário	3,3
27.3. Comentários	5
27.4. Sublinhados	13,3

Tal como o leitor adulto, a ficção é quase essencialmente objecto de leitura, registando-se, no entanto, leitores de registos em diários, comentários e sublinhados. Leitoras, leia-se.

Fora do contexto escolar, o uso da escrita assume outras dimensões:

QUADRO 41 – Questão nº 28 – “Fora do contexto escolar, em que situações é que usas a escrita?”

28. Uso da escrita fora do contexto escolar	SIM (%)
28.1. Mensagens telemóvel	96,7
28.2. Lista de tarefas diárias	33,3
28.3. Mínimo possível	3,3
28.4. E-mails	61,7
28.5. Fóruns	18,3
28.6. Messenger	78,3
28.7. Correio normal	15
28.8. Registos no diário	16,7
28.9. Crónicas pessoais	11,7

(resposta de escolha múltipla)

Os ambientes electrónicos de comunicação marcam expressivamente estas opções, reservando para as formas mais tradicionais de escrita margens pouco significativas. As raparigas partilham com os rapazes as novas tecnologias, apesar de elas serem as únicas a usar a escrita em diários e crónicas pessoais. Também na frequência de utilização destes media, elas nivelam pelos hábitos dos rapazes (em proporção do universo de géneros do inquérito), evitando os exageros do “uso compulsivo” e introduzindo um racional “quando necessário”:

QUADRO 42 – Questão nº 29 – “Com que frequência utilizas recursos electrónicos?”

29. Frequência de uso de recursos electrónicos	SIM (%)	Rapazes	Raparigas
29.1. Diariamente	63,3	15	23
29.2. Compulsivamente	11,7	5	2
29.3. Algumas vezes por semana	18,3	2	9
29.4. Raramente	1,7	0	1
29.5. Quando necessário	6,7	0	4

Esse nivelamento no uso destes recursos fica mais uma vez demonstrado quando se inquire sobre o sexo do/a colega com quem comunicam:

QUADRO 43 – Questão nº 31 – “Comunicas com mais frequência com colegas...”

Frequência	Respostas	Percentagem
31.1. mesmo sexo	6	10,0
31.2. sexo diferente	6	10,0
31.3. indiferente	45	75,0
Não respondeu	3	5,0
Total	60	100,0

Sobre o tipo de mensagens registadas, as declarações são:

QUADRO 44 – Questão nº 30 – “Que tipo de mensagens costumavas registar?”

30. Tipo de mensagens	SIM (%)
30.1. Vulgandades	31,7
30.2. Desaconselhável a adultos	5
30.3. Informações úteis	61,7
30.4. Soltar fantasias	8,3
30.5. Coisas que a família e a escola não entendem	6,7
30.6. O mesmo directamente	61,7

(resposta de escolha múltipla)

É evidente a valorização que dão aos seus registos, considerando a maioria que são “informações úteis”; claro que o conceito de “utilidade” é sempre em função da utilidade e interesse que tem para o emissor e, para o jovem, as mensagens que trocam são úteis, mesmo que os adultos as achem “fúteis”. A perspectiva de análise não deixa igualmente de estar presente quando são introduzidas as alternativas de resposta desta questão que pressupõem uma certa representação da escrita de mensagens marcada por “mundo clandestino” em oposição aos adultos, escola e família e impregnado de

fantasias inconscientes derramadas no teclado; como se pode verificar, essa não é a opinião dos inquiridos que assumem a normalidade deste tipo de comunicação que se massificou, que serve também para se dizerem “vulgaridades”, mas que agiliza a troca de contactos, neste mundo de comunicação e informação.

Sobre o reconhecimento que os jovens fazem deste fluxo de comunicação entre pares, pronunciavam-se da seguinte maneira:

QUADRO 45 – Questão nº 32 – “O hábito de escrever mensagens contribui para...”

32. Contributos da escrita de mensagens	SIM (%)
32.1. Soltar o hábito de escrever	36,7
32.2. Soltar sonhos e fantasias	26,7
32.3. Favorecer abreviaturas	45
32.4. Estrangeirismos	18,3
32.5. Libertação da escrita sem pressões linguísticas	23,3
32.6. Hesitações de escrita	23,3

(resposta de escolha múltipla)

Isto é, apresentam um leque de respostas que poderia, perfeitamente, ser subscrito por um adulto sobre a mesma matéria, admitindo os aspectos mais perversos da mecanização da escrita em ambiente electrónico, como a abreviatura, o estrangeirismo, as hesitações de escrita. Sobre as “fantasias” à solta por este meio, a percentagem de respostas de 26,7 volta, mais uma vez, a ser incoerente com o *Item 4*. da questão anterior, onde se registou a percentagem de 8,3. Mas talvez as opções de respostas sejam, de facto, diferentes: “Solto fantasias que à distância são fáceis de escrever” tem uma conotação diferente de “Soltar os meus pensamentos, sonhos e fantasias”. Eles aperceberam-se da diferença.

No contributo geral da escrita para o processo de leitura, os inquiridos admitem:

QUADRO 46 – Questão nº 33 – “Que contributos pode ter a escrita (em geral) no teu processo de leitura?”

33. Escrita / Leitura	SIM (%)
33.1. Entender o conteúdo	58,3
33.2. Analisar melhor as ideias	65
33.3. Não costumar fazer registos	16,7
33.4. Perda de tempo	1,7

(resposta de escolha múltipla)

E, mais uma vez, os inquiridos apresentam um cenário de respostas marcado pela racionalidade e lucidez, que um adulto consciente admitiria de igual modo. A

ocorrência de 1 resposta (1,7%) a assinalar a “perda de tempo” é uma presença “dissonante” em todas as respostas deste questionário e que corresponde a um determinado tipo de ‘respondentes’ sempre presente em todos os universos por amostragem.

2.5. SÍNTESE CONCLUSIVA DO INQUÉRITO

O inquérito oferece um panorama geral das práticas, representações e perfis associados à relação dos jovens com a leitura e dá conta de outros hábitos relacionados com estas práticas como a ocupação de tempos livres, os hábitos de escrita, a relação com a biblioteca escolar e a utilização de suportes audiovisual e multimédia.

Globalmente, é possível concluir que os jovens, com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos da ESDS, apresentam padrões de comportamento de leitura não muito diferentes daquilo que se conhece de estudos análogos para a população juvenil e população adulta no seu todo.

A leitura de livros apresenta uma presença mais limitada na ocupação de tempos livres, comparada com outros hábitos e actividades que têm maior centralidade, como o convívio com amigos, o televisionamento e a audição de música, exercidas de modo cumulativo. Relativamente a outros suportes do impresso, a leitura de jornais e revistas apresenta vantagem sobre a leitura de livros e ao considerarem-se, globalmente, as frequências “Muitas vezes” e “Algumas vezes” nos dois tipos de leitura, os índices podem ser lidos como positivos.

Sobre o tipo de leitor dominante no grupo de inquiridos, predomina com larga vantagem o Pequeno Leitor, atendendo ao número de livros lidos por ano e, não ficou comprovada uma relação unívoca entre as práticas de leitura e variáveis como rendimento escolar, residência (alunos da cidade e fora da cidade) e socialização primária com o livro; actuando estes factores de uma forma favorável no perfil de leitor, não foi possível estabelecer um determinismo directo. Já relativamente ao género, é possível observar comportamentos leiturais femininos e masculinos, não só no tipo de livros lidos, como nas actividades de ocupação de tempos livres. Genericamente, evidenciam uma atitude de integração e não de hostilidade na sua relação com o livro, admitindo-o como normal nas suas conversas no grupo de pares, com quem se aconselham, predominantemente (65%), nas suas escolhas de títulos. A escola e os professores têm um papel mais modesto nesse aconselhamento, apesar de se assumirem

como um fulcral agente condicionador dos hábitos e práticas de leitura, observável não só no ambiente de biblioteca escolar (mais ao serviço da leitura instrumental de apoio curricular), como no reconhecimento que os alunos fazem do contributo positivo que a disciplina de Português desempenha na promoção da leitura, quer através dos livros obrigatórios do programa, quer através da leitura extensiva de contrato. A biblioteca escolar apresenta-se, nas declarações dos inquiridos, como um espaço indutor de leitura, não só pela oferta documental, como pelos serviços que disponibiliza.

Na relação com novos suportes, os inquiridos revelaram forte apetência pelas novas tecnologias multimédia, não só na utilização que fazem do computador e da Internet em situações de lazer e de trabalho escolar, como da incorporação de ambientes electrónicos no seu convívio social. As práticas de leitura e escrita dos alunos apresentam-se condicionadas por estes novos *media*, não parecendo registar-se um fenómeno de mútua exclusão, mas de coexistência entre os suportes do impresso, do audiovisual e do electrónico.

No actual contexto pouco favorável à cultura do impresso, o livro continua a ocupar algum espaço nas práticas dos jovens, segundo transparece da pesquisa. No entanto, foram detectadas situações de descoincidência entre práticas efectivas e práticas declaradas, o que permite admitir uma certa tendência de sobredeclaração denunciadora de *uma certa sensibilidade* da temática, onde se jogam fortes representações sociais.

2.5.1. Conclusões Parcelares

1. SOBRE A *VULGATA SOCIOLOGICA* – Tal como os estudos sobre jovens leitores no âmbito da Leitura Pública, atrás referidos, também o inquérito efectuado aponta para o relativismo de factores geográficos, rendimento escolar, proveniência social e ambiente familiar nas práticas de leitura; sendo factores que interagem no comportamento dos jovens com os livros, não revelam determinismo absoluto ou *fatalismo biológico* - quando traçamos o quadro do *bom* e *mau* leitor juvenil: o primeiro pode ser tipificado “numa rapariga com sucesso escolar médio ou bom” e o segundo “num rapaz com rendimento médio ou mau”, mas não fatalmente proveniente de zona rural ou famílias carenciadas.

2. SOBRE A GEOGRAFIA DE SEXOS NAS PRÁTICAS DE LEITURA – Os resultados do inquérito confirmavam a opinião geral de que a abertura de oportunidades na escola e no mundo do trabalho, acentuam uma clara afirmação do sexo feminino no aproveitamento dessas portas de acesso ao saber, à informação e à valorização pessoal e profissional. No ambiente escolar, esta afirmação do feminino é evidenciada no rendimento escolar e no comportamento dentro e fora da aula; também o universo do livro e da leitura beneficia desta atitude, manifestando-se na frequência da leitura, na utilização dos recursos documentais e nos géneros de livros lidos. A ficção é claramente o território onde as raparigas recrutam os seus romances, diários e aventuras fantásticas; os rapazes situam-se, por outro lado, mais no livro informativo e de actualidade, no policial e na biografia. Apesar de um certo carácter unissexual da cultura jovem, continuam a observar-se sensibilidades e interesses que não são esbatidos por uma certa globalização de costumes juvenis que os *media* promovem.

3. SOBRE A IDENTIDADE DA CULTURA JOVEM – A par desta diferenciação do feminino, os resultados do inquérito apontam para traços identitários dos rapazes e das raparigas que se manifestam na sua ocupação de tempos livres, caracterizados por actividades “fora de casa”, onde a música, o convívio, o desporto e o espectáculo são as formas mais comuns de socialização. A convivialidade sendo o traço estruturante da cultura juvenil, vai reflectir-se na homogeneização de gostos e padrões de consumo. Mas também nesta matéria, as raparigas apresentam algumas diferenças quando declaram cultivar *hobbies* de carácter “doméstico-receptivos” e formas de lazer menos massificadas. Diversificação de interesses têm assim o género feminino.

4. SOBRE O PADRÃO DE LEITURAS – As práticas manifestadas pelos inquiridos revelam permeabilidade ao cânone escolar e ao gosto do mercado. Globalmente, exibem nas suas preferências pouca diversidade, pouca informação e uma conformação com o livro ou autor consagrado pelo público. A disciplina de Português, através da sua política de autores de leitura obrigatória ou actividades de leitura controlada, assegura, neste cenário, uma fonte de referentes importante na formação destes leitores.

5. SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A LEITURA – Apesar de não podermos falar de uma cultura do livro entre os jovens e do tipo de gostos massificados que exibem, os indicadores que nos dão, revelam atitudes positivas sobre leitura: no espaço que reservam ao hábito de ler nos tempos livres, que não sendo sagrado/dominante, se

combina com outras formas plurais de leitura do impresso; na valorização e na falta de preconceito que revelam sobre a “atitude leitora” entre pares; no reconhecimento que fazem dos contributos da leitura na sua formação. O livro assume-se, assim, como um recurso entre tantos recursos disponíveis, uma forma de lazer entre tantas outras, sem a sacralização e protagonismo que a geração adulta lhe dá, mas sem exclusão ou hostilidade. Foi visível, igualmente, que, a par destas declarações de sinal positivo, há aqui e ali algumas incongruências que podem revelar alguma incoerência nas reais práticas de leitura e que um questionário, mesmo anónimo, não pode controlar. O peso do discurso socialmente correcto sobre o livro e a leitura, condiciona logicamente qualquer inquirido e também um jovem em formação.

6. SOBRE AS NOVAS FORMAS DE LEITURA E ESCRITA - Pesquisar na *Net*, escrever em fóruns, *e-mails*, *Messenger* ou em telemóvel são formas poderosas de promover a leitura e a escrita, mas parecem esgotar-se na linha da comunicação e convivialidade. Globalmente, os indicadores de desempenho escolar dos jovens não reflectem uma mais valia nesta democratização no acesso à escrita e à informação. Talvez porque informação não seja sinónimo de conhecimento.

7. SOBRE O ESPAÇO DA BIBLIOTECA ESCOLAR – A relação com a BE é globalmente positiva, considerando a opinião expressamente manifestada e a utilização efectiva que fazem dos seus fundos; o inquérito reforça ainda a vocação instrumental deste espaço, na utilização de respectivos recursos impressos e electrónicos para pesquisa, empréstimo de livros escolares, não escolares e de referência e local de estudo. Ler um jornal ou revista na biblioteca é mais frequente do que ler um livro e o número de fidelizados na leitura (através de do cartão de Créditos de Leitura) é pouco mais de um quarto dos inquiridos. Apesar deste grupo revelar mais informação acerca de livros e exhibir mais interesses culturais, há também não utilizadores deste espaço que têm práticas de leitura. Assim nem todos os leitores activos de uma escola tiram partido dos recursos de uma biblioteca, havendo não utilizadores que são leitores e utilizadores não leitores.

3. LIMITES DE UMA ABORDAGEM POR QUESTIONÁRIO

A abordagem sociológica por questionário do capítulo anterior dá conta das características grupais dos comportamentos de leitura dos inquiridos e aponta, eventualmente, para tendências mais gerais, do grupo etário em questão. No entanto, a objectividade de resultados, pretensamente oferecida por este tipo de métodos quantitativos, tem as limitações próprias dos números, em que se deixa de ver sujeitos e processos, para se verem tendências e situações gerais (generalistas, até). Um investigador externo ao universo das bibliotecas e do ensino de literatura nas escolas, poderia, devidamente munido de um inquérito elaborado em conformidade com os estudos sociológicos sobre a leitura, chegar às conclusões que remataram o capítulo anterior e dar por encerrado o tema. Não é esta a situação do investigador do presente estudo que tem acumulado um capital de experiência profissional em BE e em sala de aula que tornam inevitável uma certa insatisfação perante os resultados obtidos. A associação entre o saber científico e pessoal pode constituir uma mais valia importante que estruture e consolide uma abordagem científica da realidade em estudo.²¹

A insatisfação perante os resultados obtidos advém de dois tipos de razões: por um lado, o grau de fiabilidade das respostas a um inquérito sobre a temática em questão; por outro lado, a capacidade de um inquérito por questionário controlar a complexidade do processo de leitura.

Sobre a fiabilidade de um instrumento de análise de natureza quantitativa, já houve oportunidade de encontrar algumas incoerências nas respostas ao questionário, que se prendem com variáveis diferentes: verdadeira noção das quantidades pedidas (por exemplo o nº de livros existente em casa – *Questão 17*. ou o número de livros lidos por ano); comportamentos de leitura pedidos em situações diferentes de inquérito e com respostas contraditórias (cruzamento das *questões 1., 18. e 25*). De uma maneira geral, o investigador tem de admitir a possibilidade de respostas *socialmente correctas* num inquérito deste tipo, em que se jogam representações e discursos muito fortes do mundo adulto sobre o livro e práticas de leitura, mesmo que o leque de respostas controladas para escolha tenha sido feito de modo a permitir, não só um cenário grande de respostas, como algum realismo/verosimilhança. Por exemplo, nas questões mais directamente

²¹ Boaventura de Sousa Santos fala do “carácter autobiográfico e auto-referencial da ciência” in: *Um discurso sobre as ciências*, Porto: Ed. Afrontamento, 1991, p. 53 (citado por João Teixeira Lopes em *Tristes escolas*, 1997, p. 22).

ligadas às atitudes e representações, o inquirido talvez não fosse tão além na *ousadia da opinião* se tivesse de exprimir livremente a sua resposta.

Foi equacionando essas incongruências com a percepção de que a abordagem dos comportamentos de leitura não pode dispensar recepções mais individualizadas do fenómeno, que se vai ensaiar uma outra perspectiva de abordagem que tende aprofundar mais a complexidade do comportamento leitor.

3.1. Recepção da leitura

3.1.1. Três sujeitos de leituras

A proximidade de contactos na biblioteca faculta a observação de sujeitos de leitura curiosos que, dificilmente, podem ser enquadrados, explicados e, acima de tudo, detectados num questionário sobre comportamentos grupais de leitura. Isolaram-se, nesse conjunto, 3 casos não lineares que mereceram alguma análise de caso e com quem foram feitas entrevistas não muito dirigidas. Da observação dos casos em presença, procedeu-se a uma classificação de cada um desses leitores, de acordo com a sua característica dominante: o *Leitor Tribal* que transporta para a leitura representações do seu grupo identitário; o *Leitor Obsessivo* que actua com os livros com evidentes traços de personalidade; e o *Leitor Envergonhado* que exhibe contradições entre as práticas efectivas e as declarações assumidas.²²

A. LEITOR TRIBAL

A aluna A tem 18 anos e completou, no final de 2005/06, (ano lectivo da aplicação do inquérito) o 11º ano de um percurso escolar irregular, marcado por repetências e dificuldades estruturais a Português. Mantém com a biblioteca uma relação muito familiar de 4 anos, com flutuações, pouco ecléticas, de gostos: fase *Paulo Coelho*, fase *literatura fantástica* e fase *gótica*. Na conversa mantida com a aluna, esta reconhece que, em termos de leitura, já foi consumidora regular de Paulo Coelho, Marian Zimmer, Juliette Marilier, mas que, agora, “*prefere ambientes mais pesados, com bruxaria e ocultismo pelo meio*”, em contexto histórico “*bem medieval*”. Quando se pediram nomes, ela hesitou, mas lembrou-se do português José Luís Peixoto

²² Trata-se de uma categorização da responsabilidade do sujeito deste estudo, que pretendeu etiquetar de uma forma expressiva os casos em presença.

e do americano Stephen King, no conto *Quick cat eyes*, que teve de ler para a disciplina de Inglês. Em filmes do género, foi mais célere na resposta: *Rainha dos vampiros*, *Vidoc* e *A mansão Rose Red*. Em matéria de música, especificou, com bastante propriedade, que na área da música alternativa havia vários géneros que ouvia como: “*Heavy Metal, Black Metal, Dead Metal, Gothic Metal, Epic Metal e Doom Metal, mas identifico-me mais com os três últimos*”. À medida que ia enumerando entusiasmada estas tendências *metaleiras*, as suas correntes do pulso tilintavam em contacto com as que trazia à cintura sobre uma saia e blusa negras, acentuando a sua *pose alternativa*. Sobre “*livros mais literários, tenho dificuldade em encontrar aquilo que quero, mas o meu livro preferido é O príncipezinho, pela linguagem, pela diferença...*”. Relativamente aos colegas de turma, sente que o seu hábito regular de ler (“*dois livros por mês*”) é bem aceite e até a elogiam. Apesar das suas fortes marcas exteriores tribais, não se considera isolada dos colegas, com quem “*convive normalmente*”. Também os seus problemas escolares não são assumidos com grande dramatismo, “*sempre tive falta de bases e o meu problema são as línguas, principalmente os erros ortográficos, ... é que sou muito distraída!*”.

B. LEITOR OBSESSIVO

A aluna B tem 15 anos, completou o 10º ano, tem bom rendimento escolar e boa integração na turma e no grupo de pares em geral. Revela uma competência de leitura fora do comum: pelos títulos escolhidos, pelo volume de leituras registadas no seu cartão e pela capacidade de compreender e verbalizar o que leu. Na entrevista mantida com a aluna, diz gostar de autores portugueses, principalmente o romance histórico e o romance reflexivo sobre comportamentos humanos e ambientes sociais: “*comecei com livros mais básicos e hoje leio Saramago com facilidade e gosto; a pontuação irregular de que tanto falam, não lhe faz falta nenhuma; neste momento tenho o desafio de Os Miseráveis de Victor Hugo e Ulisses de James Joyce. Os casos difíceis estimulam-me, mas também depende da altura.*” Por detrás deste entusiasmo e dedicação aos livros, está, no entanto, uma atitude obsessiva que preocupa o pai e que, inclusivamente, procurou a psicóloga escolar que a considerou um caso *patológico de leitura*. Convidada a reflectir sobre esta *patologia*, a aluna admitiu ser dada a depressões que se manifestaram no 3º ciclo (8º e 9º anos) que a levaram a refugiar-se nos livros. O caso parece merecer acompanhamento, uma vez que a própria psicóloga a encaminhou para um psiquiatra de Coimbra; o seu comportamento na biblioteca não revela manifestações

de desequilíbrios: requisita títulos, fala sobre eles, colabora nas actividades com entusiasmo. Curiosamente, atribui ao pai esta sua tendência para os livros: *“foi com ele que me iniciei em autores mais difíceis, lemos as mesmas coisas, com a excepção de Nicholas Sparks que eu leio e ele não, costumamos até lançar desafios um ao outro e disputamos a revelação do final do livro”*. Quando comenta o nível de leitura dos seus colegas, parece ouvir-se o discurso de um adulto sobre os jovens: *“Pouco lêem a não ser a leitura de contrato, claro que é mais fácil verem filmes; é pena porque a leitura enriquece-nos, tanto a nível de vocabulário como no conhecimento do mundo.”*

C. LEITOR ENVERGONHADO

O aluno C tem 16 anos, completou o 11º ano, tem um rendimento escolar razoável mas abaixo das suas capacidades. Evidencia boa selecção de livros e competência para escrever sobre eles, não só nas fichas de leitura, como nos registos que faz no Fórum da biblioteca sobre livros, música e filmes. Nas aulas tem uma atitude rebelde, não assumindo aquilo que escreve e pensa.

A entrevista realizada com o aluno centrou-se em aspectos mais informativos sobre o seu perfil de leitor (*“quantos livros lê?”*, *“Como escolhes os livros?”*, *“Que géneros preferes?”*), e análise de atitudes e comportamentos. Apesar da cordialidade recíproca que caracterizou a entrevista, ele acabou por não colaborar, fechando-se laconicamente nas respostas, numa atitude manifesta de defesa e recusa a reconhecimentos. A situação de o entrevistado ser simultaneamente um aluno da entrevistadora, pode ter funcionado de factor inibidor que fez *abortar* a entrevista, enquanto fonte de informação e análise de comportamento leitoral do jovem.

Independentemente de estes alunos terem respondido ou não ao inquérito, objectivamente as suas respostas ficariam enquadrados em dois grupos: os alunos A e B têm todas as características para integrarem o grupo de leitores com boas *performances* de leitura a nível de livros lidos, relação com a biblioteca e atitude face à leitura; o aluno C, pela sua *postura rebelde* poderia ser incluído no grupo dos resistentes, num claro desafio ao instrumento anónimo de respostas. A análise de resultados não tem qualquer hipótese de filtrar estas tipologias, mesmo que cruze variáveis e faça uma abordagem quase individualizada aos inquéritos (longe da vocação deste instrumento que se preocupa acima de tudo com grupos).

Estas entrevistas, cada uma estruturada à sua maneira (porque incidiam sobre sujeitos diversos) revelam a fragilidade na determinação do estatuto de leitor quando se fazem abordagens de comportamentos em fases de grande estruturação dos indivíduos; os seus condicionamentos são muito fortes e dificilmente há capacidade de fazer classificações absolutas: a aluna A parece ter, acima de tudo, uma relação afectiva com o livro e os seus agentes (no seu passado escolar poderá ter possivelmente tropeçado com professores que estimularam essa ligação, porque os dados do ambiente familiar não permitem deduzir qualquer convivialidade especial com a leitura), mas nunca resultou dessa relação uma incorporação favorável que se reflecta no plano escolar, na atitude crítica, na versatilidade de expressão escrita, oral ou de conhecimentos em geral. A aluna B exhibe, como traço dominante do seu percurso de leitora, o estímulo do seu pai que empresta ao seu comportamento *traços adultos*, mas, simultaneamente, desequilibrados porque excessivos. Com o aluno C parece ter ocorrido um mecanismo contrário: em vez de circunstâncias que tenham favorecido uma relação afectiva com os livros, poderá ter ocorrido exactamente o contrário: talvez uma pedagogia desajustada. Talvez um ambiente familiar excessivamente dirigista e moralista com os livros. Talvez um grupo de pares afirmativo. A entrevista não permitiu respostas a estas questões.

A introdução destas abordagens individuais permite concluir que no fenómeno da leitura se cruza um feixe de características psicológicas e intelectuais dos sujeitos e de circunstâncias específicas que cada um está a experienciar num determinado momento, e que dificultam uma leitura linear e definitiva do seu perfil de leitores.

Ainda na pista das recepções individuais de leitura, irão ser analisados testemunhos sobre livros, de forma a observar os modos de apropriação de textos e as modalidades de expressão dos seus traços.

3.1.2. Recepção ao livro em Fichas de Leitura

Para melhor analisar este mecanismo da recepção, esta parte da análise vai socorrer-se, mais uma vez, do material proporcionado pela experiência da investigadora como professora de Português, nomeadamente as fichas de Leitura de Contrato exigidas ao aluno ao longo do ano lectivo de 2005/06 (uma por período), sendo algumas registadas no Fórum sobre Livros, Música e Filmes que a Biblioteca alimenta

regularmente²³. Do conjunto de registos aí feitos no tópico Fichas de Leitura, escolhemos um conjunto de 44, para sobre eles efectuarmos uma análise de conteúdo, com vista a uma compreensão mais alargada da opinião dos jovens sobre aquilo que lêem.

Breve caracterização do *corpus*:

O total dos registos efectuados no fórum até 30.11.06 foi de 62 e o número de registos escolhidos e reproduzidos é de 44 (18 rapazes e 26 raparigas do 11º e 12º anos). Como critério de selecção do *corpus*, optou-se pela inclusão de um comentário de análise da obra na ficha, por constituir um texto mais breve e sintético de apreciação de leitura²⁴. Reproduzimos na íntegra os 44 comentários extraídos das fichas²⁵, acompanhados, na coluna direita, de um conjunto de tópicos orientadores da leitura como: o género do receptor-aluno, o ano de escolaridade, o nível final obtido na disciplina de Português no ano lectivo de 2005/06 e o grau de adesão ao livro evidenciado, expresso nas frases e expressões assinaladas a negrito e da responsabilidade do presente estudo. Este conjunto de características extraídas, apesar de enquadradas em tendências grupais, irá permitir um aprofundamento dos mecanismos de recepção dos jovens relativamente à construção de sentidos do que lêem. Não interessa tanto aqui observar o tipo de livros escolhidos e a sua distribuição nos universos masculino e feminino (que aliás confirmariam conclusões anteriores sobre as preferências juvenis), mas a própria análise de textos feita pelos alunos e que reflectem escolhas livres de livros e não títulos obrigatórios do programa.²⁶

²³ Endereço do Fórum: <http://forum.esds.edu.pt>

²⁴ Esclareça-se que as fichas de leitura incluem, na sua esmagadora maioria, um resumo e um comentário sobre a obra escolhida, sendo este muito mais breve do que aquele. Reproduz-se apenas a parte de comentário das fichas, tal como foi incluído no fórum, sem correcções nem acrescentos.

²⁵ Optou-se pela reprodução integral da selecção no corpo do trabalho, para facilidade de articulação de leitura entre os registos e comentários tecidos.

²⁶ “Escolhas livres” - leia-se com algumas fronteiras: há quase sempre uma negociação prévia sobre o livro a comentar, de forma a casos extremos de títulos *inadequados* à idade ou à situação escolar; normalmente, como é o caso da presente lista, o aluno socorre-se do fundo da biblioteca escolar.

LEITURA ENTRE OS JOVENS – contributos para uma compreensão

Quadro 47 - Registos sobre livros no Fórum

<p>1. EQUADOR – Miguel de Sousa Tavares</p> <p>Esta obra é um documento social e político de Portugal do fim da monarquia. Mas, talvez mais do que isso, é um romance intemporal que pode ser facilmente remetido para a actualidade, pois, apesar de situada no início do séc. XX, esta é uma história com conflito de valores que actualmente enfrentamos: fazer o que queremos ou o que devemos? No decurso destas 518 páginas, passam por nós vários sentimentos como o amor, o desejo, a paixão, a lealdade, a traição, a hipocrisia, a mentira e a amizade. Os principais valores são a procura da felicidade, a luta pelos nossos ideais e por aquilo que consideramos ser o mais correcto, a luta pelos direitos dos outros e dar o máximo de nós para cumprir o que nos compete.</p>	<p>Sexo – Feminino Ano de escolaridade – 12º Nota Final a Português – 17 Grau de Adesão – Entusiasta</p>
<p>2. ALMA DE PASSARO – Margarida Rebelo Pinto</p> <p>Este livro fala muito abertamente sobre a relação entre duas pessoas que têm objectivos de vida diferentes o que demonstra vivamente o género de vida que a sociedade tem hoje em dia. Um livro que eu aconselho pois leva-nos a pensar seriamente no que queremos para nós e para as nossas relações. É um romance que se lê com facilidade pela escrita de fácil interpretação. Gostaria de fazer um aparte também em relação ao título que é muitas vezes ignorado e que neste livro exprime muito bem a personalidade de uma das personagens principais.</p>	<p>Sexo – Feminino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 14 Grau de Adesão – Entusiasta</p>
<p>3. UMA PROMESSA PARA TODA A VIDA – Nicholas Sparks</p> <p>Mais um romance brilhante de Nicholas Sparks! Intitulado de "Uma promessa para toda a vida" é recheado de sentimentos e emoções fortes, mistério e tragédia. Semelhante à realidade, baseia-se num trágico atropelamento do qual se pretende desvendar o seu autor. Enquanto isso não acontece, o marido da vítima descobre que ainda tem capacidade para amar e apaixona-se pela professora do seu filho. No final, e depois de tanto mistério, consegue-se desvendar o autor da tragédia. A verdade estava mais perto do que se pensava!!!</p>	<p>Sexo – Feminino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 15 Grau de Adesão – Entusiasta</p>
<p>4 - A ALQUIMIA DO AMOR – Nicholas Sparks</p> <p>"A Alquimia do Amor", é mais um dos livros brilhantes de Nicholas Sparks, uma história do verdadeiro Amor. É um livro que no início não tive grande curiosidade, mas depois de começar a ler, percebi que se tratava de um grande livro, não em tamanho, mas sim em conteúdo. É a história de um casal, da Jane e do Wilson, em que por questões de trabalho Wilson não dá valor à mulher, mas este inspira-se no pai de Jane, o Noah, para conseguir acender a chama do seu casamento, e é através dessas surpresas que ele prepara para a Jane que consegue reconquistá-la. Acho que é um livro que todos devíamos de ler, pois diz-nos para nunca desistir ou deixar morrer uma relação, mas sim cada vez mais acender a chama do Amor. Uma parte que gostei especialmente foi o facto da Allie dizer que os cisnes têm sempre o mesmo companheiro durante toda a vida, e por isso ela afirmava que: <i>"Para ela era a prova de que o amor é a mais poderosa força que existe na Terra."</i> É um livro cheio de alma,</p>	<p>Sexo – Feminino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 12 Grau de Adesão – Entusiasta</p>

LEITURA ENTRE OS JOVENS – contributos para uma compreensão

bastante interessante e fácil de ler.	
<p>5 - UM MOMENTO INESQUECÍVEL – Nicholas Sparks</p> <p>Eu nunca tinha lido um livro deste autor, mas pelo que vi realmente faz jus á sua fama. Uma história de amor impressionante... que nos faz abrir os olhos... que nos mostra que o amor não se avalia apenas pelo físico de uma pessoa! Mas sim pelo interior! Provoca em nós imensos sentimentos, e mostra-nos como o amor é capaz de ultrapassar qualquer obstáculo, quando se ama de verdade. O livro é como o próprio nome indica «Um Momento Inesquecível». Mas como todos os livros tem uma parte menos agradável, apesar de ter gostado bastante achei o livro um pouco melodramático.</p>	<p>Sexo – Feminino</p> <p>Ano de escolaridade – 11º</p> <p>Nota Final a Português – 13</p> <p>Grau de Adesão – Moderado</p>
<p>6 - 6 de Abril de '96" de Sveva Casati Modignani</p> <p>Este romance mostra a força que as mulheres conseguem encontrar dentro de si quando necessitam. Homenageia as mulheres que lutaram para que nós, mulheres, possamos hoje ter a nossa autonomia. É um livro capaz de nos levar para dentro da história e viver o romance entre as personagens. É bom e leve, uma leitura de Verão perfeita.</p>	<p>Sexo – Feminino</p> <p>Ano de escolaridade – 11º</p> <p>Nota Final a Português – 15</p> <p>Grau de Adesão – Entusiasta</p>
<p>7 - MEMÓRIAS DE UMA GUEIXA de Arthur Golden</p> <p>Comentário: Mais que a biografia de uma gueixa, este livro é uma verdadeira aula sobre a cultura japonesa, com o qual aprendi, não só sobre o Japão nos seus anos 30, mas também sobre a arte do país e sobre este mundo das gueixas, até então completamente desconhecido para mim. É um livro cativante e de fácil leitura. Com efeito, recomenda-se a pessoas apreciadoras de diferentes culturas/sociedades.</p>	<p>Sexo – Feminino</p> <p>Ano de escolaridade – 11º</p> <p>Nota Final a Português – 13</p> <p>Grau de Adesão – Entusiasta</p>
<p>8 - A FORMA DA ÁGUA de Andrea Camilleri</p> <p>Para todo há uma primeira vez e “A forma da água” foi o primeiro caso policial que li. Embora este nunca fosse um género de literatura que me cativasse, é importante lermos de tudo um pouco para podermos valorizar um pouco mais a nossa cultura. Já que este livro iniciou o meu percurso (que suspeito ser breve) por estes casos policiais e, por isso, não ter qualquer elemento de comparação, procurei fazer uma análise crítica que faria a qualquer outro tipo de literatura. Positivamente, encontrei neste livro uma revelação e uma imprevisibilidade no desenrolar da história e a preocupação do autor em não se limitar a contar um caso de polícia, mas em usar um texto descritivo fresco e ornamentado. Não tão positivamente (atenção ao eufemismo, leia-se negativamente) foi a quantidade de personagens nada relevantes à história e o mau esclarecimento de alguns acontecimentos, sendo algumas vezes necessária uma segunda leitura.</p>	<p>Sexo – Feminino</p> <p>Ano de escolaridade – 12º</p> <p>Nota Final a Português – 17</p> <p>Grau de Adesão – Moderado</p>
<p>9 - TEMPO DE SOLIDÃO – Manuel da Fonseca</p> <p>Achei a obra muito interessante, do ponto de vista, como o autor descreve cada cenário e os sentimentos das personagens, estando estes dois itens ligados muito um ao outro; visto senão que, todo o cenário é composto de melancolia e tristeza, também as personagens encaram os mesmos. Mas o que é mesmo bonito nesta obra, foi a maneira como termina a história – é algo que comove</p>	<p>Sexo – Masculino</p> <p>Ano de escolaridade – 12º</p> <p>Nota Final a Português – 14</p> <p>Grau de Adesão – Entusiasta</p>

LEITURA ENTRE OS JOVENS – contributos para uma compreensão

<p>uma pessoa. O que outrora era triste, torna-se no fim, bonito e emocionante. Aconselho, vivamente, que leiam esta obra</p>	
<p>10 - O CÃO DOS BASKERVILLES de Arthur Conan Doyle</p> <p>Gostei muito do livro porque os policiais são um dos meus géneros preferidos na literatura, porque é um livro muito interessante, cheio de acção, porque também não é um livro que aparece hoje e amanhã ninguém se lembra dele, porque é um livro que foi interessante na altura em que foi publicado e continua a ser até os dias de hoje.</p>	<p>Sexo – Masculino Ano de escolaridade – 12º Nota Final a Português – 10 Grau de Adesão – Entusiasta</p>
<p>11 - O CODEX 632 – José Rodrigues dos Santos</p> <p>Para quem gosta de enigmas, mitos e aventuras, este é, sem dúvida, um livro a ler! Será mesmo Cristóvão Colombo português? Leiam e perceberão quantas não foram e não são as pessoas iludidas com esta questão! Boa aventura!</p>	<p>Sexo – Feminino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 14 Grau de Adesão – Entusiasta</p>
<p>12 - O CODEX 632 – José Rodrigues dos Santos</p> <p>José Rodrigues dos Santos transporta o leitor através de um roteiro que passa por Portugal, Brasil, Estados unidos, Itália, Espanha, Jerusalém, etc., em que os verdadeiros documentos históricos apinhados de falsidades e os testemunhos dos que conhecem a vida efectiva do navegador são o passaporte para a fantasia, especulação e excitação, confundindo, por vezes, aparente com real. Através da tese do autor, segundo a qual Cristóvão Colombo era o 007 português, a crónica do almirante torna-se empolgante, emocionante e extraordinariamente atraente. Sem dúvida, um livro a não perder para aqueles que ficam até as tantas presos ao livro devido ao extasiante prazer da leitura 😊</p>	<p>Sexo – Masculino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 17 Grau de Adesão – Entusiasta</p>
<p>13 - CÓDIGO STRAVINCI – Toby Clements</p> <p>O "Código Stravinci" é um fascinante livro humorístico baseado no famoso "Código Da Vinci". Este livro começa com uma morte que dá origem a um desenrolar de acontecimentos e à investigação do porquê dessa mesma morte, fazendo com que as personagens sigam uma série de pistas que os levarão a um precioso livro, o código Stravinci, uma herança de família que pode dominar as editoras de todo o mundo. Todo este mistério envolve diálogos hilariantes, personagens cómicas demais para o papel que desempenham e uma estranha obsessão por descrever armas. São muito engraçadas as diversas associações feitas entre os dois livros, e para quem leu o Código da Vinci percebe o verdadeiro espírito humorístico do Código Stravinci.</p>	<p>Sexo – Feminino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 13 Grau de Adesão – Entusiasta</p>
<p>14 - ELIXIR - Cédric Bannel</p> <p>Classificação: **** (4 Estrelas) Apesar de Monótono o livro é interessante e remete-nos para factos reais ligados à ciência. Recomendo a leitura</p>	<p>Sexo – Masculino Ano de escolaridade – 12º Nota Final a Português – 14 Grau de Adesão – Moderadamente entusiasta</p>
<p>15 - PERGUNTEM A ALICE</p> <p>Esta obra tem duas fases marcantes e opostas: a vida da Alice sem drogas, e a vida da Alice depois de se ter rendido a elas. Podemos ter uma ideia do que se passa no mundo da droga, da facilidade que há em comprá-la e do sofrimento</p>	<p>Sexo – Feminino Ano de escolaridade – 12º Nota Final a Português – 13</p>

LEITURA ENTRE OS JOVENS – contributos para uma compreensão

que nos traz, bem como a comparação entre esse modo de vida com a vida sem drogas. Fez-me reflectir acerca do grande número de toxicodependentes que, como a Alice, se vêem num beco cuja saída é, na maior parte dos casos, a morte.	Grau de Adesão – Cúmplice
16 - AS CONFISSÕES DE UMA ADOLESCENTE – Camilla Gibb Gostei muito de ler este livro pois aborda problemas que infelizmente continuam actuais em qualquer parte do mundo, como é o caso da pedofilia, da anorexia e das tentativas de suicídio. Outro dos motivos foi o facto de a autora retratar a inocência vivida na infância de Thelma de uma maneira única e surpreendente. Recomendo vivamente!	Sexo – Feminino Ano de escolaridade – 12º Nota Final a Português – 14 Grau de Adesão – Entusiasta
17 - ÉS MEU – Rita Ferro Mais uma vez Rita Ferro escreve um romance, no qual se debruça sobre o ciúme. Rita Ferro neste seu romance, relata a vida de uma mulher, que por ciúmes vai para além dos seus limites, perseguindo e até levando à morte a pessoa que ama, para que mais ninguém a ame a não ser ela. Este livro despertou-me um certo interesse, porque traz ao de cima um assunto que está presente nas nossas vidas e que nos faz cometer loucuras: o ciúme.	Sexo – Feminino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 12 Grau de Adesão – Moderado
18 - O ALQUIMISTA – Paulo Coelho Este livro transmite-nos uma lição de vida: nunca devemos desistir dos nossos sonhos. Esta mensagem fez-me questionar sobre o que realmente quero e se seria também capaz de abdicar de tudo para seguir os meus sonhos. Gostei bastante do livro, principalmente porque tem uma escrita bastante simples e acessível, o que o torna muito fácil de ler.	Sexo – Masculino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 16 Grau de Adesão – Entusiasta
19 - O ALQUIMISTA – Paulo Coelho <i>O Alquimista</i> é um dos livros mais famosos lançado pelo escritor Paulo Coelho. Este texto é, acima de tudo, simbólico, no qual o autor transmite os seus conhecimentos e vivências que adquiriu a respeito da alquimia. O livro é simplesmente espectacular. Pessoalmente não conhecia esta obra de Paulo Coelho, mas já me tinham falado dela, e por isso resolvi lê-la. Com a leitura deste livro uma pessoa fica mais fortalecida para acreditar nos seus sonhos e lutar para atingir esses objectivos simbólicos. No meu ponto de vista considero-a como que uma fábula, a fábula da vida, na qual está implícita que o melhor que podemos adquirir na vida não vem à nossa razão, mas sim ao nosso coração. Finalmente, considero «O Alquimista» como um hino à esperança, que nos é contado de uma maneira simples e alegre. Para quem tem hábitos de leitura considero que esta é uma obra obrigatória, e para quem se quer iniciar na leitura de Paulo Coelho, esta é talvez a melhor obra que podemos escolher, isto julgado pela minha experiência.	Sexo – Masculino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 10 Grau de Adesão – Entusiasta
20 - O PERFUME – Patrick Suskind Este livro é como se tivesse 'um cheiro' especial... A história é tão envolvente e bela que nos esquecemos que é retratada saber a origem da existência, faz com que pensamos naqueles que se entretêm somente com os bens materiais e sociais. Grenouille quer mais do que isso: quer saber quem é. A descrição dos cheiros é tão trabalhada que parece que os sentimos ao longo	Sexo – Feminino Ano de escolaridade – 12º Nota Final a Português – 14 Grau de Adesão – Entusiasta

LEITURA ENTRE OS JOVENS – contributos para uma compreensão


do livro, do mais horrível, até à melhor fragância. A obra remete-nos a pensar: "o quanto somos frágeis e dependentes do nosso eu animal"	
<p>21 - QUEIMADA VIVA – Souad</p> <p>"Queimada Viva" é um livro que conta uma história perturbante e comovente de uma mulher vítima da sua própria família. Onde se relata uma viagem aos limites do terror, a que muitas mulheres muçulmanas são submetidas às atrocidades dos homens. Na minha opinião, o livro é bastante cativante porque expõe a vida de uma cultura totalmente fechada às mulheres e faz-me reflectir como em pleno século XXI alguns países ainda não evoluíram para as mulheres. O livro descreve situações bárbaras que muitas mulheres são vítimas, que para mim são de uma tremenda brutalidade e que para eles são situações plenamente normais e diárias. Algumas citações que me são bastante sensíveis: «Uma vaca dá leite e vitelos. O que se faz com o leite e os vitelos? Vendem-se. Traz-se dinheiro para casa, o que significa que uma vaca presta serviços à família. E uma rapariga? Que serviços é que presta à família? Nenhum. (...) Uma vaca ou um carneiro valem mais do que uma rapariga»; «A tua irmã pecou, deves matá-la. Ele fá-lo-á por uma questão de honra, é essa a lei.»; « És louca? Estás a ver o que fizeste? Colheste UM tomate verde! Bateu-me (..) enfiou-mo na boca à força.» Recomendo vivamente este livro, especialmente às pessoas que se interessam por novas culturas, tradições, costumes.</p>	<p>Sexo – Feminino</p> <p>Ano de escolaridade – 11º</p> <p>Nota Final a Português – 13</p> <p>Grau de Adesão – Entusiasta</p>
<p>22 - ANJOS E DEMÓNIOS – Dan Brown</p> <p>Achei que nada me surpreenderia após "O Código Da Vinci", mas de facto este romance excedeu todas as minhas expectativas, pois, na minha opinião, considero que tem mais acção e suspense que O Código. Além disso reflecte de forma extraordinária a luta que opõe a ciência e religião, esclarecendo o leitor acerca de algumas questões e formulando outras ainda de maiores dimensões sobretudo a nível ético e social. É de facto uma obra surpreendente e de leitura obrigatória! (Nota: não se preocupem com o número de páginas, pois as 600 parecem de facto 60 😊)</p>	<p>Sexo – Masculino</p> <p>Ano de escolaridade – 11º</p> <p>Nota Final a Português – 17</p> <p>Grau de Adesão – Entusiasta</p>
<p>23 - A FORTALEZA DIGITAL – Dan Brown</p> <p>A escrita de Dan Brown neste livro é similar à escrita dos outros livros escritos por ele. Tem uma velocidade sufocante, trata-se mais de um tema que mete em causa grandes instituições. Na minha opinião, sabendo que este foi o primeiro livro que ele escreveu, mesmo antes do famoso Código Da Vinci, gostei não só pela história ou pelo o tipo de escrita mas sim de alguns pormenores que Dan Brown evidencia, como o maior descriptor do mundo. Penso que é uma ficção que nos faz sonhar com o conseguir ir trabalhar para um lugar como aquele. "Quem guardará os guardas", Sátiras, Juvenal. Não sei se foi a editora se foi o autor, mas esta frase é no mínimo pensativa, sabemos que temos a nossa protecção e a nossa privacidade mas e se por algum motivo destroem essa protecção? E quem é que vai proteger aqueles que nos protegem? Classificação: ***** - Um livro de Dan Brown e as palavras falam por si!</p>	<p>Sexo – Masculino</p> <p>Ano de escolaridade – 11º</p> <p>Nota Final a Português – 12</p> <p>Grau de Adesão – Entusiasta</p>

LEITURA ENTRE OS JOVENS – contributos para uma compreensão

<p>24 - A FORTALEZA DIGITAL – Dan Brown Gostei imenso do livro. Repleto de intrigas, conspirações, que permitem ao leitor degustar e sentir a obra até ao fim.</p>	<p>Sexo – Masculino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 10 Grau de Adesão – Entusiasta</p>
<p>25 - A CONSPIRAÇÃO – Dan Brown Ao bom estilo dos outros livros deste autor, "A Conspiração" torna-se um vício desde a primeira página e prende o leitor até à última. Um livro bem escrito, que termina cada capítulo com situações que (quase) nos obrigam a seguir para o seguinte até ao fim de uma só vez.</p>	<p>Sexo – Masculino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 13 Grau de Adesão – Entusiasta</p>
<p>26 - A CIDADE DOS DEUSES SELVAGENS – Isabel Allende A cidade dos deuses selvagens é mais um dos livros de Isabel Allende que não deixa ninguém indiferente. Trata-se de uma aventura fantástica e cheia de mistério que ao longo da leitura nos deixa sempre na expectativa do que irá acontecer. Este livro conta uma fascinante aventura pelo mundo dos sonhos, dos deuses, da imaginação e ao mesmo tempo de uma realidade que nos passa tantas vezes ao lado. No meio da selva da amazónia um grupo de pessoas levadas pela curiosidade, e algumas pela ambição, acaba por descobrir o verdadeiro significado do inexplorável mundo selvagem e dos indígenas que por aí ainda vivem. Nesta comovente e emocionante história revela-se a capacidade de amar e respeitar os outros que, por opção, vivem de uma forma completamente diferente da nossa. Na minha perspectiva este livro mostra que na maior parte das vezes a ambição comanda a vida e como tal esta deixa de ter sentido, contudo também nos mostra que o amor e a amizade podem valer em inúmeras situações. Gostei imenso deste livro e como tal aconselho-o a todos!!! 😊</p>	<p>Sexo – Feminino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 15 Grau de Adesão – Entusiasta</p>
<p>27 - A CIDADE DOS DEUSES SELVAGENS – Isabel Allende Recomendo vivamente a sua leitura porque através dele Isabelle Allende nos alerta para as preocupações ecológicas que muitas vezes esquecemos através da ficção misturada com a realidade, e claro nos dá a conhecer do princípio ao fim um mundo magnífico que é a Amazónia. Classificação: **** - Simplesmente fantástico, dá-nos o conhecimento de um mundo por descobrir</p>	<p>Sexo – Masculino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 13 Grau de Adesão – Entusiasta</p>
<p>28 - A VIDA É BELA – Roberto Benigni Na minha opinião este é um livro muito bom, esta história passa-se no tempo dos nazis. O que mais me surpreendeu foi a criatividade do pai quando se deparava com situações não calculadas, e a sua capacidade de encobrir a realidade ao filho, de modo a fazê-lo gritar "ganhámos" quando sobe ao tanque. No fim, o filho estava completamente convencido que estava num jogo e que o tinha ganho</p>	<p>Sexo – Masculino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 11 Grau de Adesão – Entusiasta</p>
<p>29 - O ELIXIR DOS DESEJOS de Michael Ende: Ao ler este livro deparei-me com uma linguagem fácil e acessível a qualquer leitor. Pessoalmente não gostei do livro visto que este é mais adequado a leitores mais jovens, trata-se de um livro do domínio imaginário científico, em que entram na história um mago-cientista, uma bruxa-de-fazer-dinheiro, um</p>	<p>Sexo – Feminino Ano de escolaridade – 12º Nota Final a Português – 15 Grau de Adesão – Moderado</p>

LEITURA ENTRE OS JOVENS – contributos para uma compreensão

<p>gato que tem a mania que e cantor e um corvo que é adepto da poligamia, visto que tem uma mulher em cada ninho. Achei que o livro estava pouco aprofundado no que diz respeito a área da feitiçaria o que me decepcionou um bocado. Aconselho este livro já que é de fácil leitura e mostra-nos mais uma vez que o bem vence sempre o mal.</p>	
<p>30 – PARA UMA SÓ VOZ – Susana Tamaro Gostei deste livro, pelo simples facto de falar sobre problemas pelo qual somos confrontados no dia a dia... Fala de problemas que todos conhecemos, e dá para perceber que nem todas as crianças tem uma boa infância, e os medos da infância iram reflectir-se no seu futuro. Serve também para vermos que ainda há famílias dispostas a adoptar as crianças depois de tudo o que passaram, porque por vezes há quem considere as pessoas que foram violadas ou as prostitutas como diferentes, mas são como nós, todos precisamos de uma família e de amor. É um livro interessante, com uma linguagem bem acessível a todos nós.</p>	<p>Sexo – Feminino Ano de escolaridade – 12º Nota Final a Português – 11 Grau de Adesão – Entusiasta</p>
<p>31 - VAI ONDE TE LEVA O CORAÇÃO – Susana Tamaro Este livro conduz-nos às nossas próprias emoções e faz-nos sentir que muitas das vezes acabamos por não dar atenção àquilo que realmente nos é importante, e às únicas coisas que realmente possuímos!</p>	<p>Sexo – Feminino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 13 Grau de Adesão – Entusiasta</p>
<p>32 - MIL AMANHÃS - Karen Kingsbury Este romance é uma história muito bem contada por todos os seus pormenores e as suas descrições de olhares e gestos. Pessoalmente não é o estilo de leitura que mas aprecio mas gostei de ver um livro tão bem escrito, escrito como se este sentimento fosse real e palpável. Também nos alerta para uma realidade - fibrose quística (doença pulmonar)- e homenageia todos aqueles que dão um pulmão a uma pessoa que amam. Recomendo a quem gosta de histórias de amor.</p>	<p>Sexo – Feminino Ano de escolaridade – 12º Nota Final a Português – 14 Grau de Adesão – Moderado</p>
<p>33 - A LUA NÃO ESTÁ À VENDA – Alice Vieira Dona Estrela (uma viúva) é proprietária do café Lua Cheia, ponto de reunião e convívio de diversas personagens das redondezas. Beatriz é professora. A sua história entrelaça-se com as histórias e sonhos de pessoas vulgares (adultos e jovens) que vivem no mesmo bairro lisboeta. Um livro sobre a solidão, mas também sobre a boa vizinhança e o único modo como as pessoas vulgares conseguem sobreviver, com a cabeça cheia de sonhos e projectos.</p>	<p>Sexo – Masculino Ano de escolaridade – 12º Nota Final a Português – 11 Grau de Adesão – Moderado</p>
<p>34 - O ESTRANHO CASO DO CÃO MORTO – Mark Haddon Por este livro pode-se concluir que todas as pessoas erram, mas que têm sempre a segunda oportunidade, que podem ser perdoadas uma segunda vez, mesmo que a primeira não tenha sido bem sucedida. Também que todos nós possuímos muitas limitações, físicas, e intelectuais e que com o passar do tempo podemos redimi-las.</p>	<p>Sexo – Masculino Ano de escolaridade – 12º Nota Final a Português – 12 Grau de Adesão – Moderado</p>
<p>35 - A ÚLTIMA FEITICEIRA – Sandra Carvalho É uma história extremamente bem escrita onde os sentimentos são muito bem expressos, influenciando o leitor a partilhar de alguns dos sentimentos da heroína; a magia apresenta-se neste livro sob a forma dos antigos druidas da</p>	<p>Sexo – Masculino Ano de escolaridade – 12º Nota Final a Português – 12 Grau de Adesão –</p>

<p>grande ilha que perpetuam nas florestas os conhecimentos transmitidos pelos seres mágicos dos quais Catelyn é descendente.</p>	<p>Moderadamente Entusiasta</p>
<p>36 - O NOME DE ROSA – Umberto Eco O Nome da Rosa é uma obra fantástica, farta de mistérios e verdades ocultas, através dos quais, o autor revela o lado negro do Cristianismo da Idade Média. Umberto Eco associa tudo isto a aspectos relacionados com códigos secretos e mensagens codificadas, que, para além de levarem o leitor a encarnar uma das personagens do enredo, ficando, ao mesmo tempo, horrorizado com as mortes macabras que mancham toda a Abadia, demonstram, ainda, o génio criativo do autor. Apesar de todo este clima negro, o escritor pincela esta história com as cores do amor, amor esse que é proibido, e que cria, em quem lê, uma experimentação de sentimentos absolutamente paradoxais, que divagam entre o extremo choque e a imperiosa maravilha. ① </p>	<p>Sexo – Feminino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 17 Grau de Adesão – Entusiasta</p>
<p>37 - MARIA MOISÉS – Camilo Castelo Branco “Maria Moisés” é uma novela de Camilo Castelo Branco. Divide-se em duas partes: na primeira conta a história trágica de Josefa e na segunda parte a da sua filha, Maria Moisés. Esta novela mostra uma visão da Sociedade do século XIX, particularmente da sociedade rural, a visão que temos do Brasil com o destino da nossa emigração, quer daquelas que pretendiam fugir à miséria do país natal, quer daqueles que fugiam do passado queriam começar uma nova vida, destacando também a presença de numerosos enjeitados, de crianças abandonadas. Para completar, a visão dessa época é de referir, ainda, o domínio dos pais sobre os filhos na classe rural. “Maria Moisés” inicia-se com uma dedicatória a Tomás Ribeiro, um dos elementos do grupo dos ultra-românticos, referindo à amizade dele com Camilo Castelo Branco. A obra termina com um apelo a Tomás Ribeiro, elogiando o Romantismo e criticando a literatura “nova”.</p>	<p>Sexo – Masculino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 13 Grau de Adesão – Moderado</p>
<p>38 - O CASTELO DE VIDRO – Jeannette Wales A história, apesar de se tornar um pouco monótona, é, contudo, um exemplo de coragem protagonizando por Jeannette Wales, que lutou contra todas as adversidades e conseguiu triunfar.</p>	<p>Sexo – Feminino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 15 Grau de Adesão – Moderado</p>
<p>39 - O RAPAZ PERDIDO – Dave Pelzer Gostei da obra, embora não tenha sido a minha preferia mas permitiu-me ver a crueldade das pessoas.</p>	<p>Sexo – Feminino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 10 Grau de Adesão – Moderado</p>
<p>40 - A REGRA DE QUATRO - Ian Caldwell & Dustin Thomason Acho que é um erro comparar este livro com o Código Da Vinci, do contestado Dan Brown. Achei este livro bastante mais interessante que o anteriormente referido. No entanto, é difícil não comparar estes dois quando o livro é vendido através da comparação directa com ele. O que acho menos positivo neste livro é que são combinados elementos narrativos de forma a obter um sucesso garantido. O factor chave aqui é o conhecimento especializado, a teologia, historia da arte e linguagem, e esta característica da</p>	<p>Sexo – Masculino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 11 Grau de Adesão – Moderadamente Entusiasta</p>

LEITURA ENTRE OS JOVENS – contributos para uma compreensão

<p>teologia tem sido um assunto bastante massacrado pelos tempos presentes. Combinar estes com suspense, um toque exótico e um protagonista apelativo, obtemos uma pseudo história sexy, capaz de levar a best-seller. Apesar disso acho que é um livro bastante interessante pois é claro que como a muitos colegas meus também me interessa este assunto, a teologia, a hipótese de se tratar de uma fraude, a hipótese de haver calúnias e falsidade envolvidas na grande história da vida. É este sentimento que nos leva a ler o livro, e que nos atrai com um magnetismo tal que não descansamos até o ler.</p>	
<p>41 - O DIÁRIO DA PRINCESA – Meg Cabot Gostei imenso do livro, pois mistura, talvez, o sonho de qualquer rapariga, com os vários problemas da adolescência, criando assim uma leitura interessante, bem como a sua história</p>	<p>Sexo – Feminino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 13 Grau de Adesão – Entusiasta</p>
<p>42 - CONSPIRAÇÃO CONTRA A AMÉRICA – Philip Roth Conspiração Contra a América é um romance envolvente e perturbador que nos deixa na dúvida se Lindbergh era ou não anti-semita ou se os judeus exageravam no que diziam. Uma obra de desfecho imprevisível que deixa o leitor “agarrado” ao livro até à última linha. Recomendo vivamente a leitura da obra. ☺</p>	<p>Sexo – Masculino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 16 Grau de Adesão – Entusiasta</p>
<p>43 - XEQUE AO REI – Joanne Harris Como Joanne Harris já nos tem vindo a habituar, esta é mais uma das suas excelentes obras. Xeque ao Rei é uma novela bastante bem conseguida que revela uma elevada capacidade de imaginação e de enquadramento de ideias. De acordo com o meu ponto de vista, a autora consegue criar um certo suspense e ao mesmo tempo misticismo em todo o desenrolar da acção. Esta é uma história apaixonante e intrigante em que o segredo é mantido, de uma forma brilhante, quase até ao fim. Ao lermos esta obra ficamos de tal modo envolvidos que quase podemos provar a poeira do giz e ouvir os sapatos dos alunos a fazer ranger os velhos e lustrados soalhos de St. Oswald. ☺</p>	<p>Sexo – Feminino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 17 Grau de Adesão – Entusiasta</p>
<p>44 - O GUARDA DA PRAIA – Teresa Gonzalez Gostei muito da obra pois este livro tem uma linguagem muito simples e está escrito com muita emoção. Na minha opinião é uma verdadeira lição de vida sobre os sonhos e os segredos do mar. É um livro que recomendo a sua leitura, principalmente a pessoas que gostem muito do mar, tal como eu.</p>	<p>Sexo – Masculino Ano de escolaridade – 11º Nota Final a Português – 10 Grau de Adesão – Entusiasta</p>

3.1.2.1. Grau de Adesão

A maioria dos registos é de raparigas (26 em 44) e de alunos do 11º ano (30 em 44) e o grau de adesão manifestado é francamente entusiasta: na sua grande maioria (30 em 44), os jovens comentadores confessam recomendar a respectiva leitura, conforme se pode comprovar nas expressões e frases a negrito que foram destacadas nos comentários. Ao equacionar-se este nível de adesão ao livro com o rendimento na disciplina de língua materna, observamos que as emoções expressas de entusiasmo com a leitura se encontram, indiferentemente, em alunos de médias altas ou médias mais modestas: por exemplo, os alunos dos comentários 20 e 28 consideram os respectivos livros “*O livro é simplesmente espectacular*” ou “*este é um livro muito bom*” e não conseguiram mais de 10 valores no final do ano, enquanto que a aluna do *Registo 8*, com 17 de média final, apenas se propõe fazer uma “*análise crítica*” do policial que leu. Este *impressionismo* de gostos pode ser analisado em duas perspectivas: a da sua autenticidade e das suas variações.

Relativamente ao primeiro aspecto, poder-se-á, legitimamente, duvidar da veracidade das declarações de gostos: será que estamos perante descobertas surpreendentes de prazer de leitura? Ou será que a consciência de estar a escrever num fórum leva o jovem a registar um tipo de texto promocional próprio de contracapas de livros? Ou será ainda que comentar para ser avaliado induz a um texto panegírico e de elogio rasgado? Certamente que estes três factores intervêm, mas trata-se, sem dúvida, de uma recepção de leitura condicionada pelo suporte e pela avaliação, o que reduz o grau de espontaneidade e autenticidade do registo. Por outro lado, pode-se especular sobre o grau de variação de adesões: há quem “*goste muito*” tendo gostado muito, há quem “*goste muito*” por ser social e academicamente correcto e há quem “*goste muito*” e o transmita sem linguagem valorativa. Por exemplo, quando a aluna do primeiro registo fala do romance *Equador*, sente-se uma grande adesão ao romance, sem que explicitamente o manifeste; limita-se a decompôr a analisar a complexidade do enredo e da mensagem, comprometendo-se unicamente no adjectivo “*intemporal*” (“*romance intemporal*”). Não é alheio o facto de este comentário pertencer a uma leitora, já no ano terminal do secundário e com boa média a Português. Há alguma tendência para que o

leitor experimentado use uma linguagem mais substantiva e menos adjectiva, desmontando, com argumentos, a qualidade do livro que gostou.

Será, por outro lado, que todos os comentários com *adesão moderada* participam desta atitude reflexiva perante a leitura?

No *Registo 5* sobre *Um momento inesquecível* de Nicholas Sparks, a aluna (“... nunca tinha lido um livro deste autor, mas pelo que vi realmente faz jus à sua fama”) tinha um grau de expectativas fraco devido à “fama” do autor, mas “apesar de ter gostado bastante, achei o livro um pouco melodramático.”

No *Registo 14*, sobre *Elixir* de Cédric Bannel, afirma-se que: “Apesar de monótono, o livro é interessante e remete-nos para factos reais ligados à ciência. Recomendo a leitura”- ficam por esclarecer os adjectivos “monótono” e “interessante” e o verbo “recomendar”.

O *Registo 17* sobre o romance *És meu* de Rita Ferro, realça, com alguma cumplicidade, o eixo temático mais importante da obra – o ciúme – e afirma-se que “Este livro despertou-me um certo interesse”, ficando o indefinido “certo” por definir.

Pode-se, a partir destes exemplos, induzir que nem todas as adesões *moderadas* correspondem a reflexões mais analíticas, mas antes a formas eufemísticas de opiniões negativas sobre os livros. O *Registo 33* (*A lua não está à venda* de Alice Vieira) é um exemplo pouco paradigmático dos casos anteriores, porque, sem se comprometer com uma opinião, o texto condensa, habilmente, o essencial do livro, conciliando o particular com o geral: “Dona Estrela (uma viúva) é proprietária do café Lua Cheia, ponto de reunião e convívio de diversas personagens das redondezas. Beatriz é professora. A sua história entrelaça-se com as histórias e sonhos de pessoas vulgares (adultos e jovens) que vivem no mesmo bairro lisboeta. Um livro sobre a solidão, mas também sobre a boa vizinhança e o único modo como as pessoas vulgares conseguem sobreviver, com a cabeça cheia de sonhos e projectos.” Concentrar, em tão poucas linhas, as ideias paradoxais de solidão/vizinhança e sonhos-projectos/pessoas vulgares é uma habilidade linguística não muito comum num aluno com a média que obteve (11) e que levanta, logicamente a questão da autoria do texto²⁷.

²⁷Esta questão pôde ser esclarecida com a leitura da sinopse na *Net* sobre a obra, no site da Editorial Caminho, e que o aluno reproduziu. Situação com alguma recorrência nos trabalhos escolares feitos em casa dos alunos.

Observa-se, deste conjunto, uma certa tendência para o aluno se situar num discurso facilmente valorativo, que privilegia a adesão emocional aos títulos em análise, reproduzindo, assim, os discursos promocionais que lê ou ouve, em que a linguagem substantiva, apoiada em argumentos lógicos, é substituída pela adjectivo forte ou o verbo apelativo.

3.1.2.2. Ausência de intertexto

Ao contrário do texto crítico e/ou analítico do registo académico que integra (muitas vezes inunda!) no comentário outros textos e outras leituras, o texto analítico dos jovens é, normalmente, despojado. Porque, logicamente, não tem muito texto referencial. Compreensível, até certo ponto, mas incompreensível também. São raros, no *corpus* apresentado, os exemplos em que o aluno denuncia outras referências de textos e, quando o faz, é em casos manifestos de popularidade do autor como Dan Brown, Nicholas Sparks, Paulo Coelho ou Isabel Allende: Registo 4 – “*A Alquimia do Amor, é mais um dos livros brilhantes de Nicholas Sparks...*”; Registo 5 – “*Eu nunca tinha lido um livro deste autor, mas pelo que vi realmente faz jus á sua fama...*”; Registo 10 – “*Gostei muito do livro porque os policiais são um dos meus géneros preferidos na literatura*”; Registo 13 – “*São muito engraçadas as diversas associações feitas entre os dois livros, e para quem leu o Código da Vinci percebe o verdadeiro espírito humorístico do Código Stravinci.*”; Registo 17 – “*Mais uma vez Rita Ferro escreve um romance, no qual se debruça sobre o ciúme.*”; Registo 22 – “*Achei que nada me surpreenderia após "O Código Da Vinci", mas de facto este romance excedeu todas as minhas expectativas, pois, na minha opinião, considero que tem mais acção e suspense que O Código*”; Registo 23 – “*A escrita de Dan Brown neste livro é similar à escrita dos outros livros escritos por ele.*”; Registo 25 – “*Ao bom estilo dos outros livros deste autor, "A Conspiração" torna-se um vício desde a primeira página e prende o leitor até à última.*”; Registo 26 – “*A cidade dos deuses selvagens é mais um dos livros de Isabel Allende que não deixa ninguém indiferente.*”; Registo 40 – “*Acho que é um erro comparar este livro com o Código Da Vinci, do contestado Dan Brown. Achei este livro bastante mais interessante que o anteriormente referido.*”; Registo 43

– “Como Joanne Harris já nos tem vindo a habituar, esta é mais uma das suas excelentes obras.”²⁸

Está longe da intenção deste trabalho só legitimar a referência textual de feição mais erudita ou literária, de todo incompatível e desajustado com o mundo de referência juvenil, mas as poucas ligações estabelecidas com outras obras, autores ou géneros fazem-se em escritores de grande consagração de público e com recurso a ideias muito consensuais.

Noutros casos, o aluno denuncia a sua condição de *virgindade* no género: *Registo 19* – “Para quem tem hábitos de leitura considero que esta é uma obra obrigatória, e para quem se quer iniciar na leitura de Paulo Coelho, esta é talvez a melhor obra que podemos escolher, isto **julgado pela minha experiência**.”; *Registo 8* – “Para todo há uma primeira vez e ‘A forma da água’ foi o primeiro caso policial que li..”

Lidando com poucas referências de outros textos, os registos evidenciam, em compensação, lições de vida e de experiência que os alunos sabem retirar do que leram e reveladoras de um raciocínio versátil: *Registo 1* – “Os principais valores são a procura da felicidade, a luta pelos nossos ideais e por aquilo que consideramos ser o mais correcto, a luta pelos direitos dos outros e dar o máximo de nós para cumprir o que nos compete.”; *Registo 15* – “Fez-me reflectir acerca do grande número de **toxicodependentes** que, como a Alice, se vêem num beco cuja saída é, na maior parte dos casos, a morte.”; *Registo 17* – “Este livro despertou-me um certo interesse, porque traz ao de cima um assunto que está presente nas nossas vidas e que nos faz cometer loucuras: o ciúme.”; *Registo 18* – “Este livro transmite-nos uma lição de vida: nunca devemos desistir dos nossos sonhos. Esta mensagem fez-me questionar sobre o que realmente quero e se seria também capaz de abdicar de tudo para seguir os meus sonhos.”; *Registo 19* – “No meu ponto de vista considero-a como que uma fábula, a fábula da vida, na qual está implícita que o melhor que podemos adquirir na vida não vem à nossa razão, mas sim ao nosso coração.”; *Registo 23* – “E quem é que vai proteger aqueles que nos protegem?”; *Registo 26* – “Na minha perspectiva, este livro mostra que na maior parte das vezes a ambição comanda a vida e como tal esta deixa de ter sentido, contudo também nos mostra que o amor e a amizade podem valer em inúmeras situações.”

²⁸ As palavras e expressões a negrito são da responsabilidade deste estudo.

O jovem é, assim, versátil para ler a vida através dos livros e só não lê *livros nos livros* porque o seu universo de referências é reduzido e se limita à *vox populi* de autores e géneros.

Outra observação a fazer, nesta matéria, diz respeito à utilização de ferramentas de análise de texto evidenciadas nos registos. Genericamente, os alunos referem aspectos de conteúdo e forma (mais aquele que esta), alguns (poucos) comentam o género e aventuram-se igualmente na análise de alguns elementos da narrativa como acção, espaço, tempo e personagens. Evitando usar nomenclatura classificativa desses elementos, o estilo dos comentários aproxima-se dos textos de divulgação de livros, usado no *marketing* promocional (sendo de salvaguardar sempre a hipótese de casos de captura de texto na *Net*, com ou sem adaptação).

O que fica, afinal? O *impressionismo* de gosto e a história enquanto *mimésis* da vida ou de uma experiência, parecem ser os critérios que legitimam a aceitação de um livro no universo de leitura juvenil. Poderiam existir outros critérios? Claro sim, mas têm todos basicamente a ver com o domínio de outros textos de referência que dão espessura ao que se comenta, mas que são, quase inevitavelmente, território da formação do adulto letrado. Dito de outro modo: perante o mesmo livro, um receptor jovem e um receptor adulto têm graus de expectativas diferentes, porque diverso é o capital de referentes acumulado sobre o livro, autor ou género. A Estética da Recepção dá contributos interessantes nesta discussão.

3.2.– Estética da Recepção - fundamentação teórica

Na teoria da literatura, os estudos sobre a recepção e expectativas do leitor têm um nome de referência - Hans Robert Jauss – que, nos anos 60 na Alemanha, desenvolveu a Estética da Recepção; era sua preocupação fazer uma reescrita da história literária, privilegiando uma entidade nova no circuito da obra literária – o seu leitor. Na tentativa de objectivar a presença desta entidade, Jauss vai desenvolver um conceito importante que nos interessa aprofundar na temática deste trabalho: trata-se do Horizonte de Expectativas do receptor:

“A literatura, como conexão de acontecimentos, constitui-se primacialmente no horizonte de expectativas da experiência literária de

leitores, críticos e autores, que lhe são contemporâneos ou posteriores. Compreender e descrever a História da Literatura na sua historicidade própria depende da possibilidade de objectivar este horizonte de expectativas.” (A literatura como provocação, 2003, p. 64)

O receptor da obra literária é assim portador de um pré-conhecimento da obra, que faz com que ela não surja no vácuo como uma absoluta novidade, mas que dela tenha já “*informações e sinais mais ou menos manifestos, indícios familiares ou referências implícitas*” (pp.66-67):

“Ela [obra] evoca obras já lidas, coloca o leitor numa determinada situação emocional, cria, logo desde o início, expectativas a respeito do “meio e do fim” da obra que, com o decorrer da leitura, podem ser conservadas ou alteradas, reorientadas ou ainda ironicamente desrespeitadas, segundo determinadas regras do jogo relativamente ao género ou ao tipo de texto.” (p. 67)

É este capital de experiência leitora acumulada que vai legitimar o carácter literário de uma obra, regulando as novidades e as rupturas na história literária. Assim, o carácter propriamente artístico de uma obra literária é determinado pela distância entre aquilo que a experiência estética anterior do leitor oferece de familiar e a “mudança de horizonte” requerida pelo acolhimento da nova obra. É esta distância entre o que o leitor *espera* e a própria obra que justifica duas tipologias de obras: as que Jauss classifica como “*arte culinária*” que se moldam às experiências do gosto predominante e as obras-primas, que podem ter reconhecimento no público da época ou serem incompreendidas e só assimiladas por leitores ulteriores. A dialéctica de géneros, correntes e cânones, na eterna luta entre o novo e o velho, tanto na literatura como na arte em geral, encontram eco nesta visão de públicos receptores.

Esta soberania dada ao leitor foi criticada por apresentar excesso de *psicologismo* e fazer sociologia do gosto, tomando o autor e a própria obra subsidiários do reconhecimento de um leitor. Para Aguiar e Silva, é necessário:

“... reconhecer a existência autónoma, a alteridade originária e substantiva de duas instâncias que interagem semioticamente no

*processo de leitura (...) rejeitando quer a hipótese de que o leitor seja um efeito (um produto) do livro, quer a hipótese de que o livro seja um efeito (uma construção) do leitor.”*²⁹

Não interessa aqui entrar na determinação de qual é mais importante, se a produção se a recepção literárias (afinal, duas faces da mesma moeda), mas tentar retirar contributos teóricos para a temática central deste trabalho.

Coloca-se, em primeiro lugar, uma questão de aplicação de conceitos: a Estética da Recepção incide, por um lado, sobre a leitura literária e numa perspectiva macro-estrutural e diacrónica da história da literatura, enquanto este estudo se debruça sobre práticas de leitura muito mais plurais (as dos jovens de hoje) e estabelecendo um corte sincrónico na problemática da leitura, delimitando um tempo, uma faixa etária e um espaço específicos.

Será então legítimo trazer o conceito de Horizonte de Expectativas, que foi definido no ambiente da recepção da leitura literária, para o terreno da leitura juvenil que não é exclusivamente literária?

Talvez haja alguma legitimidade, pela metodologia seguida. Transitou-se de um método de análise quantitativa para outra qualitativa e, chegados ao ‘*mundo do leitor*’, conclui-se que a sua *bagagem* criava um *grau de expectativas* que era determinante na recepção da obra. Globalmente, assistiu-se a uma conformidade entre o horizonte de expectativas dos jovens leituras e a obra. Porquê? Porque o jovem foi o actor da escolha do seu livro e adequou o comentário ao seu universo de referências, com riscos de géneros ou autores. Porque o constrangimento da avaliação escolar sobre os comentários escritos produz (pode produzir) um comportamento de escrita que pode não reproduzir a verdadeira recepção da leitura.

²⁹ SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e – *Teoria da Literatura*, 4ª ed. Coimbra: Almedina, 1982. p. 306

“- Perguntaste-me quando começou o nosso trabalho, como e onde? Pois bem, na realidade o ponto de partida remonta à época chamada Guerra Civil. Embora no texto do nosso regulamento a data seja anterior. O facto é que não tínhamos nenhum papel a representar antes da aparição da fotografia. Depois veio o cinema... no princípio do século XX. Depois a rádio. A televisão. O elemento massas entrou então em cena.

Montag continuava imóvel, sentado na cama.

- E esse elemento *massas* veio simplificar os problemas – continuou Betty – Primeiro, os livros interessavam a minorias, aqui e ali. Podiam sentir-se ser *diferentes*. O mundo era vasto. Depois o mundo encheu-se de olhos, de cotovelos, de bocas. A população dobrou, triplicou, quadruplicou. Os filmes e a rádio, os magazines, os livros, foram nivelados, normalizados sob a forma de uma espécie de pasta de bolo. Estás a perceber-me?

- Parece-me que sim.

- Estás a ver o quadro. O homem do século XIX, com os seus cavalos, os seus cães, os seus trens; lentidão de movimento. Depois a aceleração, a câmara. Os livros reduzidos. As condensações, os *digests*, os gráficos; tudo subordinado ao mote, ao fim percutante.

- O fim percutante – disse Milfred, aprovando com a cabeça.

- Os clássicos reduzidos para compor emissões de um quarto de hora na rádio, cortados de novo para darem extractos de dois minutos de leitura, enfim, arrançados para um resumo de dicionário de dez a dozes linhas. Estou a exagerar um pouco, claro. A minha alusão aos dicionários é apenas uma referência. Mas para muita gente, Hamlet (tu conheces certamente os títulos, Montag; a senhora, talvez os tivesse apenas ouvido citar), para muita gente, dizia, Hamlet era apenas o resumo de uma página, num livro que declarava: "Finalmente, todos os clássicos ao seu alcance; o seu nível de conhecimentos igual ao do seu vizinho." Estás a ver o que quero dizer? Da sala das crianças ao colégio e do colégio à sala das crianças. Eis o ~~trajeto~~ ^{trajeto} da curva intelectual para os últimos cinco séculos."

Ray Bradbury – *Fahrenheit 451*

Capítulo III

LEITURA JUVENIL – NOVOS PARADIGMAS

- Discurso geracional do adulto
- As diferentes Iliteracias
- Cultura Juvenil?

Cultura Juvenil versus Cultura de Massas

- A Leitura de ecrã
 - Informação e Saber
 - A erosão do Autor
 - Fala-Leitura

Neste capítulo, tentar-se-ão integrar as manifestações de comportamentos e atitudes relativas à leitura dos jovens em ambientes mais gerais da actual cultura de massas, da circulação da informação e das novas tecnologias, que estabelecem novas práticas de leitura. Revolução, dizem alguns. Mas certamente, um novo paradigma, que a cultura do impresso tem de assimilar.

1.1. Discurso geracional do adulto

Foram analisados, no capítulo anterior, registos de recepção. Registos de avaliação escolar. A nossa base de trabalho poderia ter sido outra: registos de diário, comentários informais entre jovens sobre livros, desabafos que se fazem no balcão de atendimento da biblioteca sobre um título requisitado. Certamente que, nessas situações, os testemunhos seriam diferentes, porque diferentes eram os contextos e a relação emissor/receptor. Só talvez um diário de leitura estivesse mais perto da verdade da recepção. Mas raros são os jovens que o fazem (o inquérito aponta para 11,7% “Algumas vezes e 31,7% “Raramente”) e o seu acesso consentido para análise torna-se difícil. Poucos escrevem e poucos autorizam a sua leitura e pedir que o façam para uma situação escolar, vicia tanto a recepção como as fichas de leitura escritas em impresso ou *online*.

De qualquer maneira, as fichas atrás analisadas constituíram material onde é possível analisar o estilo e o conteúdo dos apontamentos dos alunos sobre os livros: mais emotivos que analíticos, mais de cumplicidade do que desmontagem. Normalmente, o discurso do adulto sobre as práticas de leitura dos jovens salienta esta dificuldade em fazer uma leitura de segundo nível, com espírito crítico, com apreensão dos tiques de escola e autor, com identificação de textos dentro de textos. O próprio ensino da literatura no ensino secundário tem vivido, até aqui, de metalinguagem sobre os textos em análise. O aluno responde ao sistema reproduzindo o discurso à volta do texto, salvaguardando-se, por vezes, de ler o próprio texto literário – quantos escreveram sobre os níveis narrativos d’*Os Maias* sem terem efectivamente lido a obra?!

Só a experiência continuada de ler fornece aos jovens os referentes para leituras de segundo nível e é essa experiência e acesso que o ensino deve exigir ao aluno. Essa é também a vantagem do adulto leitor sobre o jovem leitor: a de possuir um *armazém* de referências que lhe permite leituras comparativas mais abrangentes, finas e filtradas e, portanto, *menos emotivas*.

A este propósito, C.S.Lewis no seu livro *Experiência de ler* (2001, p. 47), ao caracterizar o *mau leitor*, afirma:

“Tal como o ouvinte sem sensibilidade musical quer apenas a ‘melodia’, também o leitor sem sensibilidade literária apenas quer o

'acontecimento'. Um ignora quase todos os sons que a orquestra produz, porque o que quer é trautear a melodia. O outro ignora quase tudo o que as palavras à sua frente constroem, porque o que quer é saber o que acontece a seguir.

Lê apenas narrativas, porque só aí vai encontrar o Acontecimento. É surdo para o aspecto auditivo do que lê, porque ritmo e melodia não o ajudam a descobrir quem desposou (salvou, roubou, violou ou assassinou) quem. Gosta de banda desenhada e dos filmes quase sem palavras porque aí nada se interpõe entre ele e o Acontecimento. E gosta de velocidade porque uma história rápida é toda ela acontecimentos."

"O modo de ler do mau leitor" é o título do capítulo da obra (IV) e o seu autor caracteriza o mau leitor em geral e não especificamente o leitor jovem, mas o ponto de vista expresso não deixa de reproduzir um certo discurso oficial do adulto que, na análise do problema, só perspectiva um ângulo de o observar: o seu. Do universo de livros, só o livro literário conta. Do universo de leitores, só aqueles que têm sensibilidade literária para as palavras são legítimos. Trata-se de uma concepção elitista e aristocrática da leitura que estigmatiza como iletrados todos aqueles que não participam de uma determinada forma de ler. Num outro contexto³⁰, Umberto Eco caracteriza esta concepção de *apocalíptica* e afirma que:

"No fundo, o apocalíptico consola o leitor porque lhe permite entrever, sob o derrocar da catástrofe, a existência de uma comunidade de "super-homens", capazes de se elevarem, nem que seja apenas através da recusa, acima da banalidade média. No limite, comunidade reduzidíssima – e eleita – de quem escreve e de quem lê "nós dois, você e u, os únicos que compreendem, e estão salvos: os únicos que não são massa" (Eco, 1979, p.9)

³⁰ Contexto da Cultura de Massas abordada no livro *Apocalípticos e integrados*.

1.2. As diferentes Iliteracias

Retomando o pensamento de C.S.Lewis, este autor faz, no excerto atrás transcrito, um paralelismo entre o comportamento do *mau leitor* e do *mau ouvinte*, caracterizando dois tipos de iliteracias artísticas: a literária e a musical.

É interessante observar que relativamente à música, hoje em dia, o comentário *oficial* sobre gostos é mais tolerante, não estigmatizando tão facilmente aqueles que cultivam ou apreciam formas menos eruditas de expressão musical. Nem outra poderia ser a atitude razoável nos tempos modernos, em que as formas e géneros são múltiplos e legítimos. Com mais facilidade se desculpabiliza que “os gostos não se discutem” na música do que na leitura. E, no entanto, é mais perigoso culpabilizar, estigmatizar e normalizar nos livros, porque a representação social da leitura é culturalmente mais forte e a diversidade das formas de ler é mais plural.

Aproveitando o paralelismo proposto, será oportuno reproduzir alguns comentários sobre música registados no Fórum, atrás analisado, e compará-los com os registos sobre livros. Transcrevem-se tal como vêm incluídos no fórum:

Quadro 48 - Registos sobre música no Fórum

1.	Ola pessoal !!! 😊 Para quem é amante de musica Do ray charles... aconselho de comprar o Greatest hit dele...tmb seria uma boa aquisição para o CRE...
2.	Do Melhor, Aretha Franklin !!! Grande Diva..!!! Aconselho a todos ouvir as musicas dela !!! és simplesmente MAGNIFIQUE
3	A banda holandesa, Within Temptation, é detentora de um rock melodioso, onde se destaca a voz angelical de Sharon den Adel. De momento, os Within Temptation encontram-se a gravar novo material para um álbum que será editado no Outono deste ano. O público português terá a possibilidade de assistir, ao vivo, a algumas das novas músicas, aquando da passagem da banda pelo Super Bock Super Rock XL.
4.	Ornatos Violeta... Poesia, melodia, paixão, poesia, poesia, poesia... Os Ornatos são únicos, concordo que será difícil alguém gostar de todas as músicas, mas para autênticos viciados como eu isso não é nada 😊. Cada Cd têm um estilo diferente, é verdade, mas são os dois bons, um mais maduro, o outro mais "irresponsável" mas os dois carregados de arte. Quanto aos Xutos nem é preciso dizer nada, quantas bandas conseguem o que eles conseguiram e continuam a conseguir? "E enquanto esperava no fundo da rua, pensava em ti e em que sorte era a tua, QUERO-TE TANTO, QUERO-TE TANTO", pondo de parte os Metallica e os Slipknot que tive o prazer de assistir a concertos espetaculares, os Xutos são sem dúvida os que me fazem pular mais nos concertos, talvez até se compare a Metallica. Acho que a música portuguesa está a voltar a ganhar lugar depois de estar uns aninhos um pouco escondida, a malta

jovem volta a ouvir música portuguesa com orgulho, e isso é muito bom 😊

Bem, não me vou alongar mais...

Cumprimentos aos leitores de este forum que espero que ganhe mais dimensão rapidamente...

5.

Easyway - Num género de Punk Rock, são uma banda portuguesa de renome no estrangeiro... É engrassado como há bandas portuguesas que se ouvem mais lá fora, do que cá. O site oficial é www.choosetheeasyway.com e possui alguns videoclips e músicas. Aconcelho vivamente o "Forever in a day".

6.

The Gift pois foram galardoados (e a meu ver, muito bem) com um premio da Mtv este ano 2005 e depois porque e um grupos que mais aprecio. dos poucos em que conseguimos gostar de todas as musicas. e um estilo muito diferente do habitual (pelo menos dentro do estilo que conheço) mas muito "dançante" e electronica. comecem por ouvir algumas das suas musicas mais conhecidas como "11.33" e o seu mais recente single "music". foi com estas que comecei a apreciar a banda e depois de ter assistido a um dos seus concertos e de ter passado um fim-de-semana com um viciado em The Gift que nunca parou de os ouvir, passei a venerar o grupo. as suas musicas sao estrondosas e vale mesmo a pena conhece-los

mas antes de mais, o meu comentario surge para apoiar esta iniciativa que espero sinceramente que dê frutos. para mim, já o é. em primeiro lugar, porque o gosto pela leitura sempre me acompanhou e apesar do tempo ser cada vez mais escasso, nao deixo de o ir "saciando", e com estas opiniões torna-se mais facil escolher os livros que realmente quero ler. Quanto às musicas, tambem e uma grande paixão minha e acho-a imprescindivel. posso mesmo confessar que desejava afogar-me e embriagar-me de musica. Adiante..

Retomando as escolhas (de muito bom gosto) do tiago, destaco os ornatos violeta. são, de facto, um dos maiores grupos nacionais. admito (pelo menos do meu ponto de vista) que nao e facil gostar-se de todas as musicas. penso que so com alguma "capacidade artistica" isso acontece mas oçam que vale muito a pena. o seu vocalista esta agora noutro projecto: Pluto que é dentro do mesmo estilo e que tambem e muito bom.

Os more than a thousand foram-me dados a conhecer atraves de uma das suas musicas "In loving Memory" que de imediato me marcou. encantem-se com a dita e digam-me se tenho ou nao razao. 😊

7.

Olá!

Para quem não conhece ainda o novo trabalho do David Fonseca, fica aqui a minha recomendação, oçam que vale a pena! É sem dúvida o melhor trabalho deste fantástico músico. O álbum chama-se "Our hearts will beat as one".

Da leitura deste conjunto aleatório de 7 registos é, desde logo, evidente que o registo de língua é mais livre, no léxico, na pontuação, na ortografia, uma vez que no tópico sobre música no Fórum não havia condicionamento escolar. A expressão de emoções sobre grupos, intérpretes e canções continua a ser um traço de registo, talvez aqui mais marcado pela intensidade de emoções ("*muito bom*", "*imprescindível*", "*fantástico*", "*Poesia, melodia, paixão, poesia, poesia, poesia*", etc). Tal como nos livros, também é possível observar uma homogeneização de gostos, típica da cultura jovem, alimentada pela indústria da edição (tal como os livros) e espectáculos. A nota *dissonante* introduzida nos 2 primeiros registos com a exaltação entusiasta de Aretha

Franklin e Ray Charles, parece ter deixado indiferentes os seus leitores no espaço do fórum.

Se o estilo de comentar música tem afinidades com o estilo de comentar livros, já o mesmo não acontece com o conteúdo: os referentes que exibem são muitos, na identificação de títulos de faixas, nas comparações que fazem com trabalhos do mesmo grupo ou outros, na adjectivação usada (*“rock melodioso”, “música dançante e electrónica”*). É neste aspecto de informação que o registo juvenil sobre música se torna mais rico do que o registo sobre a leitura, uma vez que as vivências musicais são o traço mais marcante da cultura juvenil. Há uma nota curiosa no *Registo 6*, em que o/a jovem fala da *“capacidade artística”* para assimilar algumas músicas do grupo *Ornatos Violeta*, o que levanta a questão do treino de ouvido, habituação e cultivar do género, que tem um paralelo inevitável com a leitura: *“aprende-se a gostar, ouvindo”* / *aprende-se a gostar, lendo*. Curiosamente o/a autor(a) do registo confessa-se amante de livros e dividida entre *dois amores*. Talvez os seus hábitos leiturais e musicais lhe tenham criado a consciência que os gostos se educam e se podem analisar.

A música como traço identitário da juventude actual é um dado inquestionável nos dados recolhidos neste estudo. Para além das vivências musicais, já tinha sido atrás analisada a componente de convivialidade e a apetência por ambientes electrónicos de comunicação que caracterizam os interesses e espaços de lazer dos jovens em geral. Será que podemos falar de ‘Cultura juvenil’? Que acordo existe sobre este conceito nos estudos sociológicos sobre os jovens?

1.3. Cultura Juvenil?

José Machado Pais, sociólogo que tem dedicado alguns estudos aos comportamentos juvenis, fala no plural em “Culturas juvenis” (título homónimo de uma obra sua: Pais, 2003), identificando vários tipos de identidades ligadas a práticas de sociabilidade e lazer que se desenvolvem no quadro de determinadas redes grupais que analisou, através de entrevistas no tecido urbano de Lisboa³¹. Este autor observou que:

“A construção das fachadas nos grupos juvenis assenta, deste modo, em diversos elementos: na imagem (dada pelas roupas, corte de cabelo,

³¹ Fez estudos em 3 meios sociais que agrupou em 3 grupos: as classes populares em *Rio Cinza*, as classes médias em *Dorninha* e as classes superiores em *Coutada*.

adornos); no comportamento (dado pela expressão corporal, o seu porte) e na gíria ou calão. Embora a divisão de linguagens não coincida termo a termo, com a divisão das classes sociais – de uma classe a outra há deslizes, empréstimos, barreiras, correias de transmissão –, o certo é que não deixa de se verificar uma forte relação entre a divisão de classes e a divisão de linguagens. Os jovens de condição social superior são, aliás, particularmente críticos à “pobreza linguística” manifestada por jovens desapossados de capital cultural. (...) A tonalidade da voz, a pronúncia, a própria nasalação da voz, o léxico e mesmo a gramática expressam conotações e diferenciações sociais.” (Pais, 2003, p.125)

Para além destes aspectos diferenciadores (onde o autor incluiu também a ética de consumo) que justificam a identificação de várias culturas juvenis de acordo com o seu estatuto de classe, há logicamente aspectos uniformizadores da juventude, principalmente, os que dizem respeito a hábitos, consumos e gostos culturais. A música, afirma *“poderia ser considerada um signo juvenil geracional”*, assim como a ocupação de tempos livres em geral. Sobre a matriz classista ou geracional desta cultura jovem, adianta o sociólogo:

“Estes signos juvenis” (expressão musical, o consumo de droga ou a importância dada à convivialidade) “endogeracionais legitimam a consideração da juventude como um “todo”, ou melhor, legitimam que ela possa ser olhada numa perspectiva de horizontalidade, tornando questionáveis algumas análises da sociologia das classes ou da estratificação que persistem em olhar a juventude apenas, e só apenas, numa perspectiva de verticalidade, de divisões segmentadas de cultura, de relações diferenciadas de poder e de classe. Não quer isto dizer, de algum modo, que se devam abandonar os critérios, instrumentos de tese e recursos de argumentação próprios da sociologia da estratificação e das classes. Mas ao dizer-se que não se devem abandonar tais critérios ou instrumentos de análise também não se quer dizer que devam ser tomados como absolutos ou exclusivos.” (Pais, 2003, p.157)

Com estes aspectos de homogeneização e diferenciação, José Machado Pais identifica uma *Cultura juvenil* no conjunto das culturas juvenis. Na mesma linha de preocupações, o sociólogo João Teixeira Lopes, atrás citado, reflecte sobre a identidade juvenil, relativizando a sua existência como um todo coerente e homogéneo e privilegiando a matriz social e classista:

“Em suma, não se trata, como uma leitura apressada poderia sugerir, de negar a existência da juventude como objecto sociológico. Trata-se, pelo contrário, de a construir como tal, assumindo plenamente as consequências de a juventude ser, antes de mais, uma condição social. (...) São ainda legítimas as perguntas: A juventude existe? A sociologia da juventude fará algum sentido? A resposta é afirmativa, mas sob a perspectiva de considerar os jovens como agentes sociais, gozando das competências e sofrendo os constrangimentos que qualquer agente sofre (e por isso, usufruindo da possibilidade de afirmação social).” (Lopes, 1997, p.50)

O seu estudo incidiu sobre 4 escolas do ensino secundário da cidade do Porto e as conclusões apontam para um espaço escolar *cinzento* (daí o título *Tristes escolas*) que constrange os alunos, que são obrigados a procurar fora da escola o seu espaço:

“Não acreditamos que a escola exercite o poder que lhe foi outorgado no sentido de formação de gramáticas de percepção, recepção e reconstrução o corpus informativo das sociedades contemporâneas. Por terem essa consciência, os alunos procuram algures (em casa por exemplo!, ou nos grupos de amigos) o que não conseguem encontrar na cola. E desta forma, porque as “casas” são diferentes, porque os grupos de amigos são marcadamente endoclassistas, uns continuam a encontrar a sua vida facilitada, outros deparam com uma série de barreiras dificilmente transponíveis” (idem, p.181)

Negando à escola de hoje a capacidade de incorporar nos jovens um capital específico de saberes, essa mesma estrutura provoca-lhes, simultaneamente, um efeito de fuga, que os atira para os grupos de amigos; esta visão da escola e do ensino excessivamente centrada nos efeitos nos alunos e incapaz de equacionar as

problemáticas complexas que envolvem a ineficácia do actual sistema de ensino, encontra dificilmente eco em quem vive no interior do sistema escolar. A discussão deve equacionar políticas educativas, currículos, situação profissional dos agentes do ensino, níveis globais de (i)literacia e (in)eficácia escolar, etc. O pendor diabolizante da escola como “instância de reprodução social” e o efeito de fuga *romantizada* do aluno ao sistema, corresponde a uma ideia redutora da relação escola/aluno e pouco contribui para compreender a “tipicidade juvenil” que João Teixeira Lopes reconhece existir. Essa tipicidade, baseada em práticas generalizadas de comportamentos, é comum a alunos integrados e desintegrados no sistema, é unissexual e dificilmente pode ter, como alvo culpabilizador, o atavismo e *cinzentismo* escolares tão privilegiados na análise deste sociólogo.

Menos ideológica e mais analítica é a perspectiva de um trabalho, publicado um ano antes, por Fernando Pereira Marques e baseado num estudo comparativo de indicadores culturais no espaço europeu. São analisados dados concretos da participação e práticas de consumo cultural e as políticas educativas do Estado, ao longo das últimas décadas, com especial atenção para os casos português, francês e sueco. Trata-se, assim, de um estudo com um alcance mais lato do que o anterior, no período de análise e no objecto de estudo. A “cultura jovem” é definida como uma “cultura identitária”, juntamente com a “cultura popular” e as “culturas étnicas” e, reconhecendo-lhe alguma heterogeneidade, o autor afirma, no entanto, ser:

“... possível caracterizar atitudes e comportamentos uniformizadores que lhes são próprios, assim como práticas culturais específicas em vários domínios: no da música, onde se poderão destacar aqueles encontros de carácter lúdico-liúrgico que os reúnem aos milhares perante os conjuntos ou intérpretes preferidos; no da convivialidade em circunstância se locais bem definidos, como serão, por exemplo, as discotecas; no das formas de relacionamento com os media, o cinema ou a leitura.” (Marques, 1996, p. 54)

Uma das características dos estudos abrangentes é permitirem visões mais panorâmicas e integradoras do tecido social, evitando-se alguns *pessimismos locais*; por exemplo, apoiando-se nos dados de Luísa Schmidt, no estudo *A procura e oferta cultural e os jovens*, o mesmo autor escreve, citando-a: “Os jovens são os maiores

telespectadores, os maiores radio-ouvintes, os maiores espectadores de cinema e os maiores leitores de jornais e revistas.” Adiantando que: “Conclusão que será de molde a permitir relativizar a supremacia do audiovisual e, sobretudo, recusar uma atitude de diabolização desse facto.” (Op. Cit., p.55)

Com *nuances* e objectos de estudo diferentes, estes trabalhos acabam por concordar numa cultura ou tipicidade ou especificidade próprias dos jovens, baseadas num tipo de socialização entre pares e mais afastada dos processos tradicionais assentes na família, na escola ou na comunidade. Como este tipo de cultura juvenil está intimamente ligada com o consumo e a satisfação da necessidade de lazer e é poderosamente comandada pelos *mass media*, é inevitável admitir uma interdependência entre cultura juvenil e cultura de massas. A este propósito, José Pais Machado afirma:

“Embora a interdependência entre cultura juvenil e cultura de massas seja genericamente aceite, o pólo de causalidade dessa interdependência tem-se mantido sob questionamento. Enquanto para Edgar Morin, por exemplo, a cultura de massas forjou ídolos, heróis, modelos e panóplias à cultura juvenil, para Edward Shills, ao contrário, a unificação da juventude pela cartilha de normas comuns que tenderiam a abolir distinções de classe teria dado um tom particular à cultura de massas que acabaria por importar uma série de valores próprios da cultura juvenil.”
(Pais, 2003, pp.110-111)

Das citações anteriores, recuperaremos 3 ideias: 1) a de Luísa Schimdt, quando conclui que os jovens são os maiores consumidores dos meios de comunicação; 2) a de Edgar Morin, quando refere os contributos da cultura de massas na cultura juvenil e 3) a Edward Shills, ao inverter estes contributos e considerar que a cultura de massas foi receptora de valores próprios da cultura dos jovens.

1.3.1. Cultura Juvenil versus Cultura de Massas

Estas reflexões permitem avançar na discussão sobre o carácter geracional ou classista da cultura juvenil e enquadrá-la num conceito mais lato de valores próprios da

cultura de massas. As opiniões de Edgar Morin e Edward Shills acentuam a interdependência entre estes dois tipos de cultura, quer seja a cultura dos jovens a absorver as características da cultura globalizada, quer seja esta última a ser influenciada pela primeira (juvenil). Esta interdependência faz todo o sentido pelas características que ambas evidenciam: são culturas que se caracterizam em produções veiculadas em larga escala pelos meios de comunicação, são constituídas por um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo na sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções, têm como manifestação principal o espectáculo e dominam as actividades de lazer e consumo. Os estudos (mais do que opiniões) de Luísa Schimdt corroboram esta ligação, qualquer que seja o determinismo de uma sobre a outra.

Também o trabalho de inquérito desta investigação vai ao encontro da homogeneidade de preferências culturais e de lazer entre os jovens e da sua conformidade com a indústria cultural de massas, que se baseia naquilo que Edgar Morin define como o gosto dominante do “homem comum universal”. Trata-se, assim, de uma produção que se dirige a todos e a ninguém, transversal em idades, sexos, classes e até países, indo ao encontro de um denominador comum no grande público mundial.

A ênfase dada ao espectáculo, ao consumo, ao lazer, aos conceitos de *novo*, *bonito*, *activo*, *actual* e o recurso à linguagem audiovisual, acentuam a tónica juvenil desta cultura massificada que tem na juventude o seu “homem médio”. Convocando Edgar Morin, *“Esta mitologia faz triunfar os temas da juventude, da beleza, da sedução, penhores do amor. Graças aos cosméticos, à roupa e ao penteado é possível tornar-se ou continuar jovem, belo, sedutor.”* (Morin, 1984, p.296)

Para além deste carácter juvenil da cultura de massas, o acesso a bens culturais democratiza-se, nivelando classes e criando padrões comuns de consumo cultural; o alargamento progressivo da escolaridade, a elevação do nível de vida das populações criam condições objectivas para esta nova realidade, principalmente no mundo ocidental e no pós-guerra europeu da segunda metade do Século XX. Fixando-se neste período, o mesmo sociólogo francês afirma:

“Progressivamente, a cultura de massa estende-se a camadas sociais cada vez mais amplas e tende a alargar o seu público a toda a sociedade; paralelamente, primeiro nos Estados Unidos e depois na Europa ocidental,

a elevação do nível de vida das massas populares fá-las aceder aos primeiros estádios da individualidade burguesa ao mesmo tempo que acedem ao lazer, ou seja, à possibilidade de desenvolver uma vida privada. (...) Assim, a cultura de massa realiza os modelos de evasão e os modelos de realização da civilização burguesa na sua fase ascensional. A partir daí, esta cultura desempenha um papel funcional, integrador, no seio das sociedades ocidentais.” (Op. Cit. p. 296)³²

Nem todos comungam da *beatitude* deste papel integrador e democratizador da cultura de massas e preferem analisá-la do ponto de vista dos efeitos perversos que provoca, a alienação e estupidificação que criam no público receptor, considerando-a globalmente como uma ameaça contra os verdadeiros valores artísticos e culturais. Edgar Morin dá conta deste debate no seio da *intelligentsia*:

“Enfim, a intelligentsia sente-se ameaçada no seu privilégio cultural. Assim, todos os problemas são desviados para a mass-culture. Radicais, marxizantes, pós-marxistas, liberais, conservadores tendem a ver na cultura de massa uma pseudocultura, kitsch, fancaria. Uns adoptam o desprezo altivo da “classe requintada” pela barbárie, a vulgaridade plebeia, a mercadoria em série e de grande consumo; os outros vêem na cultura de massa o instrumento fundamental da subjugação, da alienação, manipulação do povo americano. Mas, pelo contrário, uma ala liberal, por vezes pós-marxista, vê na difusão da cultura de massa o início de um vasto processo de democratização da cultura.” (Op.Cit., p.293)

Entre estes últimos está, certamente, o escritor italiano Umberto Eco, já citado, estudioso dos fenómenos de comunicação de massas nos anos 70 e 80, que analisa, no livro *Apocalípticos e integrados*, os críticos e os apologistas deste padrão massificado de cultura. Os apocalípticos são então os que defendem a cultura erudita que se destina a

³² O autor usa a expressão no singular – cultura de massa – justificando que: “Em França, a palavra “massa” evoca primeiro a massa, termo de conversação que engloba ao mesmo tempo o conjunto e a média da população, e depois evoca as massas, termo o vocabulário político revolucionário que adquiriu os favores nostálgicos e ardentes de uma parte da intelligentsia. Entendamos cultura de massa como uma cultura produzida em função da sua difusão massiva e que tende a dirigir-se a uma massa humana, ou seja, a um aglomerado de indivíduos considerados fora sua pertença profissional ou social” (idem, p.294-295) Usamos a expressão no plural – cultura de massas – de acordo com o espaço já conquistado pelo conceito no seu uso comum e também pela comunidade académica.

um público preparado para a receber; os integrados são os que consomem a cultura indistintamente e de uma forma digerida. Furtando-se a uma posição a favor de uns ou outros, Eco oferece uma análise livre de preconceitos, apresentando características de ambas as visões, mas não deixando de chamar a atenção para a raiz aristocrática dos críticos da cultura de massas, como nostalgia de uma época em que os valores da cultura eram privilégios de uma classe, mas que agora se difundiram junto a sectores sem acesso a bens culturais; sugere ainda alternativas para o que chama de utilização valorativa dos meios de comunicação de massa, o que permitirá chegar a *pérolas culturais* através dos canais dos *media*.

“O erro dos apocalípticos-aristocráticos é pensar que a cultura de massa seja radicalmente má, justamente por ser um facto industrial, e que hoje se possa ministrar uma cultura subtraída ao condicionamento industrial.

A falha está em formular o problema nestes termos: ‘é bom ou mau que exista a cultura de massa?’ (mesmo porque a pergunta subentende a desconfiança reaccionária na ascensão das massas, e pretende pôr em divida a validade do processo tecnológico, do sufrágio universal, da educação estendida às classes subalternas, etc)

Quando, na verdade, o problema é: ‘do momento em que situação de uma sociedade industrial torna ineliminável aquele tipo de relação comunicativa conhecido como conjunto dos meios de massa, qual é a acção cultural possível a fim de permitir que esses meios de massa possam vincular valores culturais?’ ” (Eco, 1979, p. 49-50)

Apesar de datada, esta discussão não perdeu a actualidade e pode encontrar ainda eco noutras discussões *localizadas* como o estatuto cultural ou anticultural da Banda Desenhada; também aqui houve “apocalípticos” e “integrados”, mas o desfecho foi diferente: um típico produto da cultura de massas transformou-se num objecto assimilado pelas elites culturais, contrariando o processo típico da cultura massificada que assimila e digere os bens da alta cultura. A história da literatura fornece, a este título, exemplos que permitem esbater fronteiras entre hierarquias literárias, ao incluir

no padrão dos clássicos literários obras que foram consideradas sublitterárias na época em que foram escritas³³.

O contributo desta discussão para o tema central desta investigação em torno das práticas de leitura dos jovens tem toda a pertinência, uma vez que, tal como Umberto Eco, não se pretende tomar uma posição *pro* ou *contra*, integrando as fileiras dos “apocalípticos” ou integrados” que são sempre reducionistas dos fenómenos, mas compreender a sua ocorrência e analisá-los. Não se trata de defender incondicionalmente a cultura de massas, mas apenas de entender que a distinção entre alta e baixa cultura é uma página virada, que não deixa lugar nem para apocalípticos, nem para integrados. Os novos consumos culturais decorrentes da cultura de massas, têm de ser entendidos como um alargamento da área cultural, que corresponde a novos paradigmas sociais e de leitura. Julgá-los, estigmatiza. Analisá-los, alarga a compreensão.

Se o leitor médio, onde se inclui o leitor juvenil, se projecta nos produtos leiturais de consumo, é porque há processos de identificação com o universo imaginário que adquire vida para leitor e nada pode contrariar esta identificação-projecção.

1.4. A Leitura de ecrã

O lado compreensivo que Eco e Morin, nos anos 70 e 80, fizeram da cultura de massas como alargamento e democratização culturais tem de ser hoje aplicado a novas realidades: os novos suportes e formas de comunicação que as duas últimas décadas trouxeram ao fenómeno cultural. Os novos ambientes electrónicos possibilitaram a generalização dos telemóveis, agora com registo fotográfico, o registo filmico, a ligação

³³ Vitor de Aguiar e Silva, na *Teoria da Literatura*, afirma a este propósito: “Há, com efeito, elementos textuais considerados num período histórico como extraliterários – e até antiliterários – e que noutro período histórico podem vir a ser considerados como elementos textuais literários. Assim, por exemplo, o classicismo francês excluía dos textos literários temas de origem e natureza folclórica e elementos lexicais de cunho realista ou próprios do comportamento linguístico de estratos sociais inferiores. Posteriormente, o pré-romantismo e o romantismo conferiram àqueles temas estatuto literário e o realismo e neo-realismo converteram em relevante factor textual literário aquele léxico postergado pelo código do classicismo francês. Estas transformações, próprias de um sistema aberto como o sistema literário, no qual ocorre um constante e complexo fluxo de entradas saídas em relação à esfera da não-literatura, são originadas por alterações do sistema de normas aceite pela comunidade literária – escritores, leitores, críticos, teorizadores, professores, etc – sob a acção de mudanças operadas historicamente nas estruturas sociais e culturais, e representam um alargamento do conceito de literatura, mas não propriamente a emergência de uma conceituação radicalmente nova de literatura.” (pp. 36-37)

online wireless, a escrita em computador, as consolas de jogos electrónicos, o DVD, o multimédia, o *online* e o ciberespaço em geral. A presença destas novas tecnologias da informação e da comunicação vai moldar uma nova cultura; pouco adianta vociferar-se por se fazerem *downloads* de filmes e músicas, em vez de se comprarem CD's e DVD's, ou de se lerem notícias no ecrã em vez do papel impresso. Os novos consumos estão aí, a tecnologia aperfeiçoa-se para os massificar e eles correspondem às necessidades dos consumidores.

Se dificilmente os podemos combater, devemos saber integrar os produtos culturais de qualidade nos novos contextos de comunicação.

A nível da leitura e escrita, configuram-se novas formas de ler e escrever, o que afecta todos os utilizadores de ambientes electrónicos e não só os jovens. A leitura de ecrã não é linear como no suporte impresso, permitindo saltos de leitura e pesquisa que encontram no verbo *navegar* a sua expressão mais fiel; este carácter dispersivo da *navegação* desenvolve outros tipos de leitura que raramente são a da leitura integral e de concentração; varridelas verticais e diagonais dos olhos pelo ecrã, juntamente com o nervosismo do dedo no *enter* e no *rato* vão criando automatismos de comportamentos que afastam logicamente o leitor do ambiente e atitude de recolhimento perante a página impressa. Claro que a leitura de ecrã é sempre uma prática cumulativa com outras formas de leitura, dependendo da estratégia e necessidade de informação do leitor-utilizador, mas nota-se, essencialmente nas camadas mais jovens, uma transferência de comportamentos de ecrã para os livros, que se evidencia nas dificuldades que manifestam em concentrarem-se, em lerem integralmente um texto de extensão média ou longa e em consumirem tempo de leitura. A entidade 'tempo' adquire novas percepções, que nada têm a ver com a "falta de tempo para ler ou escrever", mas com a dificuldade intrínseca do sujeito em ter/assumir tempo de solidão com a página, sem a mediação de um *media* interactivo.

No ecrã, o texto é efectivamente mais animado: tem imagem, tem som, tem movimento, tem cruzamentos rápidos de informação que aparecem perante os olhos do receptor e lhe permitem, em sequência, reutilizar esses elementos, transformando-o num compilador-autor. É este conjunto de condições que molda o leitor de hoje e sobre o qual se pode construir um discurso de euforia/festa ou de pessimismo. Os "integrados" e os "apocalípticos" de que falava Umberto Eco.

Roger Chartier, citado por Anne-Marie Chartier (2002, p. 199), sintetiza aquilo que caracteriza como uma revolução operada no livro e na leitura com a Internet:

“La originalidad – y tal vez lo inquietante – de nuestro presente reside en que las diferentes revoluciones de la cultura escrita que, en el pasado, habían estado dispersas, se despliegan hoy en forma simultánea. En efecto, la revolución del texto electrónico e al mismo tiempo una revolución de la técnica de producción y de reproducción de textos, una revolución del soporte de lo escrito y una revolución de las prácticas de lectura.”³⁴

Uma revolução simultânea de produção, reprodução, suporte de escrita e práticas de leitura tem que representar um novo paradigma de leitura e escrita, que está acima de posições de adesão ou recusa. É o que faz Anne-Marie Chartier na sua reflexão sobre as transformações da leitura no virar do século, onde analisa as grandezas e as fragilidades do hipertexto. Assim, reconhece a existência de um gigantesco *corpus* de informação, uma “hiperbase” gerada pelo hipertexto, disponível a *“todo el que quiera formarse una biblioteca personal, por placer o por necesidad, y sepa hacer un clic con el ratón”* e uma vez constituída essa biblioteca pessoal, *“puede ponerla a disposición de otros lectores: su biblioteca digital formará parte de los sitios que los buscadores propondrán a los aficionados.”* conclui, mais à frente, que *“Así, el hipertexto abre el camino para más inteligencia colectiva, a través de redes no jerarquizadas, informales, productores de sociabilidad y de inventiva cultural. El vínculo informático pasa a ser una metáfora del vínculo social.”*

Apesar destes reconhecimentos, a mesma autora francesa desconfia deste *cibernauta feliz* que *“explora sin saber qué bus y espera a ver qué encuentra”* (Chartier, 2002, pp. 171, 175, 201), centrando-se nas fragilidades dos saberes deste *navegador do espaço*.

³⁴ Roger Chartier, *La mort du lecteur?*, em *Où va le livre?* Compilado por Jean Yves Mollier, Paris, La dispute, 2000 – citado por CHARTIER, Anne-Marie ; HÉBRARD, Jean – *La lectura de un siglo a otro: discursos sobre la lectura* (1980-2000). Barcelona: Editorial Gedisa, 2002. (LEA)

1.4.1. Informação e Saber

A distinção entre informação e saber/conhecimento é a pedra de toque que permite clarificar os mecanismos de produção, composição e recepção em ambiente hipertextual. Quando em 1989, Tim Berners-Lee cria o programa WWW (*World Wide Web*), estava a dar corpo a uma ideia, já com décadas, de criar vínculos entre todos os documentos que materializam o saber humano mediante associações analógicas como as que existem no cérebro humano, criando uma grande biblioteca *online*. As informações conectadas em redes foram criadas, mas mais importante do que a engenharia técnica e financeira deste empreendimento, são os vínculos constituídos na memória do utilizador da informação ao integrar esses dados e ao relacioná-los com os seus próprios referentes. É neste processo de integração e assimilação que os dados e informações se transformam em saber e conhecimento, o que tem de ser sempre tarefa interna do sujeito receptor. Elaborar esses vínculos externos consiste em reorganizá-los em função do universo de referência do leitor, que pode ser uma tarefa rápida com textos fáceis e que trazem informação nova, ou uma tarefa lenta com textos mais longos e difíceis que obrigam o leitor a reorganizar a sua maneira de ver e pensar. A máquina limita-se a elaborar uma cadeia de palavras conectadas, mas o leitor deve conservar na sua memória o sentido dessas relações, estruturando-as em hierarquias de particular/geral, causa/efeito, exemplo/contra-exemplo, meios/fins. Entramos no domínio das operações abstractas, da estruturação mental, da paciência e do tempo de reflexão. É aqui que surge o vazio que faz com que a informação tão rica e diversificada ao serviço de todos não seja de facto potenciada, porque informação não é sinónimo de saber e conhecimento. Daí que entre o *zapping televisivo* e a *navegação na Net* haja muitas semelhanças:

“El control remoto ha permitido al telespectador cambiar instantaneamente de canal, pasar de una película a un debate, de un juego a un noticiario televisivo, de una publicidad a un folletín, y así sucesivamente, en una vertiginosa sucesión de imágenes y episodios. Esse tipo de práctica engendra dentro del desorden nuevos espectáculos individuales compuestos de fragmentos no homogéneos juxtapuestos. Cada telespectador es el autor único de sus espectáculos, que no se integran en una cultura audiovisual

*orgánica y coherente: son a la vez actos de dependência y actos de rechazo y, en ambos casos, la consecuencia de una total desculturización y de una creación cultural original (...). Esta práctica mediática cada vez más difundida es exactamente lo contrario de la lectura entendida en su sentido tradicional.*³⁵

Assim, se o vínculo informático é, como já foi citado, uma metáfora do vínculo social, mais dificilmente constitui um vínculo do saber. Vem a propósito do desenvolvimento deste tópico reproduzir um episódio narrado por George Landow³⁶, no seu estudo sobre o Hipertexto (1995, p. 219). Em tom graciosamente narrativo, lê-se:

“Son las ocho de la noche; tras haber ayudado a acostar a los niños, la profesora Jones se acomoda en su sillón favorito y coge su ejemplar de Lost Paradise de Milton para preparar la clase del día siguiente. Como se ha especializado en poesía de la época de Milton, se acerca a los poemas como quien se encuentra con un viejo amigo. Leyendo las primeras páginas del poema, una vez más, encuentra alusiones al Antiguo Testamento; como conoce la actitud con que los cristianos del siglo XVII solían leer estos pasajes, percibe conexiones entre un pasaje del Génesis y sus radicales transformaciones cristianas. Como además está muy familiarizada con Milton, recuerda posteriores pasajes de Lost Paradise que se refieren a ése y a otros pasajes dados de la Biblia. Al mismo tiempo, se da cuenta de que las primeras líneas del poema rinden homenaje a Homero, Virgilio y Spencer a la vez que los desafían.

Mientras tanto, John H. Smith, uno de los alumnos más concienzudos del curso general de literatura inglesa de la profesora Jones, empieza a prepararse para la clase. ¿Con qué tipo de poema, de texto se encuentra él? Mientras que la profesora experimenta la gran épica del siglo XVII dentro de un campo de relaciones y asociaciones, su alumno se encuentra con un

³⁵ Armando Petrucci, *Lire pour lire: un avenir pour la lecture*, en *Histoire de la lecture dans le monde occidental* (1995), compil. Por Guglielmo Cavallo y Roger Chartier, Paris, Le Seuil, 1997, p. 419 – citado por Anne-Marie Chartier (2002, p.176)

³⁶ Professor de Língua Inglesa e História de Arte na Universidade de Brown nos Estados Unidos, onde, desde 1985 vem colaborando num sistema hipertextual de ensino no Institute for Research in Information and Scholarship da mesma universidade.

poema mucho más reducido, desconectado y escueto, cuyas alusiones le pasan desapercibidas en su mayoría y en cuyos retos tampoco repara. Como es un estudiante excepcionalmente maduro, se detiene en su lectura para comprobar en las notas el significado de palabras o alusiones desconocidas a pesar de que solo en contadas ocasiones encuentra una explicación. Imaginemos que, de algún modo, el estudiante pudiera percibir algunas de las conexiones obvias para la profesora. Imaginemos que, al tocar las primeras líneas del poema, apareciesen los pasajes relevantes de Homero, Virgilio o de la Biblia. O que, al tocar otra línea, encontrara instantaneamente una lista de todas las referencias a una misma idea o imagen en todo el poema, o en cualquiera de las obras de Milton; o, para el caso, interpretaciones y críticas que se han hecho desde la primera publicación de la obra, y que pudiera invocar cualquiera o todas ellas.”

Esta narrativa serviu para o autor concluir que o hipertexto permitiu ao aluno fazer “*todas esas cosas*”, constituindo, assim, um instrumento precioso a nível do ensino, ao nivelar os saberes do professor e do aluno. Paradoxalmente, este relato pode sugerir uma reflexão diferente: mesmo com o auxílio da *Net*, o aluno nunca conseguiria estruturar o seu conhecimento sobre o poema de Milton através de informações recolhidas diligentemente numa noite, como a professora Jones o conseguiu ao longo de vários anos de leituras e experiência de ensino; o processo de recolha de conexões da professora foi cerebral, enquanto o do aluno foi através de *links* que se activaram no ecrã sobre o poema; uma última e incontornável diferença: hoje em dia, talvez não sejam muitos os alunos “concienzudos” e que acompanham processos de transmissão de conteúdos do professor com trabalho prévio de levantamento, o que torna os processos de assimilação dos conhecimentos, na escola, mais inconsistentes.

No entanto, sublinhando a ideia de George Landow, o Hipertexto é uma ferramenta preciosa de aprendizagem e, combinada com outros recursos, cria instrumentos únicos de formação e ensino. Por isso hoje o panorama de rendimento escolar dos alunos está tão extremado entre os alunos que tiram partido dos recursos e têm uma *performance* como mais nenhuma geração o conseguiu e a grande maioria que exhibe um nível baixo.

1.4.2. A erosão do Autor

A liberdade do cibernauta em aceder a textos, misturá-los e reescrevê-los recuperou a temática da intertextualidade literária e a secundarização do autor, reflectidas há três décadas atrás em autores como Barthes, Derrida e Foucault. George Landow, aplicando a teoria da crítica literária ao estudo do impacto do hipertexto, desenvolve esta reflexão:

“Hoy en día, cuando consideramos la lectura y la escritura, seguramente las concebimos como procesos en série o procedimientos realizados de forma intermitente por una misma persona: primero se lee, luego se escribe y se vuelve a leer. El hipertexto, que crea um lector activo y hasta entrometido, contribuye a la consimación de esta convergencia entre ambas actividades; però, al hacerlo, invade las prerrogativas del escritor, quintándole algunas para otorgárselas al lector.” (Landow, 1995, p.95)

Esta extrema facilidade de conexão de hipertexto suprime o isolamento físico do texto individual característico da tecnologia de imprensa e a própria noção de autor. Dela podem derivar vários glossários semânticos como: por um lado, as noções de *erosão*, *perda*, *desaparecimento* ou mesmo *morte* do autor, próprias de correntes estruturalistas e pós-estruturalistas que destacam a intertextualidade sempre presente na literatura; por outro lado, noções com uma semântica diferente que realçam a *liberdade*, a *energia* e o *poder* que caracterizam a escrita e leitura de hipertexto. De cambiante diferente, uma outra leitura é igualmente legítima: a hipertextualidade como geradora de *plágios*, *apropriações abusivas* e *desonestidade intelectual*. Todas estas leituras são possíveis e dependem de sensibilidades diferentes sobre o mesmo problema e de diferentes construções de discurso. Inevitavelmente que, para quem se situa no interior do tecido escolar, principalmente o não universitário, quer como professor quer como documentalista, não pode deixar de reconhecer que há um conjunto de práticas ligeiras e abusivas por parte dos alunos na utilização de material da *Net* e que pouco contribuem para a sua construção de saberes³⁷. Julgamos que a consciência ética sobre a autoria tem de preceder o diálogo de alguém com os *textos dos outros*.

³⁷ O caso referido na nota 28 é típico destes comportamentos.

A noção de leitor activo (sempre, mas principalmente a nível do aluno do ensino básico e secundário) tem de ser compatibilizada com as fontes de autor/recurso, de forma que o jovem se habitue a usar, reescrever e recriar informação, reconhecendo as fontes. Sem esse reconhecimento, o aluno tende a exhibir uma sobreposição de textos sem “aspas” que desvirtuam qualquer trabalho de pesquisa e o professor, desacreditando nas investigações dos alunos, fixa-se em formas de avaliação de conhecimentos mais tradicionais. A solução não deve passar por aí, mas por uma pedagogia do trabalho de investigação e das estratégias de leitura.

1.4.3. Fala-Leitura

Articulada com a ideia do desenraizamento do autor no espaço virtual (Foucault falava, noutro contexto, em *Virtualidade Discursiva*³⁸), está o conceito de leitor-produtor de escritos. O imperativo da comunicação em ambiente electrónico e a facilidade em aceder e utilizar a informação disponível no espaço da *Net* contribuíram efectivamente para um desbloqueamento da palavra e para a sua utilização e reutilização. Julgamos que esta situação não é linear, apesar de poder alimentar um discurso. Uma coisa é o desbloqueio da língua para efeitos de comunicação, outra a suposição de se estar perante um fenómeno novo sobre a condição do leitor como produtor.

Nos exemplos atrás apresentados de registos de alunos da ESDS no Fórum podiam observar-se formas mais disciplinadas de escrita quando o assunto versava os livros e formas mais livres de utilização do idioma, quando opinavam sobre música. A situação de os alunos não estarem sob avaliação e o próprio assunto em si foram determinantes para que, ao comentarem canções, intérpretes e eventos musicais, usassem mais termos coloquiais e de gíria juvenil, esquecessem a pontuação, acentos e ortografia, apresentassem alternativas gráficas de grafemas e introduzissem representações/signos iconográficas no decorrer do discurso. Esta mistura de linguagem audiovisual, oralidade e escrita é certamente um modismo juvenil e um traço da cibercultura, e que afecta, essencialmente, os registos escritos em situação de comunicação entre pares, como mensagens em telemóveis, conversas/registos *online*.

³⁸FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Lisboa, Vega, 1992, pp. 129-160

No entanto, esta situação não deve deixar indiferente a escola, principalmente porque não eleva o idioma e o torna mais indisciplinado e pobre.

2. Palavras finais

“En um mundo en el cual el hecho de leer-escribir corresponde a una urgente necesidad y una imperiosa obligación, en la que se redefine como se comarten los poderes y exclusiones vinculadas al texto escrito, todavía no sabemos qué tipo de cultura sin duda, plural) podrá venir. Después de todo, los monjes que eram malos latinistas fueron los que hicieron posible la lectura que practicamos, y la novela, género denigrado entre los demás, se há convertido en la base de las lecturas escolares de formación. Por lo tanto, no siempre lo peor es seguro. A partir de la incultura de una época puede surgir la cultura de outra.”

Convoco as palavras de Anne-Marie Chartier, usadas no parágrafo final do livro que temos vindo a citar, para sossegar alguma tendência *apocalíptica* que recusa ver alguma luz no fundo do túnel, porque os novos paradigmas fazem-se sempre de processos complexos e a cultura que agora se desenha irá forjar as pontes entre o galáxia de Gutenberg e o universo de Mcluhan.

Capítulo IV
CONCLUSÕES

CONCLUSÕES

Recuperando o tema e o problema enunciados no primeiro parágrafo da introdução deste trabalho, urge, agora, articular as diferentes conclusões apresentadas parcelarmente no final de cada abordagem, para construir uma interpretação do problemática em estudo que feche, assim, o círculo de investigação.

Começaram por ser exploradas marcas de leitura deixadas pelos jovens no espaço da biblioteca escolar e concluiu-se que elas apresentam, relativamente aos dias de hoje, traços de homogeneização e diferenciação: são, por um lado, leituras condicionadas ao constrangimento do currículo e da gestão desse mesmo espaço; por outro, apresentam, nas últimas décadas, aspectos singulares que originam hoje um novo tipo de leitor jovem. Por alguma razão Anne-Marie Chartier centra o seu estudo, publicado inicialmente em França em 2000 (Chartier, 2002), nas duas últimas décadas do Século XX, quando aparecem novas formas de iliteracia e novas formas de ler e escrever.

Para ir ao encontro dessas singularidades, foram feitas duas abordagens: uma de natureza quantitativa a uma amostra de jovens, outra qualitativa dirigida a testemunhos e registos de recepção de leitura de vários sujeitos. O levantamento efectuado deu conta de uma problemática complexa onde se cruzam valências sociológicas, psicológicas e geracionais.

Em termos gerais, as práticas de leitura, em espaço escolar, estão condicionadas pela sua instrumentalização ao serviço do currículo e, em ambiente não escolar, comungam de um espaço partilhado com outros consumos culturais e de lazer, mais residual e limitado nuns sujeitos, mais significativo e expressivo noutros, principalmente no que diz respeito a sujeitos femininos. Apesar desta diferenciação por géneros, as representações que globalmente parecem manifestar sobre o livro são positivas e não preconceituosas, reflectindo uma *aura* de algum *prestígio*, *idealização* e *romantismo* que a escola e sociedade em geral emprestam à temática da leitura. Salvaguardando a hipótese de alguma *sobredeclaração* nesta matéria, foram analisados alguns casos particulares de sujeitos leitores, cada um com características psicológicas e geracionais próprias, que relativizam categorizações definitivas de Pequeno, Médio e

Grande Leitor e introduzem *nuances* psicológicas de relevo na relação do jovem com o livro. O percurso individual de cada um, a socialização familiar com o livro, a acção do grupo de pares podem instituir em cada sujeito uma categoria de leitor que torna redutoras as classificações estanques, em sujeitos em construção. A atitude, como traço individual de valorização ou desvalorização de cada sujeito no seu universo de experiências, parece constituir a pedra de toque fulcral da sua relação com o livro.

Neste processo complexo de construção do leitor jovem, a escola, também ela com as suas fases e contradições, parece constituir uma peça fundamental desse edifício ao assumir-se como um agente condicionador dos hábitos, das práticas e também das atitudes. Acompanhando leituras obrigatórias. Propondo leituras extensivas. Sugerindo comportamentos e atitudes. Criando situações formais ou informais para se falar ou escrever sobre livros. A este propósito, a análise dos registos de leitura, em ambiente de fórum electrónico, constituiu uma oportunidade para se observarem tendências de recepção de leitura, onde foi possível detectar também uma *sobredeclaração* dos sujeitos sobre as respectivas *emoções* de leitura, mas que rasga caminhos para se exercitarem opiniões. Podendo não constituir recensões acabadas, estes registos reflectem, em termos gerais, um sujeito pensante sobre aquilo que leu e donde extraiu as ideias e mensagens que, para si, fazem sentido. De acordo com o seu referencial leitor e o seu horizonte de expectativas.

Estes aspectos de *background* cultural nem sempre são os ideais e os expectáveis por parte do universo do adulto, mas são os possíveis, no contexto actual, marcado pelas novas tecnologias e por formas culturais globalizantes e massificadas. Neste âmbito, foram abordadas, no último capítulo, as novas condições na produção, reprodução e acesso da informação e as novas práticas de leitura daí decorrentes. O jovem está no centro desta, por muitos considerada, revolução, conciliando culturas e paradigmas diferentes e nem sempre fáceis de articular. Cabe aos adultos e à escola filtrar e adequar estes dois universos estruturantes da formação do jovem de hoje, o universo da cultura escrita e o universo electrónico. O aprofundamento desta articulação pode constituir, igualmente, uma oportunidade de futura investigação académica que reflecta sobre as formas e os meios de a fazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Monografias
Publicações Periódicas
Documentos electrónicos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MONOGRAFIAS

ALEIXO, André; PINTO, Rui Pedro; CRUZ, Sofia Alexandra - *O lugar da leitura na oferta cultural concelhia: os casos de Mirandela e Guimarães*. Lisboa: IPLB: OAC, 1999. (Sobre a leitura; 3)

BELL, Judith – *Como realizar um projecto de investigação: um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação*. Lisboa: Gradiva, 1997. (Trajectos; 38)

BONHÔTE, F. [e tal.] – *Sociologia da literatura*. Lisboa: Estampa, 1980

BORGES, Maria Manuel – *De Alexandria a Xanadu*. Coimbra: Quarteto, 2002

BRADBURY, Ray – *Fahrenheit 451*. Lisboa: Livros do Brasil, 1999

CALVINO, Italo – *Se numa noite de Inverno um viajante*. 3ª ed. Lisboa: Vega, 1993

CHARENTREAU, Anne-Marie; LEMAÎTRE, Renée – *Drôles de bibliothèques...: le thème de la bibliothèque dans la littérature et le cinema*. Paris: Cercle de la Librairie, 1993

CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean – *La lectura de un siglo a otro: discursos sobre la lectura (1980-2000)*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2002. (LEA)

CHARTIER, Roger – *A ordem dos livros*. Lisboa: Veja, 1997

COELHO, Sandra; SILVA, Tânia Sousa e – *Mudam-se os tempos, mudam-se os hábitos: a prática leitoral dos jovens de Vila Nova de Famalicão*. Lisboa: IPLB: OAC, 2001. (Sobre a leitura; 3)

DIOGO, Américo António Lindeza – *Literatura infantil: história, teoria, interpretações*. Porto: Porto Editora, 1994. (Saberes do mundo; 9)

DIONÍSIO, Maria de Lourdes da Trindade – *A construção escolar de comunidades de leitores*. Coimbra: Almedina, 2000.

ECO, Umberto – *O super homem das massas*. Lisboa: Difel, 1990

ECO, Umberto – *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1979

FORTUNA, Carlos – *Leitura juvenil: hábitos e práticas no distrito de Coimbra*. Lisboa: IPLB: OAC, 1999. (Sobre a leitura; 1)

FREITAS, Eduardo de; SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos – *Hábitos de leitura em Portugal: inquérito sociológico*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

FREITAS, Eduardo de; CASANOVA, José Luís; ALVES, Nuno de Almeida – *Hábitos de leitura: um inquérito à população portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

FURTADO, José Afonso - *Os livros e as leituras: novas ecologias da informação*. Lisboa: Livros e Leituras, 2000

GIL, António Carlos – *Como elaborar projectos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002

HILL, Manuela Magalhães; HILL, Andrew – *Investigação por inquérito*. 1ª ed. Lisboa: Ed. Sílabo, 2000.

HOLUB, Robert C. – *Reception theory: a critical introduction*. New York: Routledge, 1984

LANDOW, George P. – *Hipertexto: la convergência de la oria crítica contemporânea y la tecnologia*. Barcelona : Ediciones Paidós, 1995. (Hipermedia; 2)

LEWIS, C.S. – *A experiência de ler*. [S.l.]: Elementos Sudoeste, 2000.

LODGE, David – *O Museu Britânico ainda vem abaixo*. Porto: Asa, 1999

LOPES, João Teixeira – *Tristes escolas: práticas culturais estudantis no espaço escolar urbano* – Porto: Afrontamento, 1996.

MAGALHÃES, Ana Maria; ALÇADA, Isabel – *Os jovens e a leitura: nas vésperas do século XXI*. Lisboa: Caminho, 1994

MARQUES, Fernando Pereira – *De que falamos quando falamos de cultura?* – Lisboa: Presença, 1995, (Pontos de referência; 3)

MORIN, Edgar – *Sociologia*. Mem Martins: Publicações Europa-América, cop. ed. franc. 1984

PAIS, José Machado – *Sociologia da vida quotidiana: teor, métodos e estudos de caso*. 2ª ed. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2002.

PEREIRA, Alexandre; POUPA, Carlos – *Como escrever uma tese, monografia ou livro científico usando o Word*. 3ª ed. Lisboa: Sílabo, 2004

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e – *Teoria da Literatura*. 4ª ed. Coimbra : Almedina , 1982

JAUSS, Hans Robert – *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1978 (Bibliothèques des idées)

JAUSS, Hans Robert – *A literatura como provocação*. 2ª ed. Lisboa: Vega, 2003. (Passagens; 11)

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

CASTRO, Rui Vieira; SOUSA Maria de Lourdes Dionísio – *Hábitos e atitudes de leitura dos estudantes portugueses*. *Fórum*. nº 20 (1996) pp. 111-132

PAIS, José Machado – *Levantamento bibliográfico de pesquisas sobre a juventude portuguesa tradições e mudanças (1985-1995)*. *Sociologia – problemas e práticas*. Lisboa. nº 21 (1996) pp.198-219

PAIS, José Machado – *Jovens e cidadania*. *Sociologia – problemas e práticas*. Lisboa. nº 49 (2005) pp.53-70

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos – *E a Cultura como vai?.... Portugal hoje*. Lisboa. pp.215-233

SOUCHIER, Emmanuel; JEANNERET, Yves – *Écriture numérique ou médias informatisés?*. *Pour la science*. Paris. Dossier Du signe à l'écriture, nº 33 (Jan. 2002) pp.100-105

DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS

DONNAT, Olivier; FREITAS, Eduardo de; FRANK, Guy – *Manuel de bonne pratique sur l'élaboration d'enquêtes sur les comportements de lecture*. [Em linha]. [S.L.]: Centre National du Livre de Grèce, Maio 2001 (consult. 20 Out. 2006)
Disponível em:
www.readingeurope.org/observatory.nsf

ANEXOS

ANEXO A

Caracterização da BE-CRE da ESDS

**Caracterização da
BIBLIOTECA ESCOLAR-CENTRO DE RECURSOS EDUCATIVOS
Escola Secundária de Domingos Sequeira**



A. População escolar 2005/06

B. Identificação e caracterização da unidade documental

- Resenha histórica
- Instalações
- Equipamentos
- Materiais e regras funcionais
- Recursos humanos
- Recursos financeiros

C. Fundo documental

- Avaliação quantitativa da colecção
- Avaliação qualitativa da colecção
- Fundo para empréstimo e consulta local

D. Cadeia documental

- Política de selecção e aquisições
- Tratamento técnicos dos documentos

E. Serviços

F. Promoção e animação da leitura

- Actividades de animação 2005/06
- Planificações de campanhas de animação

A - POPULAÇÃO ESCOLAR 2005/06

Universo potencial de utilizadores da BE-CRE 2005/06:

Ensino secundário diurno – 950

Ensino nocturno – 321

Professores – 130

Pessoal auxiliar e administrativo – 50

Distribuição dos alunos por curso			
	Tipo de curso	Alunos	Turmas
	CSPOPE (12º ano)	204	8
	CSPOVA (12º ano)	56	2
	CURSOS CIENTÍFICO HUMANÍSTICOS (10º /11º anos)	514	19
	CURSOS TECNOLÓGICOS (10º ano)	135	6
	SEUC – Básico (3º ciclo)	53	2
	ERUC – Secundário	208	7
	ERMC – (10º ano)	73	3
	ERMC – (11º ano)	11	1
	TOTAL	1254	48

B - IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DOCUMENTAL

RESENHA HISTÓRICA

Instituição desde 1888 – Nome desde 1979 – Edifício desde 1954

Numa escola centenária, muitos foram os nomes e lugares desta escola: tudo começou no ano de 1888, num anexo do Convento da Portela.

O actual nome da escola – E. Secundária de Domingos Sequeira – estabilizou em 1979, depois de ter passado por 5 designações. No entanto o nome do patrono desde sempre foi o elemento identificativo comum. (Nota curiosa: o pintor Domingos Sequeira nunca, que se saiba, teve qualquer ligação com a cidade ou zona).

A actual Biblioteca data de 1954 – ano da construção do edifício – mantém ainda hoje as características físicas de há 50 anos: situada no 1º piso do bloco central de 2 andares, em frente da Sala de Professores, com estanteria do chão ao tecto nas paredes da sala de leitura.

Apesar da sua estrutura clássica, a velha biblioteca de meio século soube adaptar-se às modernas funções dos Centros de Recursos escolares. Muitas foram as fases deste processo lento de transformação:

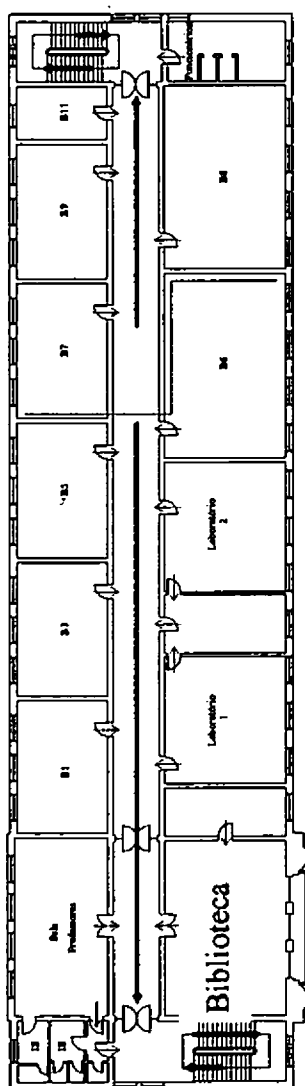
- Nos anos 60, um gabinete de trabalho anexo à biblioteca absorveu os recursos audiovisuais que eram novidade nas escolas da época; ainda hoje um letreiro à entrada – Gabinete de Audiovisuais - desse anexo lembra um período em que, juntamente com os livros da sala de leitura, coexistiam armários com slides e bobines de filmes.
- Nos finais dos anos 80, a pacata biblioteca de estantes fechadas à chave começa a sofrer várias alterações de equipamento: são criadas áreas mais apelativas de exposição de livros e visionamento de filmes em cassette, delimitadas por armários e expositores metálicos.

- ❑ Financiamentos da Fundação Calouste Gulbenkian e do Instituto de Inovação Educacional iam permitindo algum enriquecimento de fundos e equipamentos e vários projectos de animação da leitura e intervenção pedagógica durante a década de 90.
- ❑ A amálgama de recursos e actividades de animação manteve-se no mesmo espaço até 1997, ano da entrada da biblioteca na Rede de Bibliotecas Escolares por candidatura nacional e que permitiu o alargamento do espaço com a afectação de mais duas salas no piso superior da biblioteca. Deste essa altura, a velha biblioteca transformou-se em BE-CRE com salas: 2 contíguas no piso B para a biblioteca e anexo de trabalho e outras 2 também contíguas no piso C para os recursos audiovisuais e informáticos.
- ❑ Para além deste alargamento físico, a BE-CRE modernizou-se em fundos documentais e equipamentos, a partir de 2000, através de mais financiamentos em projectos: 2000 – Candidatura Concelhia da RBE; 2004/05 – Fundação Calouste Gulbenkian; 2005-07 – Candidatura de Mérito da RBE.
- ❑ Situação de exclusividade de horário em funções de coordenação na BE-CRE, concedida pela RBE à respectiva coordenadora no ano lectivo de 2006/07.

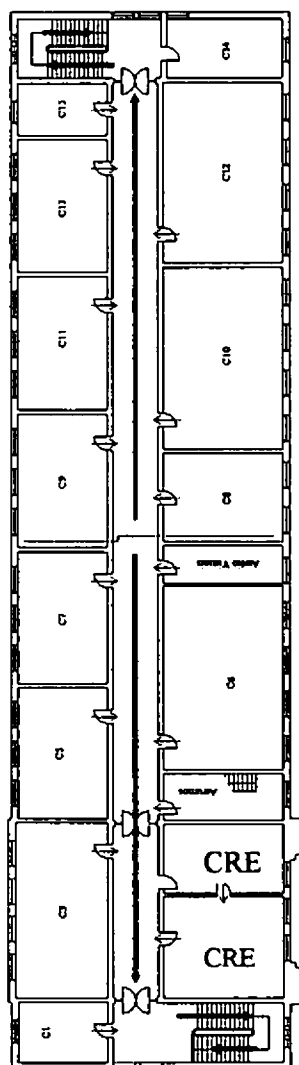
INSTALAÇÕES DA BE-CRE DA ESDS

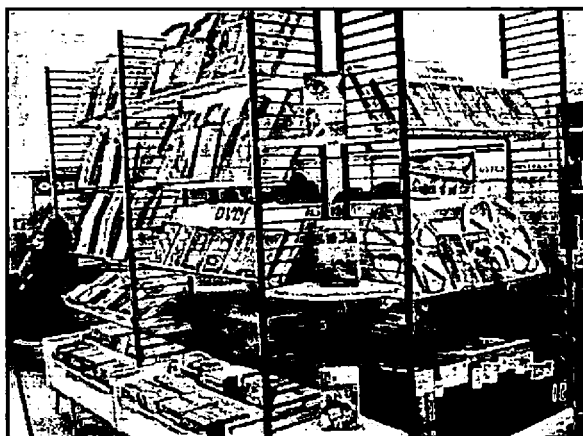
Planta dos 2 pisos com recursos documentais:

PISO B – Biblioteca



PISO C – CRE





EQUIPAMENTOS

BIBLIOTECA:

- Lugares sentados – 45 (4 mesas redondas com 5 lugares cada e 9 mesas individuais com lugares sentados)
- Áreas funcionais: atendimento, leitura recreativa, trabalho individual, trabalho em grupo, consulta de referência, consulta manuais escolares, exposição e zona de periódicos.
- Equipamentos informáticos: 2 computadores – um no balcão de atendimento com base de dados para catalogação, pesquisa e empréstimo (software: *Porbase*) e outro acessível aos alunos para pesquisa de Internet e base de dados da biblioteca (via Internet).
- Um televisor com leitor de vídeo (utilizado, essencialmente, pelos alunos do ensino nocturno uma vez que as salas específicas de recursos audiovisuais e informáticos não estão abertas à noite).

ANEXO DA BIBLIOTECA

- Fotocopiadora
- Espaço de arquivo de: revistas, vestuário e adereços de teatro (dramoteca), cartazes e material para exposições.
- Dois computadores e duas impressoras para trabalhos em materiais de difusão e jornal electrónico a escola (Novo Arauto Online).

SALA DE RECURSOS AUDIOVISUAIS:

- Equipamentos: 2 leitor de DVD's, 5 TV-leitores VHS (4 individuais e 1 grupal), 1 *scanner* e impressora lazer

SALA DE RECURSOS INFORMÁTICOS:

- 4 computadores para trabalhos – os recursos desta sala, deixaram de ter uma utilização livre, para passaram a estar ao serviço do estudo acompanhado por uma equipa de professores.

MATERIAIS E REGRAS FUNCIONAIS

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

Núcleo da Biblioteca: regime diurno: 9.30 /18.30; regime nocturno: 19.30 / 21.30

Restantes núcleos: manhã - 9 / 12.30; tarde – 14 /17.30

As regras de funcionamento da BE-CRE estão registadas no respectivo REGULAMENTO, colocado com visibilidade em expositor na sala de leitura, havendo ainda um GUIA DE UTILIZAÇÃO actualizado anualmente que fornece informações mais operacionais sobre o funcionamento, equipamento e documentação dos diferentes espaços. A difusão destes normativos é igualmente feita no início de cada ano em sessões de divulgação com todas as turmas do 10º ano. Estas sessões são igualmente aproveitadas para informação sobre o registo de novos leitores na base de dados de empréstimo, a fim de que todos os utilizadores sejam portadores de um cartão quando querem fazer empréstimos para a aula ou casa..

A par do sistema de empréstimo automatizado, que abrange também o manual escolar, coexiste o empréstimo manual de documentos para casa e para aula, uma vez que há sempre situações de alunos que ainda não têm o cartão ou documentos (manuais escolares antigos, por exemplo) que não estão na base de dados; para essas situações, procede-se ao registo em folha própria (“Trago já”) para documentação para aulas, ou em caderno de requisições para empréstimo domiciliário.

RECURSOS HUMANOS

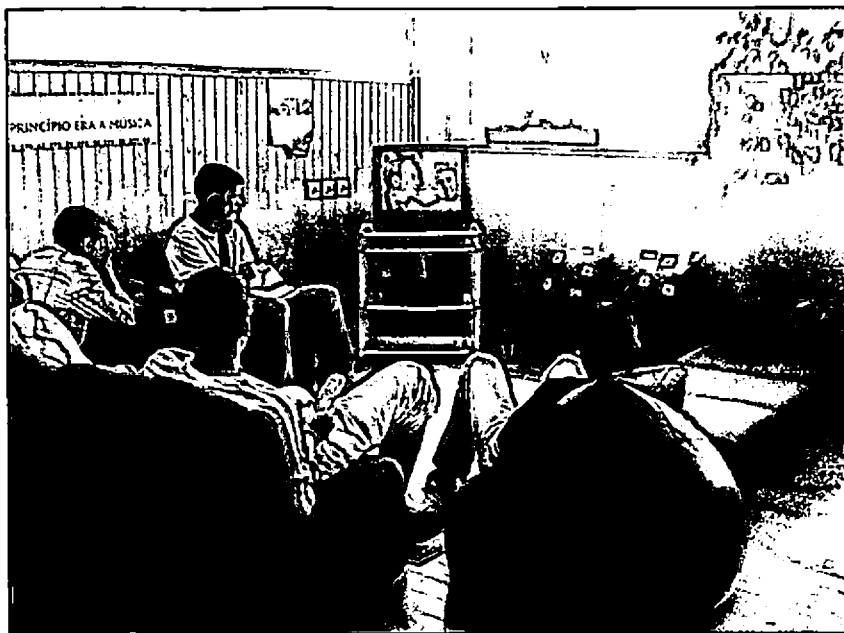
A equipa é constituída por uma equipa de 3 professoras e 2 funcionárias. A coordenação cabe a uma professora com formação em Ciências Documentais que, no ano lectivo de 2006/07, passou a exercer as funções em exclusividade de horário.

RECURSOS FINANCEIROS

As bibliotecas escolares não têm orçamento próprio para gerir, cabendo à gestão central da escola o processo de receber requisições e fazer encomendas destinadas à BE-CRE. No entanto, conforme as dinâmicas e rotinas instaladas em cada estabelecimento de ensino, registam-se diferenças na afectação de verbas para recursos documentais.

Segundo a legislação em vigor, as escolas podem canalizar verbas geradas a nível da papelaria para adquirir documentação para a BE-CRE e essa é a fonte certa de financiamento que existe na ESDS para o efeito; não sendo uma verba certa, permite ir respondendo aos pedidos dos grupos disciplinares e às necessidades manifestadas pela equipa da BE-CRE.

A par deste mecanismo, este organismo tem concorrido regularmente a concursos e projectos financiados pela Rede de Bibliotecas Escolares, a Fundação Calouste Gulbenkian ou o ex-Instituto de Inovação Educacional. Mais uma vez, a gestão dos dinheiros desses projectos é centralizada nos serviços administrativos da escola, para efeitos de requisição, encomendas e pagamentos. Assim, também as receitas geradas a nível das fotocópias não são geridas internamente, mas entregues na secretaria.



C. FUNDO DOCUMENTAL

AValiação QUANTITATIVA DA COLECCÃO:

✓ MATERIAL IMPRESSO – 90%

- Monografias – fundo activo e informatizado – 7357 (dados de 2007)
- Publicações periódicas – 76 títulos mortos e 18 títulos vivos, dos quais existem 13 assinaturas

✓ MATERIAL NÃO LIVRO – 10%

- Registos video – VHS e DVD – 718 unidades
- Registos sonoros – CD's – 147 unidades
- CD-ROM's – 128 unidades
- 6 conjuntos de jogos – (xadrez, damas, dominó, Scrabble, Trivial Pursuit, Othello)
- Diapositivos – (várias centenas de unidades desactivadas)
- Conjuntos documentais – 36 maletas + 45 pacotes

PESO DAS DIFERENTES ÁREAS DO SABER

ÁREA	%	CLASSES CDU	%
Literatura portuguesa	17	Classe 0	23,3
Livro juvenil (ficção e informação)	11,6	Classe 1	4,1
Obras de referência	9	Classe 3	6,6
História	8,3	Classe 5	4,6
Físico-Química	3,7	Classe 6	4,8
Línguas estrangeiras	3,6	Classe 7	4,9
Arte	3,6	Classe 8	26,9
Linguística e Crítica literária	3,3	Classe 9	11
Ciências Naturais	3		
Educação	2,8		
Banda Desenhada	2,8		
Geografia	2,7		
Filosofia	2,5		
Literatura estrangeira	2,5		
Contabilidade, Gestão, Administ.	2,4		
Mecânica	1,7		
Economia	1,3		

Desporto, Lazer	1,3		
Fundo local	0,9		
Sociologia	0,9		
Matemática	0,9		

B2 - AVALIAÇÃO QUALITATIVA DA COLECCÃO:

A documentação em material não livro é, por razões óbvias, relativamente recente e actualizada, uma vez que o documento mais antigo não terá mais de 7 anos de existência. O mesmo não se passa com a documentação impressa, onde há livros centenários e livros acabados de sair do livreiro. Os critérios escolhidos para manter o fundo actualizado foram:

- ✓ Isolar num pequeno sector de “reservados” obras de valor patrimonial, onde se incluem livros raros, encadernações de valor e manuais escolares *históricos*.
- ✓ Colocar no anel superior e inferior da estantaria e em caixotes títulos desactualizados.
- ✓ Reservar o anel central das estantes para a documentação activa e em livre acesso. O número de existências em monografias atrás referido contempla só este sector.

A nível de conservação, coexistem lombadas novas e já datadas nas estantes, mas há a preocupação de, regularmente, mandar para pequenos restauros livros em perigo de manuseio.

FUNDO PARA EMPRÉSTIMO E PARA CONSULTA LOCAL

A nível da consulta local e para aula, todos os documentos podem ser utilizados; para casa, a política de empréstimo tem vindo a ser cada vez mais liberalizada tanto em livros como no sector de multimédia. Até há 2, 3 anos todas as obras de referência e Banda Desenhada não podiam sair para casa; hoje só os dicionários e algumas enciclopédias é que não podem ser emprestadas para casa. Também a documentação audiovisual começou com o empréstimo de cópias de alguns vídeos e hoje é extensiva a CD's e CD-ROM's. Somente os DVD se mantêm para consulta local, mas a tendência é também para o liberalizar.

Na base desta política de abertura e flexibilidade estão duas razões:

- ✓ A consciência de que os suportes documentais (e respectivos equipamentos leitores) são realidades de curta duração.
- ✓ A pressão dos pedidos e a vontade de servir o utilizador.

O tempo de empréstimo é, no entanto variável conforme a situação de procura e o tipo de documentação: para livros de referência (“emprestáveis”), manuais escolares adoptados e documentação de um tema ou assunto em pesquisa o tempo de empréstimo é de 3 dias; para o outro material impresso o prazo é de 7 dias com possibilidade de renovação. CD's, CD-ROM's e cassetes vídeo têm igualmente 3 dias de empréstimo.

Situações particulares:

- ✓ Expositor com livros de ficção na Sala de Professores com sistema de auto-requisição – o professor regista o nome em folha anexo, sendo posteriormente o empréstimo introduzido no computador.

D – CADEIA DOCUMENTAL

POLÍTICA DE SELECÇÃO E AQUISIÇÕES

Estando a biblioteca escolar ao serviço da escola ou agrupamento de escolas, a sua política de aquisições tem de ser definida tendo em conta o universo de utilizadores que serve: quais as preferências dos alunos? Quais as necessidades dos professores? Há bibliografia de apoio aos novos programas? O Projecto Educativo precisa de recursos específicos? Há documentação que agrade aos funcionários da escola?

Nem sempre é fácil articular e coordenar estes diferentes interesses, mas deve haver a preocupação não só de ajustar a oferta à procura, como também de despertar e criar necessidades de consumo documental.

Na BE-CRE da ESDS existe o mecanismo habitual de aceitar as propostas dos grupos disciplinares para actualização documental, mas complementado com outros:

- Contacto regular com livreiros;
- Conselho de Leitura (criado em 2002/03) que reúne alunos (2) e professores representantes de diferentes áreas disciplinares (não forçosamente delegados disciplinares) e com contributos de aquisições para a BE-CRE.
- Idas aos livreiros com alunos, integradas em projectos dos últimos anos.

TRATAMENTO TÉCNICO DOS DOCUMENTOS

Quando a documentação entra nos serviços, vai passar por várias operações técnicas até ser colocada na prateleira para requisição:

- 1ª operação: plastificação do exemplar
- 2ª: carimbagem na primeira página depois da capa
- 3ª: atribuição de um número sequencial no Livro de Registos
- 4ª: atribuição de cota – determinação da notação CDU, de acordo com as subclasses abertas para efeitos de arrumação. (impressão da cota em etiqueta e colagem no exemplar)
- 5ª: catalogação informatizada do documento que inclui já a atribuição de classificação (subcampo 675), atribuição de descritores (bloco 6, especialmente o subcampo 606) e registo de cota no subcampo 966 – (formato UNIMARC – software PORBASE)
- 6ª: arrumação e ordenação na estante por sequência alfabética de autor.
- 7ª difusão – várias são as formas de difusão de acordo com a pertinência do documento. Algumas experiências:
 - comunicação electrónica por -mail aos professores-alvo
 - brochuras de novidades
 - Listagem na sala de professores
 - Conjuntos documentais
 - Exposição em vitrines

Algumas notas sobre opções tomadas:

- **Catalogação** - foi abandonado o catálogo manual desde que, em 1992, se iniciou o processo de informatização dos fundos documentais. As Regras Portuguesas de Catalogação e as ISBD's são os normativos utilizados.
- **Classificação e Cotação** – actualmente a atribuição de notações CDU apoia-se na 2ª ed. Da Classificação Decimal Universal: tabela de autoridade editada pela Biblioteca Nacional (composta por dossiê de folhas móveis actualizáveis), mas

nem sempre as notações CDU (registadas no subcampo 675) são utilizadas na atribuição de cota, por razões de natureza funcional para os serviços e para o utilizador.

- **Indexação** – depois de várias experiências com alguns materiais de trabalho, o instrumento de apoio utilizado nos últimos anos é: *Lista de cabeçalhos de assunto para bibliotecas* de Martine Blanc-Montmayeur e Françoise Danset (Edit. Caminho)

E – SERVIÇOS

Vários são os serviços prestados:

- **Empréstimo presencial, para aula e para casa** de quase todo o tipo de documentação existente, tanto impressa como audiovisual e electrónica (exceptuam-se, conforme já foi atrás referido, o empréstimo domiciliário de documentos em DVD, dicionários e algumas enciclopédias.) Existem ainda núcleos específicos como: Maletas de dicionários (para línguas estrangeiras e língua materna), Maleta de artes, vários conjuntos pedagógicos nas áreas da Língua e Literatura Portuguesa e Biologia, usados essencialmente em situações de aulas por professores e ainda os pacotes “Livros & C” ao serviço da leitura recreativa dos alunos.
- **Consulta local de documentos**, através do livre acesso às estantes ou através da pesquisa em **catálogo informatizado**; este processo de pesquisa é essencialmente mediado pelo funcionário, uma vez que é feito no posto onde se efectua a catalogação e empréstimo; neste momento está em processo a activação do módulo *Pacweb da Porbase*, de forma a que a pesquisa na base seja feita *online* no computador com Internet existente na biblioteca.
- **O apoio à pesquisa** é particularmente acarinhado no serviço com a elaboração de listagens de documentação e/ou caixas com o material para pesquisa de alunos; esta área poderia ser mais rentabilizada se todos os professores que pedem pesquisas aos seus alunos, contactassem previamente com os serviços, para que, com tempo, a documentação pudesse não só ser reunida e controlada na sua requisição (se um conjunto de títulos anda a ser requisitado para trabalhos, o tempo de requisição tem de ser diferente).
- **Serviço de fotocópias**
- **Apoio em Literacia da Informação e Métodos de Estudo** através de dossiê de materiais construído para os alunos e módulos de formação (em situação de aula na disciplina da Área de Projecto no 12º ano) nas áreas da pesquisa, leitura e registo de informação e organização de trabalho de pesquisa.



F – PROMOÇÃO E ANIMAÇÃO DA LEITURA

ACTIVIDADES DE ANIMAÇÃO em 2005/06

Listagem das actividades de animação que envolveram os serviços da BE-CRE em 2005/06:

Formação e informação de utilizadores

- Sessões de recepção com turmas do 10º ano

Animação cultural

- Exposições regulares, temáticas e de novidades
- “*Conversas no Puff Vermelho*” – organização de 6 conversas: “Associativismo juvenil”(16.11.05); “Os livros da Eva e Liliana” (12.12.05); “Os anjos e demónios” de Dan Brown (30.01.06); “Equador” de Miguel de Sousa Tavares (20.02.06); “Ah isto é que é poesia” com um contador de histórias (03.05.06); Encontro de leitores dos Créditos de Leitura (26.05.06)
- Conversas on-line no Fórum da biblioteca sobre livros, música e filmes – em alimentação ao longo do ano.
- Organização de uma Feira do Livro – de 26 a 29 de Abril – presença da escritora Sandra Carvalho.
- Lançamento do BookcrossingESDS – 1º período 2005 – controlado pelo Conselho de Leitura.
- Projecto de aquisição de livros “Da livraria à biblioteca”, com envolvimento de alunos nas escolhas de livros.
- Créditos de Leitura – mecanismo de fidelização de leitores por cartão.
- Colaboração em actividades:
 - Actividades de abertura do ano lectivo.
 - Actividades comemorativas de Eça de Queirós em Leiria – colóquio na biblioteca a apoio documental.

Difusão documental

- Jornal electrónico da escola – Novo Arauto Online – alimentação regular e versão impressa no final do ano.
- Difusão electrónica de novidades de livros e publicações periódicas – para professores.
- Catálogos temáticos impressos e vitrinismo.



ANEXO B

Inquérito

INQUÉRITO

PRÁTICAS DE LEITURA E LAZER NA POPULAÇÃO JOVEM

INTRODUÇÃO

Com este inquérito, pretendem-se obter informações sobre os teus hábitos de leitura e ocupação de tempos livres, que serão integradas num estudo académico no âmbito de uma tese de Mestrado em Educação e Leitura. Responde com sinceridade às questões que te são colocadas, pois não se trata de nenhuma avaliação (repara que o inquérito é anónimo) e só assim este estudo pode chegar a conclusões fiáveis. Agradece-se a tua colaboração.

Quadro 1 – DADOS PESSOAIS

Idade _____ Sexo: Masculino _____ Feminino _____
 Ano de escolaridade _____ Turma _____
 Residência: Freguesia _____ Concelho _____
 Profissão do pai _____
 Profissão da mãe _____

PARTE I – TEMPOS LIVRES

1. Na ocupação dos teus tempos livres, com que frequência praticas as seguintes actividades?

	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca
1.1. Ver televisão				
1.2. Ouvir rádio				
1.3. Ouvir música				
1.4. Ler (jornais, revistas)				
1.5. Ler (livros não escolares)				
1.6. Ir ao cinema				
1.7. Conviver com os amigos				
1.8. Praticar desporto				
1.9. Jogar computador				
1.10. Comunicar via MSN				
1.11. Assistir a eventos desportivos				
1.12. Jogar flippers, máquinas electrónicas, matraquilhos, snooker, bilhar,...				

1.1. Indica ainda a frequência com que tens as seguintes ocupações:

	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca
1.1.1. Assistir a um espectáculo (teatro, concerto, ballet,)				
1.1.2. Visitar um museu ou uma exposição				
1.1.3. Fazer jardinagem ou bricolage				

LEITURA ENTRE OS JOVENS – contributos para uma compreensão

1.1.4. Produzir música, dançar, fazer teatro				
1.1.5. Escrever poemas, crónicas, histórias				
1.1.6. Escrever um diário				
1.1.7. Pintar ou cultivar uma forma de artesanato				
1.1.8. Praticar desporto de competição				
1.1.9. Colaborar num clube ou grupo associativo				
1.1.10. Cultivar uma forma de coleccionismo				
2.. Indica um hobby concreto, interesse ou paixão que ocupe uma parte importante do teu tempo livre:				
3. Globalmente, as tuas actividades de lazer são ocupadas dentro de casa ou fora de casa em contacto social?				
3.1. Maioritariamente dentro de casa				
3.2. Maioritariamente fora de casa				
3.3. Sensivelmente igual				
4. Procura lembrar-te do nome do mais recente...				
4.1 ... filme que viste no cinema				
4.2. ... teatro que assiste				
4.3. ... concerto que ouviste				
4.4. ... livro que leste				
5. O dinheiro da tua mesada ou semanada é gasto nas seguintes despesas/actividades:				
	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca
5.1. Comprar CD's				
5.2. Alugar DVD's, VHS's				
5.3. Frequentar discotecas, bares				
5.4. Transportes, combustível				
5.5. Roupas para vestires				
5.6. Prendas				
5.7. Comprar livros				
5.8. Comprar jornais, revistas				
5.9. Despesas com telemóvel				
5.10. Comida, bebida				
5.11. Outra:				
6. No teu aniversário ou no Natal, qual o presente que mais gostas de receber?				
7. Quando ofereces presentes aos teus colegas e amigos, que escolhas costumavas fazer?				
	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca
7.1. CD's, videos				
7.2. Livros				
7.3. Flores				
7.4. Roupas				

LEITURA ENTRE OS JOVENS – contributos para uma compreensão

7.5. Perfumes				
7.6. Bijuteria				
7.7. Outro:				
8. A nível associativo, pertences ou já pertenceste a algum/alguns dos grupos ou clubes em baixo indicados?				
	já pertenceu	Pertence	Nunca pertenceu	
8.1. Associação recreativa				
8.2. Associação cultural ou artística				
8.3. Organizações e grupos religiosos				
8.4. Associação de estudantes				
8.5. Partido político				
8.6. Equipa ou grupo desportivo				
8.7. Grupo de acção social ou cívica (a nível humanitário, ecológico, etc)				
8.8. Grupo musical (Filarmonia, Banda,)				
9. Se nunca pertenceste a nenhum dos grupos referidos, gostavas ter essa experiência? Se sim, qual ou quais? (Podes utilizar a numeração da questão anterior)				
9.1. Identificas-te com algum grupo alternativo ou tribo com estilo de vida ou hábitos comuns? (por exemplo: punks, freaks, rappers, góticos, surfistas, etc) Se sim, diz qual.				

PARTE II- PRÁTICAS DE LEITURA

10. Quando trabalhas em casa e tens dúvida sobre uma palavra, informação ou dado, como resolves o problema? Escolhe, entre as opções apresentadas, a/s que mais se ajusta/m à tua situação.

- | | |
|---|--|
| 10.1. Consulta, normalmente, um dicionário ou enciclopédia. | |
| 10.2. Esporadicamente, consulto um dicionário ou enciclopédia. | |
| 10.3. Existem esses materiais em casa, mas não os consulto. | |
| 10.4. Não tenho por hábito consultar, nem tenho à disposição esses materiais. | |
| 10.5. Qualquer dúvida, recorro à Internet. | |

11. Relativamente à leitura de jornais e revistas em casa, qual das situações apresentadas se identifica com a tua:

- | | |
|--|--|
| 11.1. Leio normalmente os periódicos que existem lá em casa. | |
| 11.2. Não leio, porque os que existem, não me interessam. | |
| 11.3. Não leio porque não me interessa por esse tipo de leitura. | |
| 11.4. Em minha casa, é raro existir imprensa escrita. | |

12. Se lês jornais e revistas, que tipo de informação te atrai mais?

- | | |
|---------------------------------------|--|
| 12.1. Actualidade regional. | |
| 12.2. Actualidade nacional. | |
| 12.3. Actualidade internacional. | |
| 12.4. Desporto. | |
| 12.5. Informação cultural. | |
| 12.6. Programas de rádio e televisão. | |
| 12.7. Ciência e técnica. | |
| 12.8. Outro. Indica qual. | |

13. Quando precisas ou queres escolher um livro não escolar para leres... (escolhe entre as hipóteses possíveis)

- | | |
|--|--|
| 13.1. Aconselho-me com a minha mãe. | |
| 13.2. Peço ajuda ao meu pai. | |
| 13.3. Sou aconselhado por professores. | |

LEITURA ENTRE OS JOVENS – contributos para uma compreensão

13.4. Recorro à biblioteca da escola.	
13.5. Aproveito as ideias/sugestões dos meus colegas.	
13.6. Escolho um título da estante de casa.	
13.7. Vou à livraria ou quiosque e compro.	
13.8. Não leio nenhum livro que não seja obrigatório pela escola.	
13.9. Peço emprestado.	
14. Dá a tua opinião sobre as leituras obrigatórias que tens de fazer no âmbito da disciplina de Português, escolhendo uma ou mais opções:	
14.1. Obrigam-me a ler livros que, de outra maneira, não teria oportunidade de ler.	
14.2. Fazem-me perder tempo e pouco aproveitamento delas.	
14.3. Os livros dos autores clássicos são uns “chatos”.	
14.4. Não me despertaram o hábito da leitura.	
14.5. Dão-me mais “ginástica” de ideias e palavras.	
14.6. Essas leituras deveriam ser constituídas por títulos e autores recentes e com temas jovens.	
14.7. Não deviam ser obrigatórios, porque os gostos e hábitos não se discutem.	
14.8. Só leio esses livros porque “parece mal” assumir-me como não leitor.	
14.9. Só leio para ter nota.	
14.10. Aprendi a ser melhor pessoa com essas leituras.	
14.11. É raro fazer leituras integrais, mas leio integralmente os resumos.	
14.12. As escolhas que faço no Contrato de Leitura permitem-me crescer como leitor.	
15. Os livros que fazem, actualmente, as tuas preferências são:	
15.1. Os livros de informação e divulgação científica.	
15.2. Os dramas românticos.	
15.3. Os diários.	
15.4. As aventuras fantásticas.	
15.5. Os contos.	
15.6. Os livros sobre problemas da actualidade.	
15.7. Os romances históricos.	
15.8. As crónicas humorísticas.	
15.9. A ficção científica.	
15.10. Os policiais.	
15.11. Os testemunhos humanos e sociais.	
15.12. As biografias.	
15.13. Poesia.	
15.14. Banda Desenhada.	
15.15. Livros de arte.	
15.16. Livros de história.	
15.17. Romances.	
15.18. Contos.	
15.19. Peças de teatro.	
15.20. Outro. Diz qual.	
15.21. Nenhum.	

16. Dos géneros apresentados anteriormente, indica, através da alínea, aqueles que existam em tua casa.

17. Qual a quantidade aproximada de livros, excepto os escolares, que existem em tua casa?	
17.1. 0 livros.	
17.2. 1 a 30 livros.	
17.3. 31 a 99 livros.	
17.4. 100 a 199 livros.	
17.5. Mais de 200 livros.	

LEITURA ENTRE OS JOVENS – contributos para uma compreensão

18. Em média, quantos livros lês por ano?	
18.1. Nenhum.	
18.2. Entre 1 a 5.	
18.3. Entre 6 a 10.	
18.4. Entre 11 a 20	
18.5. Mais de 20.	
19. Quando lês livros de ficção, que tipo de sensações experimentas?	
19.1. Leio, mas não livros de ficção.	
19.2. Gosto da adrenalina da acção.	
19.3. Nenhuma, pois não tenho o hábito de ler.	
19.4. Vibro com as emoções e sonhos dos protagonistas.	
19.5. Gosto de heróis épicos.	
19.6. Prefiro personagens inseguras.	
19.7. Outra.	
20. Que título recomendarias a um colega/amigo? _____	
20.1. Em situações falas sobre livros com os teus colegas?	

21. Quando preparas as tuas bagagens para saíres numas férias ou fim-de-semana, que importância atribuis à inclusão de um livro ou revista na mochila.	
21.1. Não tenho por hábito levar livros.	
21.2. Às vezes incluo uma revista.	
21.3. Procuro incluir um livro, mesmo que não leia.	
21.4. É imprescindível acrescentar um livro à bagagem.	
21.5. Os meus pais recomendam-me sempre não me esquecer de levar um livro.	
22. Se apareces no café ou no clube com um livro não escolar debaixo do braço, qual a recepção dos teus colegas?	
22.1. Invejam os teus hábitos.	
22.2. Passas despercebido.	
22.3. Essa hipótese nunca te passaria pela cabeça.	
22.4. Não te levam a sério e comentam.	
22.5. Sentem curiosidade pelo que andas a ler.	
22.6. Gozam contigo.	
22.7. Integram-te com mais facilidade no grupo.	
22.8. Repudiam-te mais facilmente.	
23. Se a situação se invertesse e fosses tu a reagir a um colega com hábitos de leitura, quais das opções anteriores escolherias?	

24. Se estás a iniciar uma sessão de leitura (não escolar), que motivos te poderiam afastar dessa tarefa?	
24.1. Qualquer um, a partir das primeiras duas páginas.	
24.2. Qualquer um, depois da primeira meia hora.	
24.3. Só um motivo de força maior.	
24.4. O início da telenovela.	
24.5. Um telefonema para sair.	
24.6. Até a música me distrai.	
24.7. Outro. Diz qual.	
25. Analisando para trás o teu percurso de leitor, como te definirias?	
25.1. Sempre tive o hábito de ler.	
25.2. Nunca tive o hábito de ler.	
25.3. Já tive fases que lia, mas agora tenho outros interesses.	
25.4. Sempre consegui conciliar a leitura com o convívio e obrigações.	
25.5. No passado, havia livros para a minha idade que me entusiasmavam; presentemente encontro pouca coisa que me interesse.	
25.6. No ensino básico, os professores faziam actividades de leitura mais interessantes.	

25.7. Os livros são como as camisas: “deixam de servir quando crescemos.”	
25.8. Sinto-me, actualmente, mais maduro nas minhas escolhas de livros.	

PARTE III - PRÁTICAS DE ESCRITA

26. Quando lêes um livro escolar, que tipo de registo costumavas fazer?

26.1. Sublinhados.	
26.2. Resumos.	
26.3. Esquemas.	
26.4. Comentários à margem.	
26.5. Nenhum.	

27. E um livro não escolar de ficção?

27.1. Leitura apenas.	
27.2. Registo-o no meu diário.	
27.3. Comentários à margem, normalmente.	
27.4. Sublinhados dos passos que mais me marcaram.	

28. Fora do contexto escolar, em que situações é que usas a escrita?

28.1. Mensagens no telemóvel.	
28.2. Lista de tarefas diárias.	
28.3. O mínimo possível.	
28.4. Em e-mails.	
28.5. Em fóruns electrónicos.	
28.6. Messenger.	
28.7. Em correio normal.	
28.8. Em registos de diário.	
28.9. Em crónicas pessoais.	
28.10. Outro. Diz qual.	

29. (Se usas recursos electrónicos para comunicar com os teus colegas e amigos, responde às questões deste ponto; caso contrário passa ao ponto 33) Com que frequência utilizas recursos electrónicos?

29.1. Diariamente.	
29.2. Compulsivamente (várias vezes ao dia).	
29.3. Algumas vezes por semana.	
29.4. Raramente.	
29.5. Só quando necessário	

30. Que tipo de mensagens costumavas registar?

30.1. Vulgaridades que me ocorrem.	
30.2. Coisas desaconselháveis a adultos.	
30.3. Troca de informações úteis entre colegas.	
30.4. Solto fantasias que à distância são fáceis de escrever.	
30.5. Coisas que a família e a escola não entende.	
30.6. O mesmo que podia dizer em directo à pessoa a quem me dirijo.	
30.7. Outra.	

31. Comunicas, com mais frequência, com colegas ...

31.1. Do mesmo sexo.	
31.2. Sexo diferente.	
31.3. Indiferente.	

32. O hábito de escrever mensagens contribui para:

32.1. Soltar o hábito de escrever.	
32.2. Soltar os meus pensamentos, sonhos e fantasias.	
32.3. Favorecer o uso de abreviaturas na escrita.	
32.4. Favorecer o hábito de usar estrangeirismos.	
32.5. Libertou a minha escrita sem preceitos de correcção linguística.	
32.6. Criou-me mais hesitações quando na escola tenho de escrever correctamente.	
32.7. Outra.	

33. Que contributos pode ter a escrita (em geral) no teu processo de leitura?	
33.1. Ajuda-me a entender melhor o conteúdo.	
33.2. Permite-me analisar melhor as ideias.	
33.3. Não costumo fazer registos.	
33.4. São uma perda de tempo.	
PARTE IV – ESCOLA E BIBLIOTECA	
34. Qual a tua actual situação escolar?	
34.1. Transitei com média global situada entre 10-12	
34.2. Transitei com média global situada entre 13-14	
34.3. Transitei com média global situada entre 15-17	
34.4. Transitei com média global situada entre 18-20	
34.5. Estou a repetir todo o ano.	
34.6. Estou a repetir algumas cadeiras do 12º ano.	
34.7. Outra situação.	
35. Com que frequência costumas ir aos espaços de recursos e apoio da tua escola? (Assinala a letra correspondente)	
35.1. Biblioteca:	A.diariamente B.algumas vezes C.raramente D.nunca
35.2. CRE:	A.diariamente B.algumas vezes C.raramente D.nunca
35.3. AFA:	A.diariamente B.algumas vezes C.raramente D.nunca
36. Que tipo de rotinas te prendem à Biblioteca?	
36.1. Trabalhos de casa.	
36.2. Consultas para aulas e trabalhos.	
36.3. Leitura de livros não escolares.	
36.4. Leitura de jornais e revistas.	
36.5. Requisição de manuais escolares e/ou dicionários.	
36.6. Requisição de livros para casa.	
36.7. Leitura de Banda Desenhada.	
36.8. Convívio com colegas.	
36.9. Internet.	
36.10. Outra. Estudar antes dos testes	
36.11. É raro ir à biblioteca.	
37. Se costumas requisitar livros para casa, já tens cartão de Créditos de Leitura da Biblioteca?	

38. Faz um comentário relativamente ao tipo de livros disponíveis na biblioteca para leitura em casa.	


39. Nesta última questão, podes deixar aqui alguma sugestão de livro, filme ou música que pudessem ser adquiridos na BE-CRE.	

Renovamos o agradecimento à tua colaboração nas respostas a este inquérito que, certamente, irá estreitar mais a ponte de ligação da escola e da biblioteca ao universo dos teus interesses. Obrigado.	




ANEXO C

Inquérito sobre Métodos de Estudo

INQUÉRITO SOBRE MÉTODOS DE ESTUDO

QUESTÕES				
1. Sobre o estudo		2. Sobre a leitura	3. Sobre tempos livres	4. Sobre o aproveitamento escolar
	1.1. N.º de horas de estudo diárias	2.1. Frequência de leitura de livros não escolares	3.1. Ocupação de tempos livres	4. Segredo do êxito escolar
	1.2. Método de estudar	2.2. Último livro lido	3.2. Conciliação estudo/lazer	
	1.3. Recursos da pesquisa de apoio			
	1.4. Trabalhos de investigação			

RESPOSTAS

 <p>João Tiago Pinto</p>	1.1. Uma a duas horas diárias de estudo	2.1. Não costumo.	3.1. Computador, televisão, música.	4. Estar atento nas aulas e procurar ter presente a matéria das várias disciplinas através, por exemplo, dos trabalhos de casa.
	1.2. Leitura do manual e fichas cedidas pelo professor.	2.2. (sem resposta)	3.2. Não.	
	1.3. Internet.			
	1.4. Não muito.			
 <p>Pedro Manuel Lopes</p>	1.1. Consumo cerca de uma hora diária.	2.1. Sim, em média um livro por período.	3.1. Jogar no computador, navegar na Internet e ler.	4. Não há segredos, mas estar com atenção nas aulas, pode poupar-nos muitas horas de estudo em casa.
	1.2. Resumo, habitualmente e, por vezes, uso esquemas.	2.2. <i>O Código Da Vinci</i> de Dan Brown.	3.2. Não.	
	1.3. Internet.			
	1.4. Sim, quando o tema é interessante.			
 <p>Maria João Gonçalves</p>	1.1. Normalmente, duas horas.	2.1. Sim, 4 a 5 por ano.	3.1. Ver filmes e ouvir música.	4. Organização e estar atento nas aulas pois assim já não precisamos de tanto tempo para estudar em casa.
	1.2. Esquemas, resumo de textos em tópicos, apontamentos das aulas.	2.2. <i>Equador</i> de Miguel de Sousa Tavares	3.2. Não.	
	1.3. Às vezes, consulta de outros manuais.			
	1.4. Sim, desde que não seja em altura de testes. Com as investigações saímos da rotina e aprendemos.			



Pedro Miguel Lopes

- 1.1. Três a quatro horas diárias de estudo.
- 1.2. Leio a matéria, sublinho e interiorizo o mais importante.
- 1.3. Diciopédias.
- 1.4. Sim, é a forma de chegarmos a conclusões próprias.

- 2.1. Sim, 1 a 2 livros por mês, depende do período escolar.
- 2.2. *Baunilha e chocolate* de Sveve Casati Modignani.

- 3.1. Cinema, televisão e leitura.
- 3.2. Muito, gostaria de ter mais tempo livre.

4. Trabalho e empenho: duas palavras indispensáveis para obter bons resultados..



Rodolfo Henrique

- 1.1. Sou irregular, mas normalmente só o tempo de fazer os TPC's.
- 1.2. Apontamentos e manual adoptado.
- 1.3. Sim, para trabalhos de grupo e relatórios, através da Internet e biblioteca da escola.
- 1.4. Não muito.

- 2.1. Muito raramente.
- 2.2. Completo: *O Código Da Vinci* de Dan Brown. Incompleto: *Os Maias* de Eça de Queirós.

- 3.1. Tocar guitarra, estar com amigos, e computador.
- 3.2. Bastante, pois não gosto de trabalhar sob pressão para mostrar o que valho a terceiros. Tenho alguma dificuldade em iniciar o estudo e em concentrar-me.

4. Não tenho segredo, mas aconselho a que façam um horário de estudo, estudem paralelamente à matéria dada em cada disciplina e não deixem tudo para antes do teste.





Rafael Garrido

- 1.1. Em média, 3 a 4 horas, exceptuando os domingos.
- 1.2. Começo por sublinhar o mais importante, agrupo a matéria, resumo-a e passo-a a limpo. Por vezes, estudo também esquemas e outras tabelas.
- 1.3. Sim, em manuais de outros anos e livros auxiliares.
- 1.4. Sim, é a forma de aprendermos mais sobre um assunto, faz-nos utilizar as TIC e explorar fontes bibliográficas como revistas, livros e enciclopédias. Desenvolve ainda o espírito de criatividade, entreajuda e cooperação no grupo

- 2.1. Sim, em aulas, cerca de um livro de dois em dois meses e, nas férias, um por mês.
- 2.2. *A namorada dos meus sonhos* de Mike Goyle. Agora, preparo-me para ler *O crime do Padre Amaro* de Eça de Queirós, por motivos escolares.

- 3.1. Principalmente estar com os amigos. Além disso, vejo TV, leio, ouço música, jogo computador, etc.
- 3.2. Não, nenhuma! Há tempo para tudo, basta consciencializarmos que há momentos para trabalharmos e outros para nos divertirmos.

4. Deus deu-nos uma arma: as nossas capacidades intelectuais. Só temos que cuidar dela, trabalhá-la, desenvolvê-la, utilizá-la quando necessário e guardá-la para nova utilização. Na ausência desta arma, as exigências tornam-se maiores, mas o trabalho e estudo conduzirão, sempre, a bons resultados.

 <p>Luis Miguel Caseiro</p>	<p>1.1. Cerca de trinta minutos diários.</p> <p>1.2. Tiro apontamentos das aulas e preparo resumos da matéria para estudar antes dos testes.</p> <p>1.3. Às vezes, uso a Internet.</p> <p>1.4. Depende do tema, mas por vezes sim, é uma boa maneira de aprender.</p>	<p>2.1. Sim, mas quase só nas férias e um por período.</p> <p>2.2. <i>Anjos e demónios</i> de Dan Brown.</p>	<p>3.1. Jogos no computador, filmes...</p> <p>3.2. Não.</p>	<p>4. Não, apenas perceber a matéria, em vez de apenas a decorar.</p>
 <p>Diana Patrícia Ascenso</p>	<p>1.1. Uma média de duas a três horas diárias de estudo</p> <p>1.2. Faço, diariamente, resumos da matéria, sublinho o mais importante e consulto outros livros, além de manuais.</p> <p>1.3. Sim, utilizo a Internet e a biblioteca, quer municipal, quer escolar.</p> <p>1.4. Às vezes, depende do interesse do objecto de estudo a investigar.</p>	<p>2.1. Dois livros por mês, mais ou menos.</p> <p>2.2. <i>Entre amigas</i> de Alessandra Appiano.</p>	<p>3.1. Costumo praticar desporto, ver televisão, ouvir música e navegar na Internet.</p> <p>3.2. Sim, tenho, porque a escola "exige" uma grande parte do meu tempo extra-escolar.</p>	<p>4. Não tenho nenhum segredo em especial, penso que, para conseguir um bom aproveitamento, é necessário empenho, dedicação, estudo diário e gosto pela novidade e sabedoria..</p>

Faculdade de Psicologia
e Ciências da Educação
Universidade de Lisboa
BIBLIOTECA